

# Afirmativa

ANO 4 - Nº 20 - AFROBRAS / UNIPALMARES

*plural*



# Educação, presente!

# Conselho de Clientes

## Idéias:

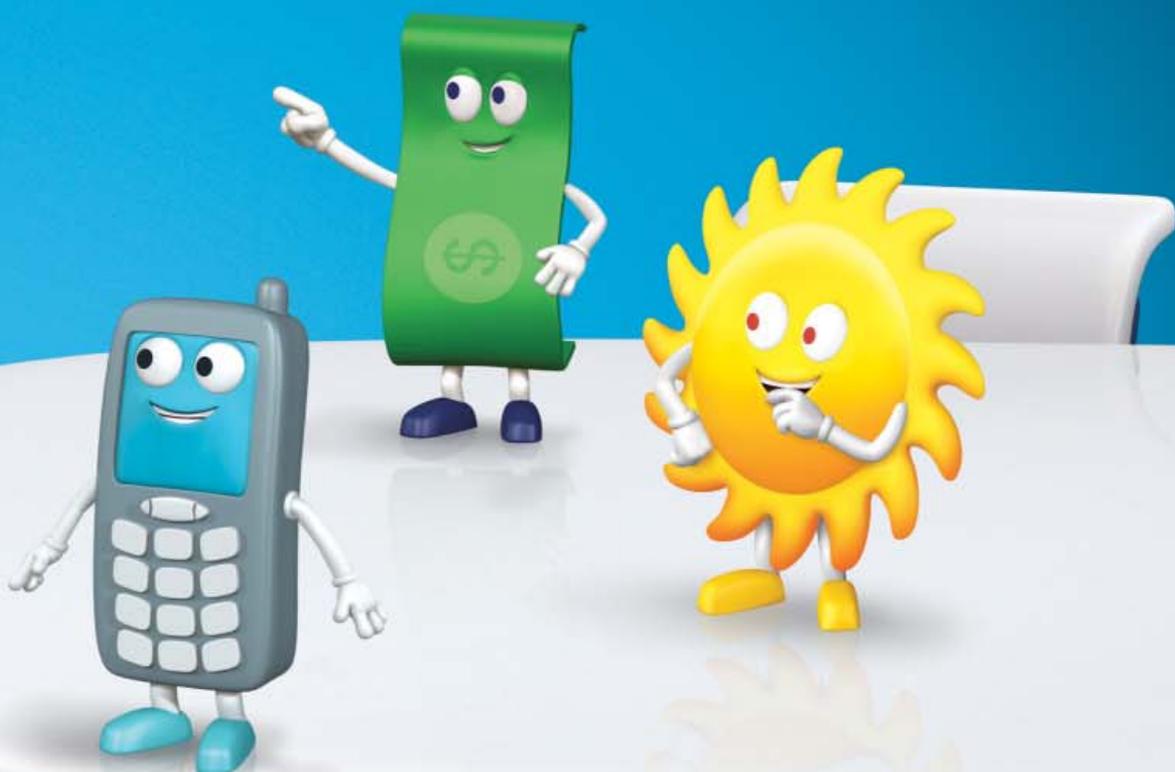
- Fazer um banco mais rápido pela internet ✓
- Criar um canal para reclamações e sugestões: o Viva Voz ✓
- Divulgar o Conselho de Clientes ✓



Atendendo ao pedido do Conselho de Clientes, aqui está o anúncio para divulgar que no Unibanco tem um Conselho de Clientes.

O Unibanco foi construído ouvindo o que os clientes têm a dizer, e só um banco assim poderia ser o primeiro a criar um conselho formado exclusivamente por eles. Desde 2005, o Conselho de Clientes reúne-se trimestralmente com nossos diretores para apresentar sua visão crítica sobre o que o Unibanco precisa fazer para ser um banco ainda melhor. Uma idéia tão boa que o próprio Conselho sugeriu que fosse divulgada. Todo ano é escolhido um novo grupo de clientes que deixaram sugestões, críticas ou reclamações na nossa Central de Atendimento. Quer fazer parte? Ligue, dê sua contribuição e você poderá ser chamado.

Conheça mais sobre o Conselho de Clientes do Unibanco: acesse o site [www.unibanco.com.br/conselhodeclientes](http://www.unibanco.com.br/conselhodeclientes). Para dar sua contribuição, ligue 4002-0030 (capitais e regiões metropolitanas) ou 0800-7223030 (demais localidades).



**UNIBANCO**

Nem parece banco.

<b>Entrevista Especial</b>	
José Aristodemo Pinotti .....	8
<b>Educação</b>	
Cotistas provam mérito .....	10
Avaliação positiva na UERJ .....	14
Artigo Timothy Mulholland .....	20
Entrevista Ademir Cardoso.....	22
Artigo Cristovam Buarque .....	26
Artigo Fausto Antonio .....	28
Vaga Reservada .....	30
Artigo Milú Villela .....	36
Artigo Antonio Penteado Mendonça .....	38
A Força da Unipalmes .....	42
<b>Mercado de Trabalho</b>	
Programa Unipalmes se propaga pelo país .....	44
Competência revelada .....	56
<b>Esporte</b>	
No pódio contra a discriminação .....	58
<b>Perfil</b>	
Ouro negro na história .....	61
Cavaleiro negro .....	64

<b>Comportamento</b>	
Artigo Drauzio Varella .....	68
Pesquisa Genética divide opinião .....	70
Artigo Sérgio D. J. Pena .....	74
Artigo Maurício Pestana .....	76
<b>Cidadania</b>	
Artigo Maria Célia Malaquias .....	78
<b>Cultura</b>	
Agenda Cultural .....	80
<b>Plural</b>	
Artigo Paiva Netto .....	82
<b>Empreendedorismo</b>	
Alfabetização no canteiro de obras .....	84
<b>Responsabilidade Social</b>	
Instituto Avon .....	86
<b>Economia</b>	
Artigo Marcos Cintra .....	88
<b>Opinião</b>	
Rosenildo Ferreira .....	89
<b>Palavra do presidente</b>	
Educação para a liberdade.....	90



**Afirmativa Plural** é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural e da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares - Centro de Documentação, com periodicidade bimestral. Ano 04, Número 20 - Rua Padre Luiz Alves de Siqueira, 640 - Barra Funda - São Paulo/SP - Brasil - CEP 01137-040 - Tel.(55-11) 3392-6005.

**Conselho Editorial:** José Vicente, Francisca Rodrigues, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Francisco Canindé Pegado do Nascimento, Jarbas Vargas Nascimento, Humberto Adami, Felice Cardinali, Sônia Guimarães. **Direção Editorial e Executiva:** Jornalista Francisca Rodrigues (Mtb.14485 - francisca@afrobras.org.br); **Redação e Publicidade:** Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação (mim@maximagemmidia.com.br) Tel.(11) 3392-6005. **Redação:** Zulmira Felício - **Editora** (Mtb. 11.316 zulmira.felicio@globlo.com); Demetrius Trindade (Mtb.30.177 - demetrius@afrobras.org.br); J. C. Santos, Cintia Sanchez (**Fotografia**), Taise Oliveira - **Secretária de Redação**.

**Colaboradores:** Rodrigo Massi, Rosenildo Gomes Ferreira, Maurício Pestana, Ana Luiza Biazeto, Daniela Gomes e Juçara Braga.

**Capa:** Foto Getty Images. **Editoração eletrônica:** Alvo Propaganda e Marketing (revistas@alvopm.com.br). **Impressão e Acabamento:** HR Gráfica e Editora.

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras/Unipalmes. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

## Uma edição de Ouro

Esta edição da Afirmativa Plural é especial, por muitos motivos, mas vou citar apenas alguns. Especial por que trazemos uma matéria com Diogo Silva, atleta de taekwondo, negro, primeiro brasileiro a ganhar uma medalha de ouro nos jogos Pan-Americanos, realizados no mês de julho no Rio de Janeiro. Diogo nos encheu de orgulho. Vibramos duplamente – pela medalha e por ele, que conseguiu ultrapassar todas as barreiras para alcançar o sucesso. Diogo é aquele atleta que citamos na edição anterior na matéria “O protesto dos Panteras Negras”, na qual dissemos que ele, nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, fez o mesmo gesto dos integrantes do Movimento Negro Americano nos Anos 60, em protesto contra o racismo. Mas nessa matéria não saiu uma foto do Diogo, simplesmente porque

Isso mostra que cotas podem ser uma opção. “Ninguém vê racismo na realidade atual onde brancos ocupam, às vezes, 90% das vagas”, diz Ademir Cardoso, ex-prefeito de Vitória/ES.

Especial por que a Unipalmarens realizou o primeiro vestibular para o curso de Direito, que teve a aprovação da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e o único a ser indicado para ser aberto na cidade de São Paulo neste semestre.

Especial por que o programa de parceria desenvolvido pela Unipalmarens para inclusão do afrodescendente no mercado de trabalho, e que começou com as maiores instituições financeiras do Brasil como executivos juniores desde seu início em 2004, já é um sucesso comprovado, que dá frutos com a efetivação de muitos estagiários e com a propagação do programa para outros

não conseguimos encontrar, nem nos jornais, nem nas agências de fotografias. Agora é diferente. O Diogo está em toda parte, e nos enche de orgulho.

Especial por que também no Pan tivemos negros se superando em esportes que os especialistas sempre afirmaram não termos “perfil” para tal. É o caso do cavaleiro Rogério Clementino e do Gabriel Mangabeira, da natação.

Especial por que resolvemos fazer um balanço das cotas para negros e saber como estão os alunos que ingressaram nas universidades por esse sistema. Especial por que constatamos, para nossa alegria, que eles são excelentes alunos, que a história da meritocracia é só uma desculpa dos que querem impedir o progresso de um povo que só não cresce por falta de oportunidade. Em nosso balanço, constatamos que estes alunos estão além do esperado em seus estudos, em suas notas.

estados e municípios brasileiros.

Os alunos da Unipalmarens e de outras universidades que estão sendo beneficiados através desse programa de inclusão darão um salto definitivo para a emancipação em suas vidas.

Como diz o senador Cristovam Buarque, o Brasil teme a emancipação, por isso há séculos usa cotas. Elas trazem avanços inegáveis, porém tímidos, sem mudanças estruturais. Avanços pequenos, mas que evitam saltos. Mas já são avanços, e como o negro é guerreiro ele saberá usar todas as oportunidades que estão sendo colocadas, sejam com que nome for – cotas, ações afirmativas, recorte de notas, projeto de inclusão – para dar o salto maior e ganhar a medalha de ouro, aquela que mudará a sua vida e a de todos ao seu redor.

Boa leitura a todos!

**Francisca Rodrigues**  
*Editora-executiva*

ditorial



RESPONSABILIDADE  
SOCIOAMBIENTAL

# Bradesco **mp**leto

É o primeiro banco brasileiro a implantar seu próprio programa de controle de emissão de CO<sub>2</sub> na atmosfera.

*Uma das 120 razões para  
você ser cliente Bradesco.*

Desde novembro do ano passado, o Bradesco implantou o Programa de Neutralização de Carbono para medir sua emissão de gases de efeito estufa e neutralizar o impacto de suas ações na atmosfera. Graças a essa iniciativa inédita, 37 mil árvores serão plantadas este ano, em uma primeira fase, para compensar a emissão em sua sede, auxiliando no combate ao aquecimento global, somando-se aos 21,5 milhões\* de mudas já destinadas pelo Bradesco para o reflorestamento da Mata Atlântica.

Acesse o site: [www.120razoes.com.br](http://www.120razoes.com.br)



**Bradesco**

Por ano, 400 mil alunos do ensino médio se formam no estado de São Paulo. As três universidades públicas juntas, oferecem apenas 19 mil vagas. Desse total, quatro mil vagas são ocupadas por alunos vindos do ensino público. Ou seja, apenas 1% desses jovens conseguem entrar nas universidades públicas e gratuitas. Nessa entrevista concedida à Afirmativa Plural, José Aristodemo Pinotti, ex-secretário de Ensino Superior do Estado de São Paulo, fala sobre essa e outras questões que envolvem educação, saúde, infra-estrutura, e elementos importantes para o desenvolvimento do país.

**Afirmativa - As Universidades dos Estados da Bahia, do Rio de Janeiro e de Brasília foram as primeiras a aderirem ao sistema de cotas. O senhor acompanhou esses processos?**

**Pinotti** - Sim, com muita atenção, pois entendo que para sair da discriminação tem de haver por parte dos governos políticas de ações afirmativas. Isso já aconteceu de uma forma positiva em vários países do mundo. O sistema de cotas foi o primeiro a ter coragem de romper com o vestibular nas universidades públicas, que acaba medindo muito mais as condições financeiras dos concorrentes do que propriamente as suas vocações, a sua garra etc.

**Afirmativa - De 2002/03 o que mudou nesse cenário? A procura de cotas tem sido maior pelos alunos no ato da inscrição no vestibular?**

**Pinotti** - O que mudou fundamentalmente foi que – uma vez rompido o vestibular com o sistema de cotas – surgiram aprimoramentos desse sistema como aquele que foi implantado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e o que está sendo implantado na Universidade de São Pau-

# Na busca de oportunidades iguais

*Por: Zulmira Felício - Editora*

lo (USP) que inclui as cotas, mas que privilegia os alunos provenientes do ensino público dando um bônus especial a eles.

**Afirmativa - Foram feitos estudos comparativos do “antes e depois” da introdução das cotas? Quais foram os resultados?**

**Pinotti**- Conheço os resultados da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Unicamp. Na UFRJ os alunos que entraram por cotas tiveram a mesma performance daqueles que entraram sem o favorecimento das mesmas. Já na Unicamp, os alunos contemplados com o bônus (que inclui a cota), tiveram uma performance melhor que os não bonificados. Em 31, dos 55 cursos, eles foram melhores do que os alunos que entraram no vestibular sem bonificação.

**Afirmativa - Como os alunos cotistas têm se posicionado nos estudos? E no campo profissional, existe alguma avaliação?**

**Pinotti** - Os dados que acabei de mencionar indicam que as pessoas têm ca-

pacidade de recuperar o tempo perdido. Aliás, essas pessoas não devem ser culpadas por terem ficado para trás, mas sim as políticas públicas que não foram suficientes para oferecer oportunidades iguais. No campo profissional ainda é cedo para avaliar. Mas imagino que teremos as mesmas surpresas agradáveis como nos vestibulares da UFRJ e Unicamp.

**Afirmativa - Há alguma providência a ser tomada para tornar esse sistema mais eficaz e/ou abrangente?**

**Pinotti** - Na Unicamp e na USP fizeram aprimoramentos. Mas ainda falta muito, pois precisamos dar mais oportunidade aos alunos que vêm do ensino público. As oportunidades não passam por um aumento de vagas de forma irresponsável nas universidades de pesquisa, que têm de manter sua excelência e, por isso, devem ter suas vagas, muito gradativamente, incrementadas. Mas passam por outras formas de oferecer oportunidade para esses jovens egressos do ensino público – afrodes-

centes ou não – por meio de propostas que estão em estudos, como os *campi* Verticais da Universidade Estadual Paulista (Unesp), o ensino a distância e a ampliação substantiva de vagas nos cursinhos, como a que estamos concretizando agora.

**Afirmativa - O que o senhor tem a dizer do sistema de cotas implantado em outros países? Há exemplos que podem servir para a nossa realidade?**

**Pinotti** - Nos EUA o combate à discriminação contra afrodescendentes passou por cotas não só em universidades como em instituições públicas, privadas, culturais etc. E o resultado foi bom.

**Afirmativa - Quais medidas deveriam ser tomadas de modo a promover a integração social e racial no País não somente focadas no ensino superior no que se refere ao ensino básico e aos cursos técnicos?**

**Pinotti** - É preciso desenvolver um amplo projeto de tempo integral nas escolas públicas para os alunos mais carentes. Não vejo nenhuma outra possibilidade para fazer com que essas crianças tenham as mesmas oportunidades que as outras. Os cursos técnicos devem estar associados ao ensino médio e não se pode tirar de quem termina o curso técnico associado ao ensino médio a oportunidade de dar continuidade a suas aspirações profissionais. Para isso é fundamental o ensino a distância, uma vez que ele permite ao trabalhador cursar o ensino universitário. Em síntese, é preciso que o Governo Federal tenha, muito claramente como meta, uma política de desenvolvimento humano, caracterizada, adequadamente, pela ONU. O Brasil está em 67º lugar no IDH. Em outras palavras, tem de haver uma mudança no conceito e na prática do desenvolvimento.



*José Aristodemo Pinotti*

**Afirmativa - Um estudo do Ministério da Educação aponta que seriam necessários 8% do PIB para a Educação, enquanto o Brasil investe somente a metade. O que o senhor tem a dizer sobre isso?**

**Pinotti** - Não só concordo como tenho a solução. O governo gasta, de todo o seu orçamento, 31% em previdência, e não pode gastar menos, uma vez que o número de idosos dobrou nesses últimos 20 anos e o percentual do orçamento diminuiu. Mas ele gasta 44% dos seus recursos para o pagamento de juros da dívida que vem crescendo astronômica e já ultrapas-

sa um trilhão de reais. Sobram 25% para o resto. Entretanto, o resto é tudo que temos de importante: saúde, educação, moradia, segurança, habitação, infra-estrutura, aeroportos etc. Porém, se diminuíssem os juros pela metade, ou se alongasse o pagamento da dívida, ou ambas as coisas, e passássemos a pagar apenas metade do que se paga de juros para os rentistas, nós poderíamos, tranquilamente, dobrar os recursos da Educação, da Saúde, da infra-estrutura, enfim, de todas as coisas importantes para o desenvolvimento do país, gerando empregos e desenvolvimento humano. ■

# cotistas provam mérito

*Por: Zulmira Felício - Editora*

A cota para a inclusão do afrodescendente no ensino superior é um instrumento paliativo e polêmico. Não importa se vai durar cinco, 10 ou 15 anos; se acolhe negros, índios, mulheres ou a população de baixa renda; ou, ainda, reserva 5%, 20% ou 40% das vagas. Tudo isso é importante, além do fato de as cotas defenderem boa parte da

população brasileira que ficou à margem das oportunidades de estudo, saúde e mercado de trabalho. Por si só, as cotas representam mérito. Mérito daqueles que lutam pela sua aceitação e implantação a fim de diminuir as diferenças. “É preciso tratar de modo diferente os desiguais”, defende Ivete Alves do Sacramento, professora títu-

lar da Universidade do Estado da Bahia, que durante oito anos foi reitora da Universidade Federal da Bahia, numa alusão do pouco (ou do quase nada) reparado à população brasileira afrodescendente nesses últimos 119 anos. Em 2002, foram dados os primeiros passos para a inclusão dos negros no ensino superior pelas Universidades do

Estado da Bahia (UNEB), Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Estadual do Norte Fluminense (UENF). A UNEB, com 22 mil alunos reservou, em 2003, 40% das vagas para negros. Pesquisa da reitoria mostrou que, após um ano, esses estudantes tiveram nota média 7,7; os demais tiveram média 7,9. Com resultados semelhantes, com 1.800 graduandos, a UENF disponibilizou no primeiro ano 50% das vagas para alunos da rede pública e 40%, para negros e pardos.

Primeira negra brasileira reitora de uma universidade, Ivete Sacramento, que sempre trabalhou a favor das cotas, lembra que no Brasil não importa a coloração da pele, pois na formação do povo há o elemento africano. “Hoje temos 10 mil alunos cotistas ingressos em todas as universidades públicas em Salvador e em outros 24 municípios. A maior vitória dessa ação afirmativa é o brasileiro se autodeclarar afrodescendente”, ressalta.

### Gêmeos não invalidam vestibular

Depois que essas universidades abriram suas portas para o sistema, foi a vez da Universidade de Brasília (UnB) – a primeira instituição federal de ensino superior – a adotar as cotas para negros. “Temos aproximadamente 1.800 alunos cotistas. Em 2014, prazo de vigência do programa, teremos cumprido a meta de 20% dos alunos da UnB oriundos das cotas”, diz Timothy Mulholland, reitor. Devido ao fato de ser a primeira universidade federal a aderir às cotas, a UnB foi duramente atacada. “Ora porque a democracia racial já seria um fato consumado; ora porque os negros, que são facilmente identificados para fins de censo ou exclusão, não poderiam sê-lo para fins de inclusão; ora porque a



*Ivete Sacramento*

concentração massiva deles nas favelas e nas cadeias seria uma questão de renda e não de discriminação”, desabafa Mulholland.

Por questões como essas, vez ou outra a UnB assume as páginas dos jornais. No final do primeiro semestre foram inscritos 3.791 candidatos para o sistema de cotas no segundo vestibular deste ano. Desses, foram aprovados 2.263, com 31% de reprovação. Sesenta e nove pessoas entraram com recurso e, em 23 casos, a banca de seleção voltou atrás. Dentre eles, o caso

dos irmãos gêmeos Alex e Alan Teixeira da Cunha que se tornou conhecido em todo o País. Alan foi aceito como negro e o irmão, não. A decisão foi através de fotos.

“O sistema de seleção funcionou perfeitamente. O recurso do segundo irmão foi acolhido e ele participou normalmente como cotista da prova do vestibular. Parte da mídia decidiu explorar o resultado parcial do processo para atacar o sistema de cotas da UnB e cotas em geral. A intensidade dos ataques revela a profundidade da intole-

rância existente para com a inclusão racial no Brasil”, diz o reitor da UnB, reforçando que o episódio não traz prejuízos ou altera a credibilidade da instituição, pois o vestibular e o processo de seleção já se encontram amadurecidos. Além de centenas de jovens negros preparados para a universidade, as cotas também trouxeram pessoas com dificuldades financeiras para permanecerem na instituição. A UnB trabalha em prol da ampliação de mecanismos que assegurem essa permanência. Ainda, segundo Mulholland, sempre que houver necessidade, a instituição fará os aperfeiçoamentos necessários.

No Sul, novas adesões

Do conjunto de 57 universidades federais do País, 28% já têm cotas no seu

vestibular. Estima-se que até o fim deste ano o número de cotistas nas federais chegue a 14 mil. Segundo o Ministério da Educação, 579.587 alunos se matricularam nas federais, em 2005. Na rede estadual, com 34 universidades, a adesão foi maior: 18 delas – mais da metade – têm cotas. No total, somando as duas redes e mais uma escola técnica federal que também adotou o sistema, já são 35 instituições públicas. Recentemente, três outras instituições engrossam essa lista. São elas: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Segundo José Carlos Ferraz Hennemann, reitor da UFRGS, após a decisão tomada pela instituição, o sistema de co-

tas foi adotado pela Universidade Federal de Santa Maria. Também se deve considerar que a discussão sobre a implantação de medidas afirmativas remonta desde o início de 2004, quando “nos comprometemos com a comunidade universitária no sentido de encaminhar a discussão. Com o amadurecimento do debate, fruto de reuniões, seminários e o trabalho da Comissão Especial, o assunto chegou ao Conselho Universitário que aprovou a implantação de cotas na UFRGS”.

Após ouvir especialistas de universidades que já possuem cotas, a UFRGS chegou ao modelo adaptado próprio. O sistema será implantado a partir de janeiro do próximo ano e se estenderá até 2013. A UFSC reservará 20% de 4.095 vagas para egressos de escolas públicas e 10% para afrodescendentes da rede pública. Conforme a universidade, o número de estudantes negros e pardos equivale a 4% do total. Desses, cerca de 18% são da rede pública.

#### Assistência estudantil

No projeto encaminhado ao Congresso, pelo MEC, há quase quatro anos, as instituições federais de ensino superior devem reservar, no mínimo, 50% das vagas para estudantes do ensino médio na rede pública; parte dessa reserva deve ser preenchida por jovens que se autodeclararam negros ou indígenas. A proporção deve equivaler à presença de negros e índios na sociedade local. Entretanto, as instituições criam e adotam seus próprios modelos. Por exemplo, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) não tem cotas. “Optamos por um sistema próprio que consideramos mais seguro para a inclusão: o Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social (Paais)”,

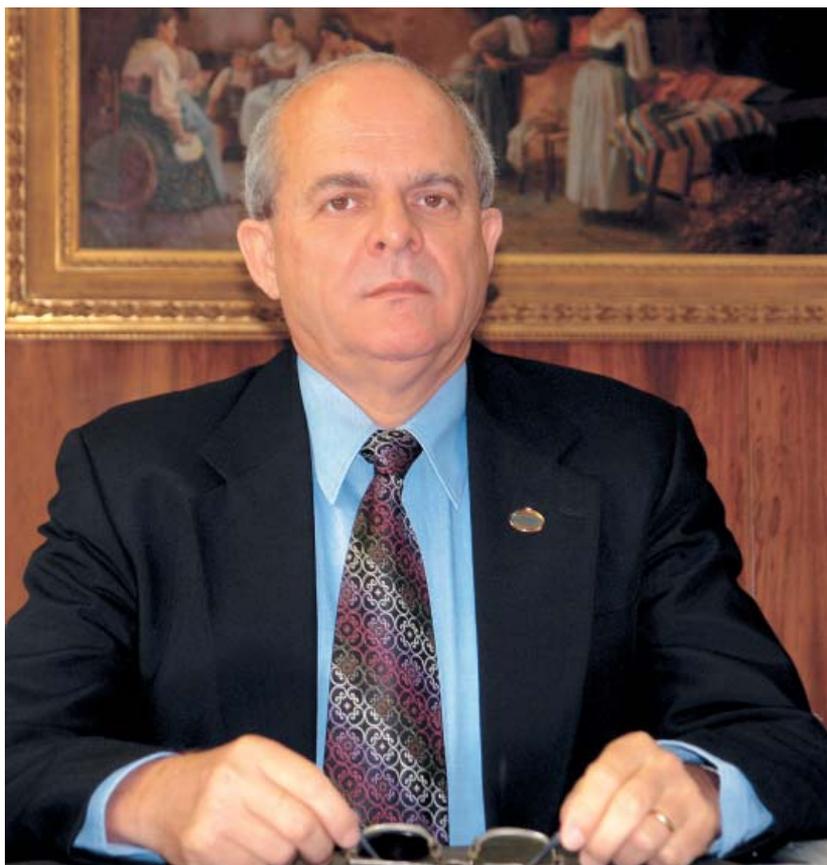


Foto: Divulgação

José Carlos Ferraz Hennemann

afirma o reitor prof. dr. José Tadeu Jorge, comprovando através dos números que a instituição está no caminho certo. “Quando iniciamos esse trabalho – que completará quatro anos em 2008 – tínhamos 9% de autodeclarados pretos, pardos ou indígenas e hoje esse percentual cresceu significativamente para 16%. O número de jovens vindos de escolas públicas de 28% saltou para 35%”. O reitor destacou, também, que os beneficiados pelo programa apresentam em quase todos os 57 cursos melhora no desempenho acadêmico em relação ao vestibular. “Acompanhando esses alunos que ingressaram através do programa, observamos uma melhora substancial no desempenho o que prova que potencial eles têm, é preciso uma chance para ingressarem numa universidade”, justifica.

“Realmente, o resultado tem sido muito positivo”, comenta Leandro Tessler, coordenador do vestibular, e explica que a Unicamp adiciona pontos aos candidatos dos grupos-alvos do programa de ação afirmativa. Isso ocorre desde 2005, ou seja, em três vestibulares.

Foto: Divulgação



Leandro Tessler

De acordo com a Unicamp, o Paais tem como objetivo não somente a inclusão social, mas o desempenho acadêmico superior do seu alunado e o uso adequado do investimento que o Estado faz na universidade. “Formar todos os alunos da Unicamp em um



José Tadeu Jorge

ambiente rico em diversidade permite uma formação melhor. Assim sendo, gostaria que todo o debate fosse mais centrado em ação afirmativa e menos em cotas”, conclui Tessler.

#### Por esse Brasil afora

É bom destacar que as cotas têm caráter emergencial e agem sobre um tipo de exclusão racial específico: o racismo. “Elas são uma realidade e não têm volta, contribui para que o indivíduo tenha coragem de se impor, rompa a barreira do serviçal e alcance patamares mais elevados, cresça”, afirma Ivete Sacramento. Daí a necessidade premente de um ensino superior de qualidade, com professores capacitados e uma infra-estrutura adequada. Se cada um fizer a sua parte, sem dúvida, diminuirão as distâncias que separam irmãos brasileiros, quer pela cor da pele, quer pelas condi-

ções socioeconômicas. Exemplos de medidas adotadas por algumas instituições de ensino por esse Brasil afora:

- Universidade Federal do Piauí (Ufpi): 5% de reserva para alunos oriundos da rede pública, não leva em conta a questão étnica;
- Universidade Federal de Alagoas (Ufal): 20% das vagas – seleção étnica por autodeclaração.
- Universidade Federal de Tocantins (UFT): cotas somente para índios.
- Universidade Federal de Mato Grosso (Ufmg): vagas extras para índios em alguns cursos.
- Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) – a primeira universidade pública no Estado de São Paulo: a trabalhar com cotas de 10% para estudantes da rede pública ou bolsistas integrais de escolas privadas; preferência para afrodescendentes. ■

avaliação

positiva

na  
QUERU

*Por: Juçara Braga, especial para Afirmativa Plural*



Prof. José Ricardo Campelo Arruda

A poucos meses de completar cinco anos de implementação do sistema de cotas para alunos oriundos da rede pública de ensino, e quatro anos especificamente para negros, portadores de necessidades especiais e indígenas, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) está formando sua primeira geração de alunos cotistas. O sistema está consolidado, mas os cotistas ainda não ocupam todas as vagas que lhes são reservadas.

De 2003 até agora, 8.591 estudantes foram classificados no vestibular da UERJ pelo sistema de cotas. Até o final do ano passado, 7.309 estavam efetivamente matriculados, ou seja, 31,78% em um universo de 23 mil alunos. Embora a comparação seja imperfeita, pois o número de cotistas matriculados este ano ainda não está disponível, é possível observar que o espaço ocupado por eles é bem inferior aos 45% de vagas reservadas pela legislação estadual.

Apesar disso, a avaliação de alunos, professores e defensores de ações afirmativas no ensino superior é positiva. Claramente, pelo menos uma questão apontada como possível consequência negativa da adoção desse tipo de política já tem resposta. A universidade não teve seu padrão alterado em função da presença de alunos teoricamente menos preparados por virem de escolas públicas, cujo ensino, nos últimos anos, tem se degradado devido à falta de investimentos de sucessivos governos municipais e estaduais. A informação do sub-reitor de Graduação da UERJ, José Ricardo Campelo Arruda, é confirmada pela estatística Maria Alice Antunes Barbieri, que está coordenando um trabalho de avaliação do sistema de cotas desde sua implantação, no vestibular de 2003. Esse estudo deverá ser concluído até o final deste ano.

Embora ainda não tenha tabulado todos os dados, Maria Alice antecipa que “o aproveitamento dos cotistas no período analisado é excelente”. Como exemplo, ela cita uma estudante que ingressou em 2003 e concluiu o curso de quatro anos em apenas três, mesmo enfrentando duas greves de professores nesse período.

### Denegrir avalia sistema de cotas

A falta de divulgação, a concorrência do ProUni, que abre vagas nas universidades privadas para alunos carentes, e as limitações da bolsa oferecida aos cotistas são os principais entraves ao avanço do sistema de cotas, na opinião dos estudantes reunidos no Coletivo de Estudantes Negros e Negras da UERJ – Denegrir. Com o ProUni, muitos universitários optam por faculdades privadas pela possibilidade de estudar perto de casa

e redução do custo de transporte, segundo Moacir Carlos da Silva, aluno de Economia na UERJ e integrante do Denegrir. Essa opção, diz ele, acaba levando o candidato a cursos de menor qualidade do que os oferecidos pelas universidades públicas.

Outra questão apontada pelo Denegrir é o fato de a legislação não permitir que o estudante que tem acesso à bolsa oferecida pelo sistema de cotas (R\$ 190,00

na UERJ) concorra a outras bolsas. Na opinião de Moacir, esta deveria ser uma bolsa de permanência, não vinculada a outras oportunidades associadas a estágios ou pesquisas.

De qualquer forma, os estudantes do Denegrir vêm, no sistema de cotas, uma ação afirmativa, “fruto da luta histórica do movimento negro”, como explica Moacir, mesmo apontando a necessidade de ajustes na legislação.

De qualquer forma, foi criado, na UERJ, o programa Proiniciar que oferece reforço em diversas matérias, realiza oficinas e eventos culturais e, segundo o professor Arruda, “é voltado para superar as carências dos alunos”, e é aberto a todos que desejem participar e não apenas aos cotistas.

Além do campus principal, no bairro de São Francisco Xavier, zona norte do Rio, a UERJ tem quatro unidades, sendo uma na Baixada Fluminense e as demais nos municípios de Resende, São Gonçalo e Friburgo. Os cotistas, segundo o professor Arruda, estão presentes em todas elas, porém, uma vez matriculados na universidade, são vistos como qualquer outro estudante, não havendo tratamento diferenciado.

### Cotas mudam o perfil das universidades

A principal marca da política de cotas nas universidades é a diversidade que, agora, se vê nas salas de aula, especialmente nos cursos antes reservados às elites, como Direito, Engenharia, Medicina, Desenho Industrial e Arquitetura. A opinião é do coordenador do Programa Políticas da Cor na Educação Brasileira, da UERJ, Renato Ferreira. “Antes não víamos negros nem estudantes com a cara do povo nessas salas de aula. Agora, eles estão lá”, afirma Renato, lembrando que, anteriormente, as vagas nesses cursos eram disputadas por alunos de cursinhos famosos e escolas particulares tradicionais.

O sistema de cotas acabou com essa reserva de mercado, estabelecendo a diversidade que, para Renato, é importante em qualquer área, mas, sobretudo, na Educação. Nos demais cursos, segundo ele, a UERJ, independentemente das cotas, já absorvia estudan-

tes com perfil popular. Trabalhadores, pobres e negros já faziam parte do dia-a-dia da universidade.

A avaliação é confirmada pelo professor Arruda, que destaca a perspectiva social da UERJ, com 80% de seus cursos também ministrados à noite e uma gestão voltada para “a melhoria da qualidade de vida da comunidade e construção de uma sociedade mais justa”. Para estudante da periferia que chega à universidade graças ao sistema de cotas, Renato avalia que, nos dois primeiros períodos, “ele fica um pouco cambaleante já que o volume de informação é muito grande, mas depois não quer mais sair, pois vê a diferença em relação à própria família”. Em médio prazo, diz ele, essa diferença será mais visível ainda nos filhos dos cotistas. Ou seja, abre-se, concretamente, uma via para a inclusão social conseqüente e de forma contínua.

As cotas, na opinião de Renato, abrem um novo leque de opções para a universidade, “pois o cotista logo começará a questionar a grade curricular, vai querer saber por que não há, por exem-

plo, aulas sobre a história da África”. E isso, segundo ele, poderá se disseminar por todo o País, levando a uma releitura da própria história do Brasil. O Mapa das Ações Afirmativas no Ensino Superior, elaborado pelo Programa Políticas da Cor na Educação Brasileira, revela que 29 universidades públicas já adotam ações afirmativas para negros no País. A maioria adota a autodeclaração como forma de identificar os candidatos ao sistema. Em alguns casos, o requisito é apenas ser negro; em outros, há também limite de renda máxima e/ou exigência de que o aluno seja oriundo da rede pública de ensino. Na UERJ, 20% das vagas são para negros, 20% para alunos oriundos da rede pública de ensino e 5% para portadores de necessidades especiais e indígenas.

### Sonhar é possível

Mariane Oliveira tem 20 anos e entrou na UERJ com 18 anos pelo sistema de cotas. Ela mora em Campo Grande, subúrbio do Rio, o pai é rodoviário e a mãe, do lar. Ambos sempre insistiram



Foto: Divulgação

Mariane Oliveira

*Anísio Souza Borba*

para que ela e os dois irmãos mais novos estudassem e essa postura fez toda a diferença. Mariane e os irmãos sempre cursaram escolas públicas. Hoje, ela está no 2º ano de Direito e é estagiária no Programa Políticas da Cor. Um dos irmãos ingressou no curso de Engenharia da UERJ em 2006, também pelo sistema de cotas.

Mariane e o irmão estudaram em casa, buscando ajuda de vizinhos professores, pois seus pais não tiveram recursos para pagar o curso pré-vestibular. No caso dela, o esforço foi dobrado, pois o curso regular de segundo grau foi prejudicado por duas greves longas de professores nos dois últimos anos do curso.

Como observa o coordenador do Programa Políticas da Cor, Renato Ferreira, cursar uma universidade faz

diferença e Mariane se depara com ela na própria família: um primo, que começou a trabalhar aos 13 anos e encerrou a fase de estudos ao se formar no 2º grau.

Para a menina humilde da periferia, a universidade, no início, “foi um choque”. A principal dificuldade foi acostumar-se com a grade curricular já que ela não havia tido, no 2º grau, algumas matérias que poderiam lhe dar uma base melhor. Mais uma vez, o esforço pessoal levou Mariane a superar as barreiras.

De forma mais ampla, a maior dificuldade de Mariane é lidar com o preconceito de colegas que temem que os cotistas baixem o nível do curso. Alguns, contrários ao sistema de cotas, já usaram esse argumento com ela que, não tem dúvida: os cotistas estão

provando que isto não ocorre. O caminho não é fácil, mas Mariane não desiste e vai em busca de seu sonho. “Eu pretendo ser juíza. Vou atuar, primeiro, como advogada na área penal para defender negros e pobres porque a situação do negro é complicada devido à discriminação. Moro próximo a uma favela e a polícia já chega batendo. Isso é errado. Quero ser advogada para não permitir que isso aconteça”, afirma Mariane com a simplicidade de quem sabe que não é fácil transformar sonhos em realidade, mas também sabe que não é impossível.

Abrindo portas

Anísio Souza Borba tem 23 anos, ficou órfão ainda criança e foi criado pelos tios na comunidade da Maré, zona norte do Rio. Como todos os jo-



Foto: Divulgação

Aline Cristina de Oliveira

// As cotas são boas porque obrigam as pessoas a pensarem no assunto. //

*Aline Cristina de Oliveira*

vens nascidos e criados em favelas, Anísio convive diariamente com a violência, mas diz não ter sido atingido pessoalmente por ela. Aluno do 3º ano do curso de Ciências Sociais da UERJ, Anísio fez o curso pré-vestibular mantido pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré.

Aluno de escola pública, ele admite que nunca havia pensado em cursar uma universidade até ser instigado por amigos a se inscrever no curso pré-vestibular. A escola na vida dele começou tarde. Enquanto vivia com o pai, não ia à escola. Foi alfabetizado somente com oito anos, quando passou a morar com os tios que o matricularam e, sem filhos, se dedicaram ao sobrinho. A aprovação no vestibular resultou em festa na família. A chegada à universidade foi uma vitória, mas encarada com restrições por alguns dos novos colegas universitários que, sem pudores, deixavam claro o que pensavam: “Ah! Você não merece”. Essa restrição, segundo ele, abrandou, mas olhares desconfiados persistem e os grupos “dos demais” não se abrem para os cotistas.

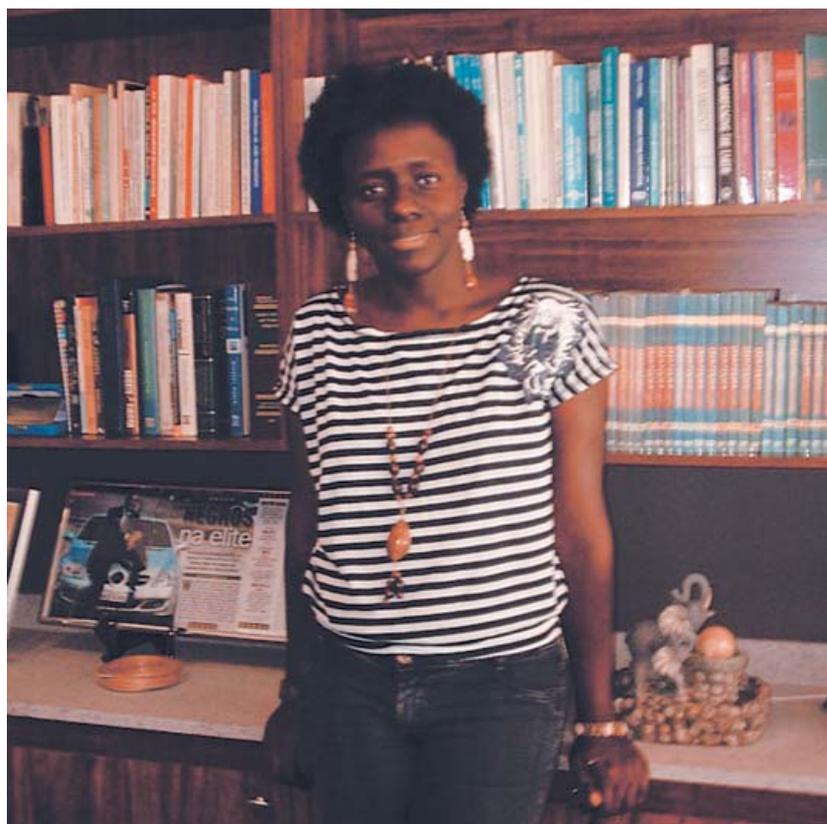


Foto: Divulgação

Luciene Marcelino

Anísio avalia que, hoje, os cotistas estão mais unidos, o que os fortalece. Além disso, há o grupo Denegrir, criado pelos alunos para provocar o debate sobre a questão da cor. Sobre as cotas, Anísio avalia que “o mais importante é o conhecimento que adquirimos, abrindo portas para que novas gerações busquem novos espaços para acabar com o preconceito”.

Cota faz pensar no assunto

Aline Cristina de Oliveira, 22 anos, cursa o 8º período de Filosofia na UERJ, faz Direito na UniRio e já passou pela UFRJ. Entrou na UERJ pelo sistema de cotas e, ali, começou a conviver com negros. Ela considera o clima na UERJ diferente, favorável ao debate sobre a questão da cor, situação que não percebe nas outras duas universidades. “As cotas são boas porque obrigam as pessoas a pensarem no assunto”, diz Aline.

Luciene Marcelino, 29 anos, tentou o vestibular na UERJ pelo sistema de cotas, mas não conseguiu, pois não teve sua declaração socioeconômica aprovada. O problema aconteceu com várias pessoas que entraram com ação coletiva na Justiça, mas, até hoje, não obtiveram resposta do Poder Judiciário. Diante disso, ela prestou novamente o vestibular em 2005, fora das cotas, e foi aprovada para o curso de Pedagogia.

O sistema de cotas, na opinião de Luciene, está avançando, mas falta apoio financeiro. O valor da bolsa oferecida pela UERJ é baixo (R\$ 190,00) e Luciene diz que é preciso intensificar a luta por um valor mais adequado à realidade do estudante que precisa pagar alimentação e transporte. ■

## Cotas abrem caminho para outras ações afirmativas



*Humberto Adami*

O avanço do sistema de cotas é visível por uma questão muito simples, na opinião de Humberto Adami, presidente do Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (IARA): os alunos cotistas estão se formando. As cotas, diz ele, “serviram de instrumento para descoberta do Brasil sobre o qual não se fala, o Brasil das desigualdades raciais” e abrem as portas para inúmeras outras ações afirmativas em diversas circunstâncias.

O debate sobre as cotas, de acordo com o advogado, possibilitou discutir a presença (ou ausência) de afrodescendentes no Exército, na Igreja Ca-

tólica e no Itamaraty, por exemplo. O IARA está solicitando à Procuradoria-Geral da República que investigue a desigualdade racial nessas instituições. Há também ações semelhantes dirigidas a empresas públicas e privadas. Além disso, cresce a cobrança pela aplicação da Lei 10.639/2003 (História e Cultura Afro-Brasileira), que determina, como obrigatória essa cadeira nos ensinos fundamental e médio. “A implementação dessa lei permitirá que se reescreva a história do Brasil. Há muitas coisas não contadas. A lei remete a um encontro do Brasil consigo mesmo”, reflete Adami.

# inclusão

*Por: Timothy Mulholland, Reitor da Universidade de Brasília*

## Conseqüente

Avolumam-se as estatísticas sobre a exclusão social no Brasil. É um fato triste e inegável, que nos coloca mal no ranking das nações, especialmente concentrado sobre os eixos de gênero e de cor ou raça. O Brasil não alcançará um futuro digno sem implementar um processo sério e efetivo de inclusão, se não por uma questão de justiça, pelo pavor das inevitáveis conseqüências de ignorar os fatos e de tentar abafar ou confundir o debate.

A Universidade de Brasília está fazendo o que lhe cabe. Em 2003, implantou o Plano de Metas para a Integração Social, Étnica e Racial, envolven-

do cotas para estudantes negros e a matrícula de indígenas, entre outras medidas. Já tinha implementado programas para portadores de necessidades especiais, de acesso alternativo ao vestibular e de permanência de estudantes de baixa renda, além de numerosos projetos de extensão universitária junto às populações excluídas da região e além. Agora, se expande fisicamente pelas vizinhanças menos favorecidas para abraçar o Distrito Federal e o Entorno. A política de inclusão da UnB é clara e conseqüente, e os resultados dessas iniciativas comprovam sua adequação e sucesso.

O compromisso da UnB é com a democracia e os direitos humanos. Desde as suas origens, é identificada com a luta pelo convívio pacífico e solidário e o pleno gozo de direitos. As medidas citadas são conseqüência dessa posição e colaboram com o acesso dos historicamente excluídos à universidade e, por conseguinte, ao conhecimento e aos espaços do poder. A receptividade a essas medidas foi positiva no geral, mas a inclusão de negros na universidade foi alvo de resistência. Só a de negros. A UnB, também por ter sido a primeira universidade federal a adotar o sistema



Timothy Mulholland

de cotas, foi duramente atacada. Ora porque a democracia racial já seria um fato consumado; ora porque os negros, que são facilmente identificados para fins de censo ou exclusão, não poderiam sê-lo para fins de inclusão; ora porque a concentração massiva deles nas favelas e nas cadeias seria uma questão de renda e não de discriminação (“são negros por serem pobres”, é a incrível implicação). Essas e outras pérolas vieram dos intelectuais da exclusão – que agregam à sua lógica deturpada a distorção dos fatos, a desonestidade intelectual e a deslealdade acadêmica. O que bus-

cam, na verdade, é a manutenção do *status quo*, que o privilégio da educação superior pública continue sendo passado de pai para filho sob o manto do “mérito”, alcançado apenas nas melhores e mais caras escolas e cursinhos.

O atentado a fogo contra a vida de 10 estudantes africanos negros da UnB reacendeu os debates. O que vemos em parte da mídia é uma tentativa de afastar os termos “racismo” e “xenofobia” do caso, sem que as investigações tenham sido concluídas. Essa atrocidade inconclusa e suas implicações são de uma gravidade que

transcende o que as investigações vierem a estabelecer. É essencial punir exemplarmente os culpados, mas não é o suficiente. Este caso exige uma reflexão profunda sobre a garantia dos direitos humanos, à justiça social, a tolerância e a solidariedade que terão que prevalecer no mundo se nós queremos outro futuro que a conflagração. A começar pela universidade. A UnB se une aos que clamam por uma igualdade que saia do papel e passe a ser a realidade entre nós, com todas as nossas diferenças – a riqueza maior deste país. ■

# “Ninguém vê racismo quando brancos ocupam 90% das vagas”

\*Por: Cláudia Feliz – [cfeliz@redgazeta.com.br](mailto:cfeliz@redgazeta.com.br)

Diretor Administrativo e Financeiro do Procon, ex-vereador e ex-prefeito de Vitória (ES), Ademir Cardoso sabe que é uma exceção. Negro, filho de pais pobres, que cursaram só até o antigo primário, desde garoto ele foi educado para superar barreiras. Cursou Direito e Geografia, foi vereador pela primeira vez aos 18 anos, e está certo de que é preciso que se estabeleça uma política de compensação para que negros tenham acesso à escolaridade superior e a bons empregos no país. Para Ademir, as cotas podem ser uma opção. “Ninguém vê racismo na realidade atual, onde brancos ocupam às vezes 90% das vagas”, critica ele.

## **Como o fato de ser negro interferiu na sua vida?**

Fui educado para superar barreiras. Minha mãe, dona de casa, e meu pai, escriturário da Vale - tesoureiro da Igreja Batista de Jardim América, ele fez o curso primário - tiveram seis filhos. Sempre estudei em escola pública, que tinha um bom ensino, e por isso nela estudavam pessoas de melhor poder aquisitivo. Naquela época, escola particular era popularmente conhecida como pagou, passou. No Colégio Estadual, onde fiz o ginásio e o científico, na década de 60 eu era um dos poucos negros. Nessa época, no Brasil, os negros eram netos ou bisnetos de es-

cravos. Considerando que as pessoas viviam bem menos do que hoje, o espaço das gerações era menor. Sou filho de pai negro e de mãe miscigenada - negro com português.

## **Como seus pais lidavam com a questão racial?**

Perdi quatro irmãos, todos com doença falciforme. Perdi meu pai aos 12 anos, e minha mãe ficou só comigo e com a minha irmã, Miriam. Mas ela não descuidava. E dizia sempre que nós éramos bonitos. Não nos permitiu pensar em deixarmos de estudar.

## **O senhor fez dois cursos superiores . . .**

Sim, Direito e Geografia, e isso certa-

mente tem a ver com a orientação da minha mãe sobre os estudos. Advoguei durante quatro anos - fiz Direito porque queria ser doutor -, mas me apaixonei pelo magistério. Dei aulas por mais de 30 anos.

**O fato de sua mãe ter ficado viúva e seus irmãos terem sofrido, doentes, o fez ser mais dedicado aos estudos?**

Meus irmãos sofreram muito com a doença. Da rua, dava para ouvir seus gritos de dor. Eu não tinha vontade de voltar para casa... Minha mãe era exigente com a escola, e dizia sempre que não precisávamos ter vergonha da nossa cor, das nossas origens. Nasci em Itaquari, e quando meu pai morreu fomos para Jardim América. Lá, meus quatro irmãos morreram, um atrás do outro. Ficamos só eu e a Miriam. Lembro que a mãe do meu melhor amigo, que era negro, dizia para ele: “Filho, esse negócio de faculdade não é para gente, não”.

**O senhor credita aos seus pais sua consciência de raça e a determinação para vencer barreiras na vida?**

Sim, com certeza. Na nossa casa havia um eixo, que era a dona Jovita. Com todas as adversidades, ela não permitia que fraquejássemos. Mas há também a questão religiosa, que é fundamental. Quem não tem um nome para proteger ou um Deus para acreditar, degrading, porque os valores estão perdidos. Noventa por cen-

to dos meus colegas do bairro, daquela época, não concluíram os estudos por falta de estímulo. Não viam o estudo como fator de emancipação, principalmente para o negro. Eu e a Miriam sempre tivemos uma visão da questão racial muito forte. O negro, por direito, precisa ter seu espaço ga-

penção. Junto com a lei que aboliu a escravidão seria preciso dar condições de as pessoas, livres, continuarem vivendo, produzindo.

**Para que não permanecessem num contexto de exclusão...**

Claro. Os escravos tinham como se alimentar, se abrigar, mas depois da liber-

tação ficaram desamparados. Saíram das áreas rurais e foram para as urbanas, dando origem às primeiras favelas. Alguns faziam pequenos serviços para os brancos, outros passaram a ser os desocupados, todos sem futuro.

E essa população foi aumentando, sem perspectiva. Hoje, a diferença de escolaridade de negros para brancos se mantém a mesma de 1900, segundo o Ipea.

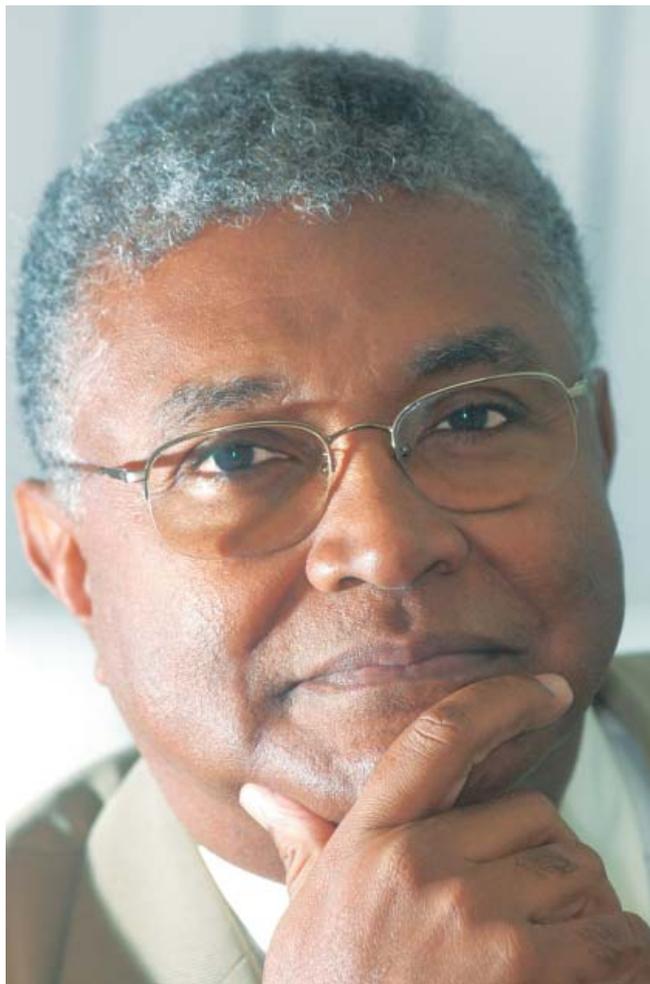
**Um estudo do sociólogo do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro Carlos Antônio Ribeiro mostrou que a cor só interfere no acesso à escolaridade e a trabalho quando as pessoas chegam ao terceiro grau.**

Eu não concordo. Quem vai às lojas de maior padrão, onde a comissão de vendas é mais alta, observa que é mínimo o percentual de negros vendedores.

Em outras atividades onde não se exige escolaridade mais elevada, acontece o mesmo.

**O programa da Oprah Winfrey, no canal GNT, mostrou uma pesquisa feita por uma jovem negra americana que exibiu duas bonecas para crianças negras, pedindo para que**

Foto: Carlos Alberto da Silva



Ademir Cardoso

rantido na sociedade.

**Qual sua análise da questão racial no Brasil?**

Todos os problemas, inclusive a má distribuição de renda no Brasil, têm origem racial. Basta ver a história. A abolição da escravatura foi feita sem que se estabelecessem regras de com-

**elas apontassem a mais bonita. As crianças indicaram a branca, e demonstraram constrangimento por se parecerem com a negra.**

Porque o perfil preferido é o europeu: cabelos lisos, nariz afilado. O que é uma mulher bela na concepção brasileira? Lá em casa recebemos intercambistas. Um deles, uma australiana de pele bem branca, disse que a nossa TV não reflete na tela o povo brasileiro que se vê nas ruas.

**O senhor já se sentiu rejeitado por ser negro?**

Já vivi muitas situações. Mas eu acho que o brasileiro não tem preconceito individual. Branco casa com negro, convive, joga bola junto. Nosso problema é institucional. A beleza é branca, que é vista como a cor do bem. Se nossos conceitos de pureza e beleza são brancos, o preto representa o oposto. Negro é sinal de coisa feia. Isso fica no inconsciente das pessoas.

**Mas e as suas experiências?**

Numa determinada ocasião, estava no escritório onde advogava com outro colega, uma pessoa me perguntou: “Os advogados já chegaram?”, achando que eu era o atendente. No fórum, fui chamado para atuar num sumário de acusação, e o juiz perguntou a uma testemunha se ela conhecia os acusados. Ela olhou, e disse: “Eu conheço esses quatro, mas aquele lá eu não conheço não”. O aquele lá era eu, de terno e gravata. Em outra ocasião, depois de uma inauguração, como prefeito de Vitória - porque Luiz Paulo Vellozo Lucas havia viajado -, aguardava com dois seguranças a chegada do motorista quando uma senhora, aparentemente perdida, me perguntou: “O senhor que trabalha como segurança aqui, me diz como é que eu

faço para chegar...”.

**Como o senhor vê a definição de cotas para negros no ensino universitário público?**

Não tem que ter cotas só porque a origem da pessoa é negra.

Tem que se ver quem é o discriminado. É a pessoa negra com as características físicas típicas: cor da pele, cabelo, nariz. Essa, por não compor o quadro de beleza estabelecido pela sociedade, tem menos oportunidade.

**Há quem defenda cotas para egressos do ensino público, independentemente da raça.**

A escola técnica fez isso, estabelecendo 20% de vagas para escola pública. Vá lá. Eu fiz questão de fazer o levantamento, já que a maioria dos alunos era egressa da rede municipal de Vitória. Sabe de onde? De Jardim da Penha, Jardim Camburi, e de outros bairros de bom padrão. De modo geral, alunos brancos ou de pele clara. Negros com traços de brancos enfrentam menos dificuldade de conseguir um emprego numa loja.

**Existem pessoas que temem pela intolerância racial.**

Já pensou num movimento pela redução das cotas dos brancos nas universidades públicas? Porque alguma coisa está errada, já que a vantagem percentual deles nos espaços de ensino, de trabalho, é enorme, às vezes chega a até 90%. Eu sou exceção, mas isso não desmerece a tentativa de se mudar o quadro que está aí. O fato é que a sociedade não vê racismo na realidade atual. A solução é estabelecer cotas? Não sei. Mas a sociedade não pode achar que o que está aí é normal, com brancos tendo mais acesso à universidade, a empregos melhores. E quem fala contra isso é visto, é apon-

tado como racista. Como o país quer crescer se um percentual altíssimo de sua população, por causa do seu aspecto físico, por causa da sua etnia, não tem acesso a tudo o que deve ser disponível para todas as pessoas?

**Então, o que fazer?**

É preciso tirar o atraso histórico. O que a história fez é preciso reparar. Com dinheiro? Não acho, mas é preciso fazer algo. Na Nova Zelândia os indígenas são protegidos com legislação especial nas universidades, nos empregos. Os negros foram trazidos forçados para o Brasil, e foram responsáveis pelo fortalecimento da nação, mas num determinado momento, acabaram sendo descartados. Em algumas áreas, os europeus que imigraram para o Brasil ganharam terras. Isso não é cota? Na década de 1970, os filhos de fazendeiros tinham cotas reservadas para cursar agronomia. E não havia protesto.

**A baixa auto-estima leva ao processo de “branquização”?**

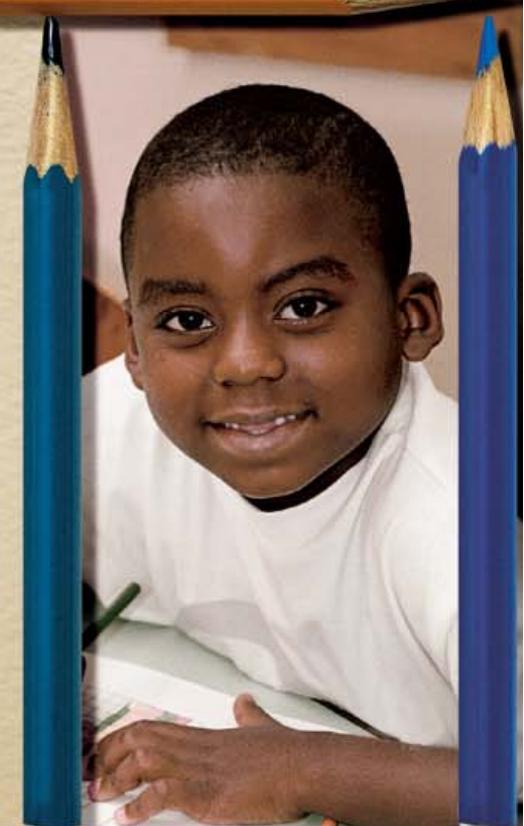
Na periferia, a maioria dos jovens negros não quer ser negra. Imagine alguém que cresce ouvindo que seu cabelo é feio, é ruim, que seu nariz é feio, é chato, e também venha de uma família desestruturada. Um menino que não veja possibilidade de sua aceitação no mundo formal é facilmente absorvido pelo tráfico de drogas. Se a sociedade não se debruçar sobre essa situação, não teremos futuro.

Dois problemas sérios se entrelaçam no Brasil. A questão racial e a questão da ética, que é cultural. Um país que não se preocupa com igualdade e com ética não tem futuro. ■

\* *Gazeta de Vitória* - 01/06/07.



# Todos os brasileiros com Educação de qualidade até 2022. Assuma este compromisso.



O Todos Pela Educação é uma aliança da sociedade civil, da iniciativa privada e de gestores públicos da Educação, com o propósito de mobilizar e comprometer o Brasil para que até 2022, no bicentenário da Independência, todas as crianças e jovens tenham acesso a uma Educação básica de qualidade.

Educação é poder.  
É poder ler o que está à nossa frente.  
Poder escrever nossa história.  
Poder decidir nossos passos.  
Poder ensinar a pensar.  
Poder entender o mundo e saber mudá-lo.  
Educação é poder crescer.

Um país ignorante não tem poder.  
É escravo de si mesmo, condenado eternamente à dependência.  
Só a Educação liberta.  
Uma Educação de qualidade para todos os brasileiros, sem exceção.  
Cada um de nós precisa se comprometer com as 5 metas da Educação, para que em 7 de setembro de 2022, o Brasil possa comemorar a verdadeira independência.

Isto não é um sonho. É um compromisso:  
**TODOS PELA EDUCAÇÃO.**

## METAS

### Em 7 de setembro de 2022:

- 1 - todas as crianças e jovens de 4 a 17 anos estarão na escola;
- 2 - toda criança de 8 anos saberá ler e escrever;
- 3 - todo aluno aprenderá o que é apropriado para sua série;
- 4 - todos os alunos vão concluir o Ensino Fundamental e o Médio;
- 5 - o investimento na Educação Básica será garantido e bem gerido.



**TODOS PELA EDUCAÇÃO**

# País de Cotas

*Por: Cristovam Buarque, Senador pelo PDT/DF*

Recentemente, um jovem negro me perguntou se eu via relação entre raça e competência. Se o ingresso na universidade deveria ser por vestibular, testando a competência de todos, ou por cotas, privilegiando os negros. Respondi que não há correlação entre raça e competência, mas sim entre renda para pagar uma boa escola e competência, e entre renda e raça, porque no Brasil a pobreza é sobretudo composta por negros. Logo, há uma forte desigualdade entre brancos e negros no acesso à universidade.

Para tentar corrigir essa desigualdade

estrutural, justifica-se o uso de cotas para ingresso de candidatos negros na universidade, como forma de mudar a cara de um país com a cor da África, cuja elite tem a cor da Europa. Mas reconhecendo que esse é mais um jeitinho, tão ao gosto do Brasil. E que beneficia apenas os jovens negros que conseguem terminar o ensino médio, e muito provavelmente fazem parte da classe média. É uma cota dentro da cota: beneficia alguns jovens negros, depois de ter excluído dois terços de jovens pobres.

É a repetição monótona de um hábito

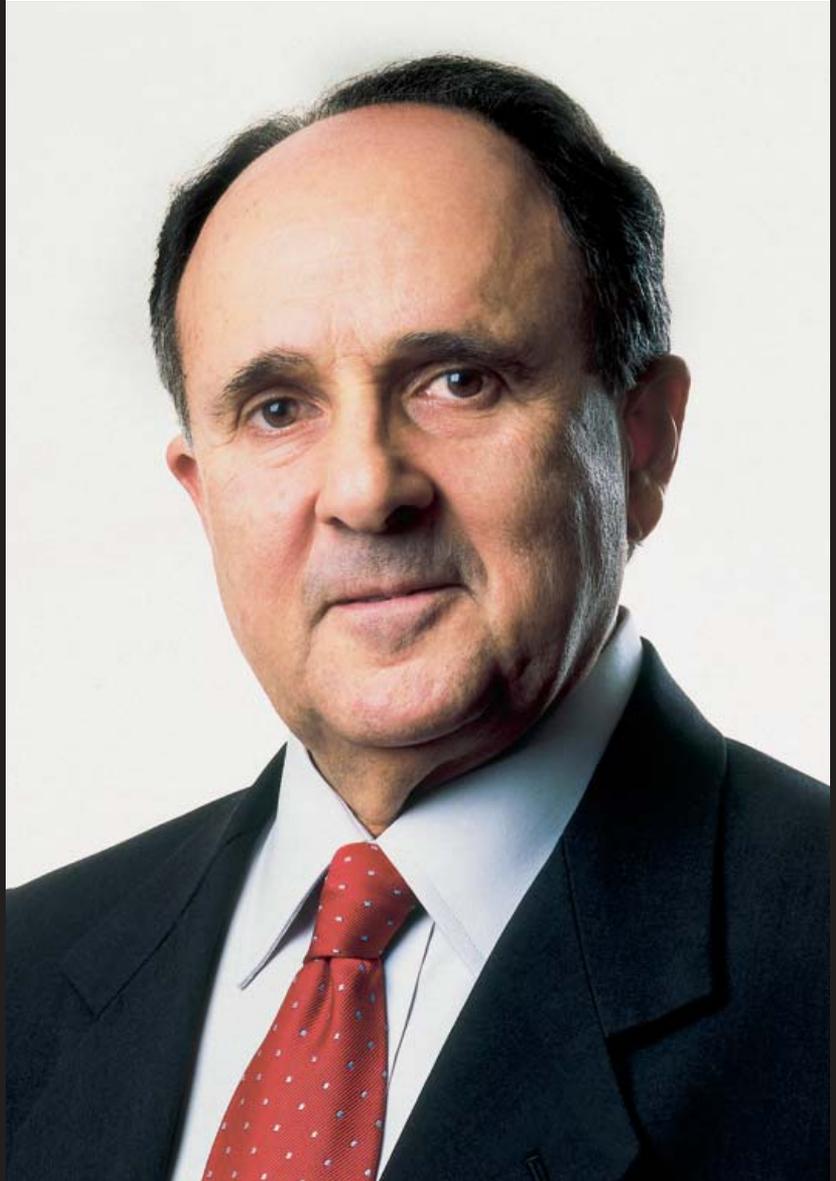
histórico brasileiro: garantir pequenos ganhos aos desfavorecidos, em vez de promover sua emancipação. O Brasil teme a emancipação, por isso há séculos usa cotas. Elas trazem avanços inegáveis, porém tímidos, sem mudanças estruturais. Avanços pequenos que evitam saltos.

A abolição só veio após décadas de proteções – a proibição do tráfico negreiro era a cota para proibir a entrada de novos escravos; a Lei do Ventre Livre era a cota para libertar os filhos de escravos que completassem a maioridade; a Lei dos Sexagenários era

// Não há correlação entre raça e competência, mas sim entre renda para pagar uma boa escola e competência, e entre renda e raça, porque no Brasil a pobreza é sobretudo composta por negros. //

a cota para libertar os velhos sem forças para trabalhar. Só quando quase todos eram livres, veio a Lei Áurea. Mas as cotas não acabaram. Os baixos salários pagos trouxeram a cota do vale-transporte, vale-alimentação e vale-gás, para garantir comida e transporte. O desemprego e os baixos salários que impediam a contribuição previdenciária de milhões de trabalhadores rurais criaram a aposentadoria de um salário mínimo, uma cota de ingresso que trouxe o imenso déficit da previdência. Mais de um século após sua tardia abolição, o Brasil ainda que tenta corrigir suas injustiças sociais com cotas que dão um jeitinho, mas não trazem soluções. É impossível ser contra os jeitinhos, pois eles trazem certa forma de avanço; mas é preciso entender que eles protelam a emancipação.

Foto: Kazuo Okubo



*Cristovam Buarque*

Por isso, é surpreendente que tantos se contentem com as cotas para negros nas universidades, deixando de lado a emancipação da educação básica de qualidade para todos. Quando ela existir, não mais serão necessárias cotas, da mesma forma que a Lei Áurea dispensou todas as cotas anteriores. Cotat são parte de uma luta, mas a verdadeira luta é torná-las desnecessárias. Isso exige

transformar a educação básica em obrigação nacional, assegurando a todas as crianças a permanência na escola até o final do ensino médio, e a todas as escolas brasileiras um padrão mínimo de qualidade. Como os abolicionistas, é preciso que os defensores das cotas não se contentem com os pequenos jeitinhos, e lutem pelo salto definitivo da emancipação. ■

# Cotas raciais no jogo anti-racismo

*Por: Fausto Antonio, Doutor em Teoria Literária pela Unicamp e Escritor*

Editoriais e opositores das políticas de cotas falam em políticas universais. Nesse caso, os dados, isto é, a realidade concreta do racismo à brasileira nos mostra que há desvantagens ocupacionais, locacionais, educacionais e jurídicas profundamente consolidadas e que impedem a cidadania a milhões de negros. As prolapadas políticas universais não se constituem, dentro da realidade brasileira, em meios eficazes para corrigir as causas, o racismo amplamente urdido no tecido social e imaginário. Há, no centro do sistema racista brasileiro, uma política de branqueamento barrando a ascensão e o acesso dos descendentes da negrura aos bens culturais, educacionais e de toda monta. Os sistemas televisivos e educacionais são exemplares a esse respeito. Os valores chamados de universais, nesses sistemas, estão consolidados a partir da brancura e da Europa. O imaginário brasileiro, pela força da naturalização do racismo erigido entre nós, é bran-

co. Há, igualmente, cotas implícitas para brancos em todos os espaços da sociedade. Por outro lado, o branqueamento político e ideológico tem, na contramão, o enegrecimento físico da população. A miscigenação, no nosso caso, não redundou e não redundará em branqueamento e/ou brancura.

As cotas e o Estatuto da Igualdade Racial acirram, o que perspectiva etnocêntrica-racista instalada no país não deseja, o debate e a compreensão da nossa realidade concreta. Somos o país, fora do continente africano, com a maior contingente populacional negro. Não haverá país algum sem a construção de um projeto civilizatório e de nação inclusivo para os milhões de negros e índios.

Avultam, desse modo, algumas perguntas, o que precisamos fazer para superar as desvantagens locacionais, ocupacionais, educacionais e jurídicas? Além de um projeto político nacional e de mudanças estruturais de curto, médio

e longo prazo, precisamos ir além da constatação de que os negros são discriminados. Tal recorte é necessário na medida em que milhões de negros, secularmente postos à margem, bradam por cidadania e exigem que a nação se ocupe deles. Os negros não são integrados no Brasil, a subcidadania precisa ser revertida. Isso é um risco para a unidade nacional. As políticas compensatórias servem, além de superar o estágio de constatação do racismo, para manter a coesão nacional. As cotas, o Estatuto da Igualdade Racial não acirram o ódio racial, é o contrário. O risco para unidade nacional não advém da política de implementação de cotas, mas da subcidadania dada ao negro e da não integração de milhões de afro-brasileiros. Da mesma forma, as cotas e o Estatuto da Igualdade Racial não inauguram, como querem muitos ideólogos da democracia racial, da cordialidade e do silêncio em torno do debate, a racialização do país. Somos, desde os primór-

*Fausto Antonio*

dios da colonização, profundamente racializados. O destino da nação híbrida e das raças cruzadas, desde a colônia e com mais força após o 13 de maio de 1888, tirou o sono e assombrou as elites intelectuais e econômicas nacionais. A imigração, as perseguições, a violência física, simbólica e o apagamento temático, corpóreo e as desigualdades raciais em marcha até os dias atuais explicitam as táticas e as estratégias das elites nacionais.

A historiografia, a literatura e as ciências, como expressão da sociedade brasileira, erigiram-se a partir de fundamentos raciais e racistas. É flagrante, nos artigos contrários às cotas, a busca de apoio na ciência. Aliás, a exclusão do negro sempre encontrou apoio na ciência. O respaldo científico, no caso das desigualdades raciais brasilei-

ras, manipula dados, abstrai a realidade concreta e se constitui, então, como expressão da exclusão.

Raça, meio e clima eram fatores usados, de forma emblemática e enfática no final do século XIX e início do século XX, como categorias de análise e justificadora do nosso atraso cultural, social e educacional. As desigualdades raciais são, estruturalmente falando, pontos nucleares para a construção e manutenção das injustiças instaladas no país. Sob esta perspectiva, a aprovação do sistema de cotas e o Estatuto da Igualdade Racial devem assegurar a centralidade do critério de raça, etnia e cor. Devem assegurar o campo tático de exposição, através de uma política de Estado, da urgência no que se refere à superação das desigualdades raciais.

A propaganda tenaz dos opositores das

cotas e da implementação do Estatuto é fomentada sob o prisma dos brancos da classe dominante e por uma equivocação premeditada do conceito de raça. A ciência é novamente convocada. O conceito biológico, sobejamente superado desde o século XVIII, não resolve o impasse. Mas é nessa seara que mergulham as personalidades que deveriam ter uma posição crítica em relação ao racismo à brasileira. Aqui é prudente recuperar a noção de raça e etnia a partir dos dados anatômicos e culturais. O conceito étnico-racial, de forma transitiva, como o concebe o Movimento Negro Brasileiro, isto é, historicamente construído nas tensas relações que permeiam, sempre hierarquizando, o cotidiano, o acesso e a ausência social de negros e brancos no passado escravista e hoje. ■

# Vaga reservada

A política de cotas está em pleno funcionamento no Brasil – mais de 40 universidades já reservam vagas para alunos negros. Agora só falta o país responder duas perguntas: precisamos disso? E dá certo?

*Texto: Mauro Tracco, Ilustração Daruman, Design: Josi Campos, Edição: Sérgio Gwercman.*

Matéria original da revista Superinteressante. Edição Número 239, de maio de 2007. [www.superinteressante.com.br](http://www.superinteressante.com.br)

Em 2005, o governo japonês organizou um processo internacional para oferecer bolsas na Universidade de Osaka. Joelson Souza de Santana, filho de uma empregada doméstica e de um caminhoneiro, negro, foi o único brasileiro premiado. Na época, ele era o melhor aluno do curso de português-japonês da UERJ, apesar de ter tido uma formação deficiente, estudando apenas em escolas públicas.

O sucesso e a capacidade de superar adversidades fazem da trajetória de Joelson uma história tocante. Talvez o único que não se emocione ao ouvi-la seja o estudante branco que perdeu a vaga para ele no vestibular, apesar de ter se saído melhor na prova. Joelson foi beneficiado pelo sistema de cotas. São vários nomes: ação afirmativa, discriminação positiva, política compensatória.

Mas a idéia é uma só: corrigir a desigualdade entre negros, pardos e brancos dando benefícios ao lado mais fraco. Projetos como o Estatuto da Igualdade Racial e a Lei de Cotas tramitam há anos no Congresso. Decisão que é bom, nada - apesar de o governo Lula

se dizer pró-cotas. O debate sobre o tema, porém, anda quente. De um lado, as cotas são defendidas como a única forma de resolver, de maneira imediata, o problema do racismo e suas consequências socioeconômicas. Do outro, são apontadas como uma fonte de novos problemas, além de não terem dado certo onde foram implementadas. Mais surpreendente é descobrir que, enquanto teóricos teorizam e o Legislativo não legisla, o Brasil implementa a todo vapor sua política de cotas: de forma independente, mais de 40 universidades já reservam vagas por critérios raciais ou econômicos.

Como o debate está mais do que posto, é melhor você escolher seu lado da trincheira. Porque o resultado dessa batalha vai dizer muito sobre o país que o Brasil será nos próximos anos.

## O argumento pró-cotas

Veja os números do último censo: 5,8 milhões de brasileiros com mais de 25 anos tinham curso superior completo. Desses, 82,8% eram brancos. Juntos, negros e pardos somavam 14,3% - apesar de representarem 47,3% da população.

Agora pense por alguns milésimos de segundo: qual desses grupos colocará mais gente no mercado de trabalho e, principalmente, nos empregos que pagam os melhores salários? Você nem precisa somar à equação o preconceito dos empregadores para concluir que os brancos levam vantagem. “Defendo as cotas porque ainda não me apresentaram uma proposta melhor para promover a inclusão”, diz frei David, diretor da ong Educafro. Para ele, o Brasil chegou a um ponto em que apenas uma atitude drástica, como cotas universitárias, pode reverter a desigualdade racial. E vale lembrar que mudar esse quadro não é bom apenas para os negros, mas para todo o país, que ganha uma sociedade mais justa e aumenta a diversidade de sua mão-de-obra. A idéia de que devemos usar dois pesos e duas medidas para tratar grupos desiguais não é exatamente um tabu. Deficientes físicos têm reservados os melhores lugares do estacionamento. Aceitamos isso por saber que se trata de um grupo em desvantagem na hora de se locomover (ou será que os motoristas que não respeitam as vagas ex-



### Brasileiros Com Curso Superior Completo

---

Entre todos os Brasileiros que concluíram o 3º grau, 82,8% são brancos. Os negros e pardos são apenas 14,3%.

## O NEGRO NO BRASIL

Dos brasileiros, 47,3% são negros ou pardos. A presença deles no mercado de trabalho é desproporcional.

### QUADRO FUNCIONAL

Somente 26,4% dos funcionários contratados nas 500 maiores empresas do país são negros.



### QUADRO EXECUTIVO

Nessas empresas, negros ocupam 3,4% dos cargos executivos - onde estão os melhores salários.



### INDIGENTES

70% dos indigentes são negros. Indigentes formam o grupo mais pobre entre os pobres.



### EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Dos 5,7 milhões de domésticas do Brasil, 58% - ou 3,2 milhões - são negras.



### APRESENTADORES DO JORNAL NACIONAL

O noticiário mais assistido do país tem 10 apresentadores. 1 é negro.



### NA REDAÇÃO DA SUPER

A Super também tem telhado de vidro. Desde 2004 não temos negros na redação.



clusivas estão protestando contra essa política?).

Ricos pagam mais imposto que pobres. É justo. A lógica para a reserva de vagas universitárias, dizem seus defensores, é a mesma: negros estão em desvantagem em termos de oportunidades de ascensão social. Por isso merecem um tratamento diferenciado. Cotas universitárias são uma medida de emergência. Uma tentativa de resolver um problema que existe há quase 400 anos. Claro que melhorar a qualidade do sistema de ensino público básico é fundamental, permitindo que os mais pobres freqüentem escolas tão boas quanto as dos ricos, é o melhor caminho para promover a igualdade. Mas até quando as classes mais baixas, onde se encontra a maioria dos afrodescendentes, vão esperar que o governo invista a sério na qualidade das escolas? É justo desperdiçar uma geração na fila de espera? “Mesmo que o ensino público melhorasse a ponto de permitir que seus alunos competissem em pé de igualdade no vestibular com alunos oriundos dos colégios particulares, os estudantes negros levariam cerca de 32 anos para atingir o atual nível dos alunos brancos”, escreve o antropólogo Kabengele Munanga no livro *Educação e Ações Afirmativas*.

Nascido na República Democrática do Congo, Munanga é professor de Políticas Raciais da USP. Para ele, o Brasil é um país onde o preconceito e a discriminação social não foram erradicados. Por isso há diferenças entre ser “branco pobre” e “negro pobre”. O primeiro é discriminado pela condição social e o segundo é discriminado pela condição social e racial. “A política do tapinha nas costas tem massacrado os negros. Em países onde o racismo é

direto, dá para combatê-lo com maior facilidade”, diz frei David. Em outras palavras, não se resolve um problema sem antes fazer uma profunda reflexão para admitir que ele existe. Afirmar que nosso país é muito miscigenado, ou então que o preconceito nacional é contra pobres, e não contra negros, seriam algumas das formas em que se expressa a negação dessa doença.

“Fingir que a miscigenação eliminou as

// O Brasil é um país racialmente desigual. Brancos vivem em condições muito melhores que os negros. O diploma universitário tem muito a ver com isso.

raças é uma forma de racismo”, afirma o senador Cristovam Buarque. “O racismo existe hoje porque o Brasil não tem médicos negros, não tem juízes negros, não tem engenheiros negros. Quando a elite for branca e negra, o racismo acaba”, acredita o senador. E, apesar de admitir que a política de cotas prejudicará alguns brancos, obrigados a ceder seu lugar a estudantes com nota inferior, Buarque afirma que é preciso cometer injustiças pontuais para corrigir uma enorme injustiça histórica. Além disso, as cotas não seriam eter-

nas. Assim que o equilíbrio for atingido no ensino superior, a reserva de vagas pode ser extinta. O sistema de cotas seria um mal menor que corrige um mal maior - e saldaria uma dívida de 400 anos do Brasil com seus negros. Que dívida é essa? Quando nossa economia era baseada no açúcar e no ouro, eram os negros que geravam boa parte da riqueza nacional. Em troca dos bens que produziram, receberam chicotadas. A Lei Áurea, de 1888, deu aos escravos a liberdade, mas nenhuma oportunidade de vida. Não vieram junto compensações financeiras, programas de absorção pela sociedade ou um incentivo para que os escravos fossem educados e treinados para trabalhar como assalariados. As distorções sociais que esses equívocos provocaram não foram resolvidas até hoje.

O argumento anticotas

Para poder se beneficiar das cotas, é preciso fazer uma escolha: ou se é branco ou se é negro. Essa proposta de divisão explícita dos brasileiros em duas categorias é o primeiro ponto a tirar do sério os opositores das cotas. Questiona-se a criação de um sistema que subverte um pilar da democracia: a idéia de que todos somos iguais perante a lei. “Para combater o racismo, o Estado vai instituir o negro como figura jurídica. Isso nunca existiu em nosso sistema legal”, diz a antropóloga Yvonne Maggie, da UFRJ. Para ela, o efeito dessa “produção artificial de etnias e raças” é o fim da identidade nacional. Deixamos de ser cidadãos do Brasil para nos tornar brasileiros negros ou brasileiros brancos. “É o caminho para a difusão do ódio racial no Brasil”, afirma o sociólogo Demétrio Magnoli. Outra distorção, na opinião dos críti-

cos da política de cotas, é a supressão do mérito como critério de recompensa. Uma organização meritocrática é aquela que dá as melhores oportunidades a quem demonstrar mais habilidade e talento.

Ao derrubar essa idéia, mesmo com a boa intenção de criar uma sociedade em que mais pessoas tenham acesso à meritocracia, as cotas podem estigmatizar quem é beneficiado por elas. “Nos EUA, os estudantes asiáticos tiram dos brancos mais vagas nas universidades de ponta do que os negros. Mas não são obrigados a lidar com o mesmo ressentimento. Isso porque existe a percepção de que eles entraram por mérito e não ajudados por um sistema de cotas. Ou seja: o ressentimento não é em relação à perda de vagas, mas ao modo como isso acontece”, diz Thomas Sowell, economista da Universidade Stanford e autor de *Ação Afirmativa ao Redor do Mundo*, uma análise dos resultados de políticas compensatórias implantadas no planeta. Há mais um ingrediente no caldo da estigmatização: estudos mostram que as ações afirmativas beneficiam mais a classe alta do grupo alvo do privilégio, deixando os mais pobres na mesma. Em seu trabalho, Sowell desfaz outro mito, freqüentemente citado por defensores das cotas: a de que as ações afirmativas foram responsáveis pela ascensão social dos negros nos EUA. Seu estudo mostra que a proporção da população negra que freqüentava as universidades dobrou nas duas décadas que precederam a revolução dos direitos civis ocorrida nos anos 60. Nesse período, logo após a 2ª Guerra Mundial, os EUA passaram por um período de crescimento econômico sem precedentes em sua história. O crescimen-

to fez, por exemplo, com que 3 milhões de negros trocassem a pobreza e as escolas fracas do sul pelas regiões urbanas e modernas do norte. O efeito da mudança logo foi sentido: a porcentagem de famílias negras abaixo da linha de pobreza caiu de 87% em 1940 para 47% por volta de 1960. Depois de 1970, quando foram adotadas as cotas, essa taxa diminuiu apenas um ponto percentual. A conclusão é que somente a combinação de crescimento econômico e bom ensino é capaz de transformar os indicadores sociais de um país. Cotas - para negros, para imigrantes ou para pobres - não resolvem o problema.

Há ainda o temor de ver a qualidade do ensino piorar com a entrada de alunos que não tiveram as melhores notas no vestibular. Para esses críticos, as funções primordiais da universidade pública são a formação de alto nível e a pesquisa, não a prestação de um auxílio social ao país. “Quando as universidades admitem alunos por critérios não acadêmicos, há um risco real de que elas se transformem em grandes escolões de baixa qualidade”, diz Simon Schwartzman, ex-presidente do IBGE.

Por fim, o time anticotas não tem dúvidas de que o caráter temporário é uma farsa. A maioria dos países que as adotam acaba por prorrogá-las. Qual político quer se expor à impopularidade de suspender um benefício? Ao contrário, as cotas costumam ser ampliadas para beneficiar outros grupos em desvantagem (leia: mais votos). Quando a Índia adotou a ação afirmativa, em 1949, foi determinado um prazo de 10 anos. A reserva está até hoje em vigor. O motivo?

Cotas não custam nada ao governo. E ainda dão aos políticos a chance de se

gabarem por promover o avanço racial. Quem não quer uma mamata dessas?

Dá certo?

Então o país decidiu que, sim, é preciso aumentar a presença de negros nas universidades. Mas como fazer isso? Como determinar quem é negro em um país miscigenado como o Brasil? E, mais importante, como garantir que um empurrãozinho simples - o direito de cursar a universidade - resulte anos mais tarde em melhores empregos, melhores salários e menos desigualdade? Estudos da Universidade de Brasília, uma das primeiras a admitir alunos via cotas no país, mostram que esses estudantes têm rendimento acadêmico semelhante aos demais. E, para os diretores da universidade, a questão do estigma parece não existir - apesar do misterioso incêndio no dormitório dos estudantes negros em março. “Aqui, não se observam atos discriminatórios contra os cotistas”, diz Jaques Jesus, diretor da Assessoria de Diversidade e Apoio aos Cotistas.

O mesmo acontece na UERJ, que reserva 20% das vagas para alunos da rede pública, 20% para negros e 5% para portadores de deficiência. Uma pesquisa interna mostrou que o desempenho dos alunos aprovados pelo sistema de cotas só ficava aquém na área de tecnologia. Mas, apesar de as pesquisas indicarem que tudo vai bem na UERJ, há um dado que preocupa: o número de candidatos que se inscreve para concorrer às vagas por cotas cai ano a ano. Pablo Gentili, do Laboratório de Políticas da Cor da UERJ, diz que os percalços econômicos são o principal motivo de desânimo dos cotistas. Os custos de transporte e livros e a necessidade de trabalhar em período integral

para ajudar no orçamento familiar são grandes obstáculos para esses alunos. Assim, o acesso à vaga não se transforma em acesso à informação.

Enquanto o número de cotistas diminuiu no Rio a quantidade de universitários negros e pardos no Brasil só cresce. Entre os anos 2000 e 2005, a presença deles nas universidades subiu de 18% para 30%. Na avaliação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, do governo federal, entre os principais motivos desse aumento está a adoção de políticas afirmativas. Se for mantido o ritmo atual, diz a secretaria, a desigualdade no acesso à educação superior entre negros e brancos no Brasil pode praticamente acabar em 15 anos. E há ainda o exemplo do exterior. Muitos países estão tentando gerar inclusão sem uma reserva fixa de vagas. Os EUA, por exemplo, abandonaram esse sistema em 1978, quando a Suprema Corte o julgou inconstitucional. Hoje, a raça é um fator legítimo no julgamento dos processos de admissão, mas não pode ser o único. “Levamos em conta um conjunto de dados, como desempenho escolar, história de vida, condição econômica e lugar de origem”, diz Mark Fancher, advogado do Projeto de Justiça Racial da Universidade de Michigan.

Os EUA até permitem que pessoas menos preparadas sejam aceitas nas universidades, mas com o intuito de promover a diversidade no campus. Nesse sentido, um branco criado no caipira Alabama tem tanto potencial quanto um negro de Nova York.

A África do Sul seguiu por outro caminho. O país onde foi criado o apartheid decidiu não adotar cotas universitárias. E está conseguindo resolver o problema da desigualdade. Para isso, governo

Nos EUA a coisa é simples: negros quase só fazem filhos com negros e brancos, com brancos. Mas como saber quem é quem num país como o Brasil, que instituiu o mulato como cor nacional e onde japonês dorme com italiana, branca com negro e negra com índio? Segundo pesquisa do geneticista Sérgio Pena, 87% da população brasileira tem pelo menos 10% de ancestralidade africana. Os números da pesquisa mostram ainda que são 77 milhões os brasileiros que têm pelo menos 90% de ancestralidade africana, aqueles que apresentam traços físicos bem característicos dos nativos daquele continente. “A discriminação contra os negros ocorre de acordo com o fenótipo, e não pelo genótipo. Quanto mais características afro a pessoa possui, maior é o grau de discriminação.

Os policiais sabem muito bem discriminar, assim como os departamentos

e instituições de ensino fazem um esforço conjunto. Segundo Patrick Fish, da organização Educação Melhor para a África do Sul, o plano nacional exige que as instituições tomem medidas para aumentar o número de alunos negros. “Mas a tarefa fica a cargo das universidades, não é imposta por uma lei”, diz Fish. Para responder ao chamado, as instituições de ensino criaram cursos preparatórios que ajudam o aluno a suprir os requisitos da educação superior. O governo, por sua vez, gastou US\$ 166 milhões em um programa de bolsas universitárias que beneficia 100 000 jovens por ano. Em 1994, negros formavam 47% do corpo estudantil. Em 2006, 71%. O exemplo sul-africano é anima-

de recrutamento e seleção das empresas”, diz frei David. Apesar disso, as “fraudes raciais” com o objetivo de se aproveitar do benefício são comuns no Brasil.

A UnB instituiu uma comissão para julgar se a autodeclaração é verdadeira.

Os integrantes da banca, cujos nomes não são revelados, dão uma bela olhada na foto do candidato. Decidem assim, no olho (como os policiais e os recrutadores), quem é negro e quem não é.

O tribunal racial da UnB recebeu uma chuva de críticas. A Academia Brasileira de Ciências, por exemplo, afirmou que o preconceito racial no país não deve ser enfrentado com critérios destituídos de qualquer base científica. Em 2005, nada menos que 48% dos candidatos inscritos tiveram suas fotos rejeitadas e foram impedidos pela banca de concorrer a uma vaga pelo sistema de cotas.

dor. Mostra que as universidades são um instrumento eficaz no combate à desigualdade racial. Mas também guarda um alerta: a jornada contra o racismo é longa, custa caro e, principalmente, não pode ser vencida por decreto. ■

### Para saber mais

#### **Não Somos Racistas**

Ali Kamel, Nova Fronteira, 2006.

#### **Ação Afirmativa ao Redor do Mundo**

Thomas Sowell, UniverCidade.

[www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/detalheobraform.do?select\\_action=&co\\_obra=5216](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/detalheobraform.do?select_action=&co_obra=5216)

Link para download do livro Educação e Ações Afirmativas.

# Ambiente Integral

*Por: Milú Villela, Presidente do Faça Parte - Instituto Brasil  
Voluntário, Embaixadora da Boa Vontade da Unesco*

Embora a cobertura da imprensa tenha sido tímida, a Câmara dos Deputados ensaiou nos últimos dias levar a votação projeto de lei que insere a matéria de meio ambiente no currículo das escolas de ensino médio e fundamental. A iniciativa merece aplausos e requer vontade política e energia para ser levada a cabo. De fato, a formação intelectual formal hoje requer o conhecimento das questões ambientais. Conter o estágio de degradação do meio ambiente a que chegamos e estabelecer um pacto social para resguardar os recursos naturais que são essenciais para a coletividade exigirá um nível ra-

zoável de compreensão do problema e uma predisposição para mudanças de hábitos cotidianos.

No ambiente da escola, sem dúvida alguma, é possível lançar as primeiras sementes de uma transformação cultural. Explicar desde cedo às crianças e aos jovens o impacto ambiental de cada iniciativa individual ou coletiva é um primeiro passo para reverter o caos em que estamos enveredados.

Basta percorrer as ruas de qualquer grande cidade brasileira para perceber que ainda não absorvemos princípios básicos de responsabilidade ambiental em nosso dia-a-dia. Dos bairros no-

bres aos menos favorecidos, é costumeiro ver lixo entupindo bueiros e infestando os canteiros de parques, córregos e rios, alimentando o ciclo da poluição urbana.

Não é preciso andar muito para observar que é absolutamente incompatível com os tempos atuais o volume de descarte irresponsável de materiais que potencialmente poderiam passar por processos de reciclagem. Também não é preciso muito esforço para constatar que gastamos água e energia de forma pouco responsável. Uma espiada em nosso cotidiano é suficiente para constatar o descaso com recursos estratégicos.

Reverter esse quadro exige compreensão dos fatos. Exige uma avaliação racional, um processo de esclarecimento contínuo, consistente, amparado no instrumental socioeducativo. Experimentando, ouvindo e tomando contato com a realidade por meio de um suporte pedagógico adequado, os cidadãos do futuro podem emergir mais conscientes de suas responsabilidades diante do meio em que vivem.

A transformação tem que ser contínua, e o esclarecimento escolar não deve ter como objetivo apenas mudar condutas mas também desenvolver o espírito crítico dos alunos para que, mais adiante, eles possam fazer escolhas e cobrar das empresas e governos as atitudes que lhes foram ensinadas em sala de aula.

O ensino das questões ambientais tem lugar próprio na nova escola que precisamos construir. É matéria tão fundamental quanto a ética, que deveríamos tornar obrigatória se quisermos mudar o quadro de baixo apego aos interesses coletivos que verificamos na atualidade. Não é preciso buscar socorro nos negros indicadores ambientais para justificar a pretensão de ver o estudo do meio ambiente convertido em programa específico nas escolas. Os dados já estão expostos de forma contundente o suficiente para sensibilizar qualquer um que tenha juízo e preocupação com o futuro.

Se cada um dos brasileiros sair da escola sabendo que se deve preservar matas ciliares para garantir a subsistência dos rios, se cada um dos nossos jovens ingressar na vida adulta consciente de que não deve jogar lixo nas ruas, que não deve desperdiçar água e que deve economizar energia, se cada um de nós perceber que pode adotar

Foto: Divulgação



Milú Villela

novas condutas e que essa mudança pode gerar resultados para todos, então teremos dado um salto fantástico para combater esse que se converteu num dos piores problemas da atualidade. O Brasil é o gestor de uma das mais promissoras idéias no campo da energia limpa. O álcool brasileiro vive hoje seus dias de glória e já assume ares de promessa para substituir os combustíveis fósseis, que há anos consomem as camadas protetoras da atmosfera.

Poderíamos dar o exemplo também no campo da formação. Introduzir o ensino do meio ambiente na grade escolar pode resultar na formação de gerações inteiras preparadas para viver num mundo pautado pelo conceito da sustentabilidade. A idéia aventada na Câmara dos Deputados é salutar e pode fazer diferença. Chegou o momento de abraçarmos a idéia do “ambiente integral”. ■

# idéias para se pensar em casa

*Por: Antonio Penteado Mendonça, Membro da Academia Paulista de Letras*

Desde quando estudava na USP eu me pergunto por que a universidade deveria ser de graça. Mesmo pertencendo ao Estado de São Paulo, não havia, como não há, razão para alunos com capacidade de pagar serem isentos desta obrigação. Afinal, estão tendo o melhor ensino do país e a imensa maioria vem de famílias da classe média, depois de cursarem caras escolas particulares e cursinhos mais caros ainda, que fazem a diferença na hora do vestibular.

Anos depois eu descobri que minha posição não era inédita e que eu estava na companhia do professor Miguel Reale, que também, como vários ou-

tros, achava que alunos com condições de arcarem com as mensalidades deveriam fazê-lo.

Assim, por que não retomar o tema, explicando melhor minha idéia? Com certeza existem outras melhores, mas ela pode servir de ponto de partida para uma discussão que vai além do direito ou não de um grupo privilegiado ser mais privilegiado ainda, cursando as melhores universidades do país de graça, mantidas pelos impostos pagos pela população.

O problema brasileiro se chama desigualdade social. Por conta dela estamos inclusive criando um racismo sem sentido e que nunca existiu da forma como

vem sendo colocado. Não há família brasileira com mais de seis gerações que em algum momento não tenha mistura de sangue europeu, indígena ou negro, sendo que os europeus poderiam ter ainda sangue judeu e árabe e os indígenas e negros poderiam variar de grupo étnico, o que lhes daria origem completamente diferente uns dos outros. Como em São Paulo, a partir da segunda metade do século 19, teve início o processo da vinda de imigrantes dos mais diversos cantos do mundo, atualmente, a miscigenação das raças é uma realidade, sendo minoria quem provar que não tem algum sangue misturado.



*Antonio Penteado Mendonça*

Para embasar esta afirmação basta lembrar que em 1870 a cidade de São Paulo não tinha 30 mil habitantes, contra os mais de 10 milhões de hoje. Como este crescimento se deu, senão através da união dos paulistas originais, todos pelo menos mestiços de índios, com os imigrantes?

Pretender dar caráter racial ao problema da desigualdade social é limitar em muito o complexo e maravilhoso universo populacional brasileiro. Nós temos um dos sistemas sociais com maior mobilidade no mundo. E isto explica a eleição do presidente Lula, ao contrário do que pensam, há muito tempo

membro de uma elite diferenciada, que eram os operários especializados do ABC. Não fosse ele torneiro mecânico, dificilmente faria sua carreira.

E ele se tornou torneiro mecânico porque teve o privilégio de cursar um sistema de escolas profissionalizantes que até hoje presta os mais relevantes serviços para a qualificação da mão-de-obra nacional, mas ainda para uma minoria.

As universidades estaduais paulistas foram criadas para formar uma elite qualificada tanto para a liderança política, como para o desenvolvimento socioeconômico da nação. E, apesar de

estarmos longe do ideal, é possível dizer que estas metas têm sido alcançadas, o que explica a diferença entre a mentalidade paulista e boa parte do Brasil. Aqui se recompensa o mérito, o trabalho e a capacidade individual em detrimento de outros atributos, como raça, sobrenome ou origem. É só olhar a rapidez com que as fortunas são feitas e quem as faz para não se ter dúvida. E a regra vale para todas as áreas da atividade humana, inclusive a intelectual.

Diante desta realidade, será que não seria muito mais produtivo para o Estado e mais justo para a população cobrar dos alunos que podem pagar seus cursos nas universidades estaduais?

O dinheiro arrecadado teria destinação certa: seria aplicado num fundo para concessão de bolsas de estudo para alunos sem condições de custear seus cursos universitários, escolhidos por mérito e capacidade, através de um rigoroso processo de seleção feito pelas próprias universidades.

Mas este dinheiro não seria aplicado a fundo perdido, como uma espécie de indenização - ou expiação de culpa - pelas mazelas sociais brasileiras. Concluído o curso, o bolsista teria a obrigação de reembolsar o Estado, seja em trabalho obrigatório durante alguns anos, seja devolvendo o preço do curso em mensalidades facilitadas durante os primeiros 10 anos depois de formado.

Este sistema permitiria o crescimento constante do fundo para bolsas de estudo, aumentando as vagas para os alunos carentes nas universidades estaduais. Com ele, o mérito seria privilegiado, diminuindo, de forma inteligente e não com cotas demagógicas, a desigualdade social. ■



# Um banco que ouve e respeita seus consumidores é um banco feito para você.

Todos os dias, o Itaú trabalha para manter uma relação de confiança, transparência e respeito com seus clientes.

Pensando nisso, o Itaú dá continuidade ao projeto "Ouvir Você" e investe a cada dia no fortalecimento de seus canais de relacionamento. A Ouvidoria Corporativa Itaú é um exemplo disso. Completou um ano de atendimento apresentando sempre soluções efetivas para seus clientes.

A busca pela satisfação dos clientes só aumenta a responsabilidade e reforça o compromisso do Itaú em olhar sempre para o futuro, ouvindo e antecipando-se às necessidades de seus clientes.

Porque um banco feito para você, ontem e hoje, já precisa pensar e trabalhar para o amanhã.

**Itaú** feito  
para  
você

# a força

## da

# Unipalmares

Prestes a formar a primeira turma de sua história, em Administração, a Unipalmares conseguiu uma grande vitória no final do último semestre: a autorização do MEC para o curso de Direito, que já inicia vitorioso, pois contou também com o aval da Ordem dos Advogados do Brasil, que recomendou este único curso a ser criado na cidade de São Paulo neste período. “A proposta é inovadora, e possui um projeto diferenciado, o que justifica sua criação”, manifestou a OAB Brasil, que defende o critério da necessidade social do curso para a abertura de novas classes de ensino em Direito.

Com essa autorização e recomendação mais do que gabaritada, a Unipalmares realizou em julho, o primeiro processo seletivo para o curso de Direito, com 200 vagas. Assim, passa a atender 2.000 alunos até o final de 2007. Para 2008

irá ministrar os cursos de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas de Informação, Tecnologia de Transporte e Comunicação (Rádio e TV), este último em parceria com a Rede Mundial de Televisão.

O trabalho desenvolvido pela Unipalmares em sala de aula, aliado ao número de alunos, são provas mais do que concretas de que a instituição está no caminho certo e a passos largos contribui para diminuir as diferenças sociais que excluem boa parte da população brasileira.

Participantes desse projeto, a primeira da turma do curso de Administração já está em ritmo de festa. Há dias promoveu uma grande festa de lançamento da formatura, que reuniu artistas e professores e cuja cerimônia no final do ano será realizada pela Dorana Forte, especializada em formaturas. E

motivos não faltam para comemorações: Serão 160 alunos formandos, sendo 140 afro-descendentes auto-declarados. Nunca houve, no Brasil, uma formatura com tanto número de alunos dessa etnia. Outro motivo para comemorar: 75% dos alunos já atuam como estagiários *trainees*.

Quando foi criada em 2003 pela ONG Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, que já atuava com o projeto “Mais Negros na Universidade”, através do qual 350 bolsistas negros estudavam em 10 instituições do estado de São Paulo, que ignorou a polêmica em torno do sistema de cotas para negros nas universidades públicas brasileiras, a primeira faculdade da América Latina dirigida por negros e para a inclusão dos negros no ensino superior, a Unipalmares preencheu uma lacuna exis-

tente no País – um espaço para a disseminação do conhecimento, da cultura num ambiente de diversidade e de equalização de oportunidades sociais da população negra e das classes brasileiras de menor poder aquisitivo.

“Queremos não só que os negros ingressem nessa instituição, mas que também tenham condições de permanecer no curso. Em São Paulo, apenas 1,3 % dos estudantes universitários é composta de negros. No Brasil, esse número é de 2,3 %”, ressaltou José Vicente, reitor da instituição, naquela oportunidade. Esses percentuais têm um peso ainda maior frente aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que identificam 46% da população brasileira composta por negros e pardos.

Um prédio de menos de um mil m<sup>2</sup> abrigou a primeira turma de alunos, em 2004, para o curso de Administração em quatro especializações (Administração Geral, Financeira, Comércio Exterior e Serviços e Comércio Eletrônico). Duzentas inscrições foram disponibilizadas com uma reserva de 50% das vagas para alunos negros (sistema de cotas semelhante ao modelo implantado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que separa 40% do total de vagas para estudantes autodeclarados negros) e mensalidade de R\$ 260,00, menos de um salário mínimo, fato possível em função do formato operacional – uma *pool* de parcerias públicas e privadas. Destaca-se que o valor permanece inalterado durante esses quatro anos de curso, até porque a universidade tem caráter comunitário e, por conseguinte, sem fins lucrativos.

#### Adoção de salas de aula

O número de jovens que busca na instituição a oportunidade de estudar cres-



*Alguns alunos da primeira turma do curso de Administração*

ceu e muito, de tal modo que em março de 2007 foi inaugurado o novo campus em uma área total de 15 mil m<sup>2</sup> na região Oeste da Capital, perto das imediações do metrô Barra Funda. O espaço abriga com maior conforto e comodidade os 2.000 alunos, permitindo modelos de aulas dirigidas ao empreendedorismo, com estandes de empresas juniores como lojas, salão de estética afro-étnico, quadras de esportes, sala de ginástica etc.

Para este semestre, “introduzimos para os alunos do 8º semestre, que é o 4º ano, as disciplinas ‘Técnicas de Negociação’ e ‘Técnicas de Criatividade’. A primeira faz com que os alunos aprendam a negociar, por exemplo, desde o salário e o valor do carro até o custo de um pé de alface vendido na feira. Isto é importante porque não temos a cultura de negociação, como os árabes. A segunda estimula o aluno a se destacar não só pelo conhecimento, mas também pela criatividade que ele apresenta”, afirma

o professor Luiz Carlos Stolf, coordenador do curso de Administração.

“Objetivamos formar competências para conquistarem o mercado de trabalho”, completa a professora Cristina Jorge, diretora de Graduação, ressaltando, ainda, que eles recebem aulas de inglês, integrantes da grade de ensino, ministradas com recursos e professores da Associação Alumni, uma das empresas parceiras.

Em outra parceria, desta vez com a Fundação Bradesco, foi possível a instalação de dois centros de inclusão digital, com parte dos equipamentos em Braille, que incrementam a prática do ensino presencial e permitem a implementação do ensino a distância.

Este novo espaço conta com o apoio de alguns parceiros que acreditam no Projeto Unipalmars, tais como o Banco Itaú, Unip, Bradesco, Santander, Citibank, Safra e HSBC, que “adotaram” salas de aula e poderão exibir suas marcas no local. ■

mercado de trabalho



# Programa Unipalmares se propaga pelo país

*Por: Ana Lúza Biazeto, especial para a Afirmativa Plural*

O programa de parceria desenvolvido pela Unipalmarenses para inclusão do afrodescendente nas maiores instituições financeiras do Brasil, como executivos juniores desde seu início em 2004, é um sucesso comprovado e já dá frutos com a efetivação de muitos estagiários e com a propagação para outros estados e municípios brasileiros.

De acordo com o reitor da Unipalmarenses, José Vicente, a finalidade de fazer parcerias com os bancos e desenvolver projetos de inserção do negro nestas instituições era “abrir os olhos” e apontar que neste segmento o negro não era encontrado. “Isto sempre foi para o negro em geral, não só os da Unipalmarenses e Afrobras, mas sim de todo o país”, explica. “Foi necessário um aprendizado para que este tema chegasse a outras capitais”, diz ele, que incentivou o início dos projetos e a levá-los a outras cidades brasileiras. Dos cerca de 1400 alunos da Unipalmarenses do primeiro semestre deste ano, 85% deles estão no mercado de tra-



Ana Lúcia, RH do Real ABN AMRO

balho. Parte expressiva destes está nas maiores instituições financeiras do Brasil, que são parceiras da universidade pioneira em desenvolver projetos de inserção e capacitação do negro para ocupar cargos executivos, inicialmente nos bancos e que se estende para empresas de outros setores da economia.

A frase que mais se repete quando o

assunto é a inserção do negro no mercado de trabalho é: “Basta que se dê a oportunidade”, pois que a teoria é mesmo comprovada. Em levantamento realizado pela *Afirmativa*, constataram-se ótimos resultados e aproveitamento dos alunos da Unipalmarenses que estagiam nos bancos Real, Itaú, Bradesco, Citibank, HSBC e Santander-Banespa.



Victor Bispo dos Santos

“ Eu fui o último a ser chamado e o primeiro a ser efetivado. Agora eu acredito que os últimos serão mesmo os primeiros. ”

Um é pouco, dois também.  
Vinte é porque são bons demais!

O Programa Executivo Júnior do Banco Real ABN AMRO iniciado com a Unipalmarens e em parceria com a Fundação Getúlio Vargas – FGV para o curso de aperfeiçoamento, iniciado em agosto de 2006, com 50 alunos afrodescendentes da Unipalmarens, foi estendido para mais 25 estagiários afrodescendentes que já atuavam no banco e estudavam em outras universidades do País, entrou em época de “boa safra”. Em menos de um ano de atuação, oito alunos da Unipalmarens já saíram do cargo anterior e tornaram-se funcionários do banco nas áreas técnicas e administrativas e mais 12 das demais instituições de ensino que participam do programa.

A analista de Recursos Humanos do Banco Real, Ana Lúcia Magalhães, explica que, mesmo efetivados, os participantes permanecem no Programa Executivo Júnior. “Somente ao término dos dois anos de curso é que recebem o Certificado de Aperfeiçoamento da FGV”, diz.

Victor Bispo dos Santos, 23 anos, aluno do terceiro ano de Administração da Unipalmarens, subgerente da agência do prédio sede do Real, na Avenida Paulista, em São Paulo, foi o primeiro a ser efetivado no banco, no último dia 12 de junho. Antes de saber da aprovação no processo seletivo



*Washington de Paula Silva*



*Natacha Núnzio, Superintendente da área de cartões do Real ABN AMRO*

do banco, Santos presenciou, angustiada, alguns amigos sendo convocados, um a um. “Eu fui o último a ser chamado e o primeiro a ser efetivado. Agora eu acredito que os últimos serão mesmo os primeiros”, brinca. A importância de ser bem-sucedido na carreira é também uma responsabilidade em benefício da família. “Um mês antes de entrar no banco, soube que seria pai. Hoje, a minha filha é a mais beneficiada pela estabilidade do meu trabalho”, conta Santos. Para alcançar as próximas etapas profissionais, ele afirma que o céu é o limite. “Sou subgerente na maior agência do país e vou em frente. Quero a gerência, a superintendência e todos os cargos que puder alcançar”, diz Santos que acredita em crescimento ilimitado.

O analista de operações júnior Washington de Paula da Silva, 24 anos, no segundo ano de Administração na Unipalmarens, que foi efetivado no dia 2 de julho, é outro participante do Programa Executivo Júnior do Banco Real. “Tornar-me funcionário foi um passo para que eu acreditasse ainda mais em mim. Ao término da faculdade, vou fazer especializações, aperfeiçoar-me sempre, para ser promovido quantas vezes forem possíveis.”

Silva concebe a Unipalmarens como um marco especial na sua carreira. “Da mesma forma que a universidade me proporcionou esta chance de estar no meu estágio, espero que muitos também usufruam daquilo que ela me oferece. Sempre indico a Unipalma-



Renata Aloá Oliveira

res aos meus amigos. O último deles, colega de trabalho que quer estudar, já se interessou pelo que a faculdade oferece e vai prestar o vestibular”, explica. A superintendente da área de cartões do Banco Real ABN AMRO, Natacha Núncio, acompanha o estágio de Renata Aloá Oliveira, 21 anos, terceiro ano de Administração na Unipalmes, desde o início do programa.

“Sento com a Renata pra conversar a cada dois meses. Leio seus trabalhos, as revistas e outros materiais interessantes para a área que ela traz. Acompanho as notas dentro do programa da FGV, vejo o que ela mais gostou de aprender”, relata Natacha.

O empenho é mútuo. Renata diz que os aprendizados que recebem no programa são fundamentais para o mercado de trabalho. “Aprendo uma visão de negócios, valores para o banco, para mim e para sociedade.”

Para Renata, dificilmente esta vaga de estágio seria acessível, caso cursasse outra universidade. “A minha universidade tem uma preocupação específica, que é preparar o negro para o merca-

do de trabalho. Poderia ter uma oportunidade, mas não ‘a’ oportunidade, como esta que tenho hoje”, afirma.

Natacha destaca que, mesmo sem experiência profissional anterior, trabalhar com Renata é positivo, pois a predisposição para o aprendizado é grande, além da facilidade em formá-la com o perfil da instituição. “Ela não complica tanto na hora de avaliar as tarefas, na forma de proceder. Fala e se posiciona muito bem e é comprometida com a entrega de trabalhos”. E para a ansiedade da estagiária, Natacha revela que “certamente ela será efetivada no final deste ano ou no início de 2008”.

Como resultado do sucesso do projeto pioneiro da Unipalmes, em São Paulo, o programa já atua também na Faculdade Associada Brasil e na Associação Itaquerense de Ensino. Na cidade do Rio de Janeiro, nas instituições Faculdades Integradas Simonsen, UniCARIOCA, Centro Universitário da Cidade - Campus Bonsucesso, Universidade Celso Lisboa, Universidade Estácio de Sá, Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Faculdade Cenequista de

Itaboraí. Em Cabo Frio – RJ, cerca de 160 quilômetros da capital, na Faculdade da Região dos Lagos. Em Olinda – PE, a seis quilômetros de Recife, na Fundação de Ensino Superior de Olinda – Funeso. E em Apucarana – PR, cerca de 370 quilômetros de Curitiba, na Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana – FECEA.

Para ampliar ainda mais o programa que visa aumentar o número de profissionais negros na organização e no mercado de trabalho, segundo a analista de RH Ana Lúcia, “há pretensão de ampliar o programa para outras faculdades, estados e em número de estagiários”.

Outras efetivações à vista.

E em massa!

O Banco Itaú, primeiro a assinar com a Unipalmes o programa de inclusão e desenvolvimento pessoal e profissional de estudantes afrodescendentes, tem 90 estagiários em monitoramento, de turmas de 2005, 2006 e 2007.

No primeiro ano do programa, eram 21 alunos da Unipalmes. Em 2006, devido ao sucesso obtido, entraram



Marcele Correia, Recrutamento e Seleção do Itaú

// Planejei entrar na faculdade para trocar de programa, usufruir outros aprendizados e progredir ainda mais. //

mais 25 da Unipalmarens e cinco da Universidade São Francisco – dos frades franciscanos, localizada no Pari, em São Paulo. Em julho deste ano, mais 15 alunos da Unipalmarens entraram no Itaú e, devido ao sucesso do projeto, o programa já alcança outras universidades de São Paulo (Universidade Paulista, Centro Universitário Assunção – UniFAI e Universidade Metodista de São Paulo) e se estendeu para as principais capitais brasileiras: Salvador (Universidade Federal da Bahia), Rio de Janeiro (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Brasília (Universidade de Brasília e Faculdade Michelangelo) e Belo Horizonte (Universidade Federal de Minas Gerais e Pitágoras Sistema de Educação Superior Sociedade Ltda.). No Itaú, os profissionais realizam ao longo de três anos de estágio um curso de extensão universitária ministrado pelo Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Educação Continuada da Unicamp (CPDEC), no qual passam



Ana Paula Rocha Silva



Sammer Laisa Santos

por 360 horas de treinamento no primeiro ano, 180 no segundo, 42 no terceiro.

Ao término do primeiro ano, os estagiários recebem o certificado da Unicamp “Formação de Executivo Júnior”. No dia 1º de agosto, a segunda turma, desta vez a de 2006, recebeu o diploma, em solenidade de formatura no Itaú Cultural.

De acordo com a gerente de Recrutamento e Seleção e gestora do Programa de Capacitação de Afrodescendentes do Itaú, Marcelle Correia, as competências comportamentais dos estagiários do programa e dos demais, geralmente procedentes de universidades federais, são iguais. “No entanto, o comprometimento dos estagiários do programa é muito grande. Mesmo com a graduação, o curso da Unicamp e o trabalho no banco, eles dão conta de tudo.”

A estagiária Ana Paula Rocha da Silva, 18 anos, que faz o primeiro ano da Faculdade de Administra-

// Para chegar até aqui, passamos por um processo seletivo concorrido e quem passou mostrou competência. //

ção na Unipalmarens e do estágio no Itaú, gerida por Marcelle, já participava de outro programa do banco desde 2005 – Programa Adolescente Aprendiz. “Como trabalhava na área de recursos humanos, sabia o que era o Programa de Capacitação de Afrodescendentes. Planejei entrar na faculdade para trocar de programa, usufruir outros aprendizados e progredir ainda mais”, conta. Ana Paula evidencia o momento no qual se encontra como “uma nova vida, com aprendizados e funções agregados pelo conjunto Unipalmarens - Itaú”.

O programa traz ainda sentido de notoriedade. “Participar e se destacar neste programa é importante, porque algumas empresas ainda não vêem o negro como ‘coisa boa’. Para chegar até aqui, passamos por um processo seletivo concorrido e quem passou mostrou competência”, diz a estagiária que cursa o primeiro ano do Programa de Capacitação de Afrodescendentes, Sammer Laiza Santos, 23 anos, estudante do segundo ano de Direito da Universidade São Francisco.

Para o superintendente do setor Jurídico-Trabalhista e Previdenciário e gestor de Sammer, Paulo Aquino, o jovem que está neste tipo de programa está apto a competir. “Nós vamos tirar destes grupos executivos que vão ocupar posições. Aí, sim, vamos ver o negro numa disputa de iguais”. Frisa ainda que o Itaú não está fazendo favor a ninguém, pois “dar oportunidade não é caridade, é negócio. Haverá um retorno financei-



*Paulo Aquino, Superintendente Jurídico do Itaú*

ro aos envolvidos, tanto à empresa, quanto aos profissionais”.

Marcelle alerta que quando se fala em diversidade, só inclusão não basta. “Caso haja dificuldades nestes estagiários, normalmente oriundos de escola estadual, onde sabemos que o ensino deixa a desejar, é preciso trabalhar em cima disso, dar qualificação”, explica. Qualificação feita, profissional preparado. Marcelle, para legitimar que o afrodescendente com a devida oportunidade vai além dos setores onde é comumente visto, dá uma ótima notícia: “Todos os 21 alunos da Unipalmarens, que ingressaram no banco em 2005 e se formam em Administração de Empresas no fim deste ano, serão contratados nas áreas em que já atuam.”

Em busca do Brasil

O Bradesco, instituição que tem no Programa Unipalmarens 74 alunos da universidade, de turmas de



*Milton Matsumoto, Diretor-executivo do Bradesco*

// O processo está em andamento. Com a ajuda da Afrobras e Unipalmarens vamos identificar as instituições de ensino superior que seguem o programa.

2005, 2006 e 2007, também aposta na ampliação do projeto e quer abranger outros estados.

De acordo com José Vicente, a expansão dos projetos de inserção dos negros nas instituições financeiras ocorre devido à percepção adquirida pelos bancos parceiros de que a prática de inclusão é importante para a apresentação da instituição, para agregar valor à prática empresarial, entre outros fatores. “Existem laboratórios nas empresas, nos quais todos os resultados são avaliados e aqueles que têm possibilidade de sucesso vão em frente.”

Segundo o diretor executivo do banco, Milton Matsumoto, os resultados positivos obtidos do programa despertam o interesse de ampliar o projeto para outros estados. “O processo está em andamento. Com a ajuda da Afrobras e Unipalmare, vamos identificar as instituições de ensino superior que seguem o perfil do programa.”

Além deste trabalho, inicia-se outro: a avaliação da primeira turma – em meados de setembro – que conclui o estágio dia 6 de novembro de 2007. “Daí veremos a possibilidade de aproveitamento de pessoal dentro da organização Bradesco, a partir do desempenho de cada estagiário”, explica.

O estagiário da recém-chegada turma de 2007 do Bradesco, aluno do primeiro ano de Administração da Unipalmare, Douglas Rodrigues do Santos, 24 anos, cita a frase do palestrante Tom Coelho para reforçar que a boa per-



*Douglas Rodrigues do Santos*



*Júlio Alves Marques, Superintendente da área de Treinamento do Bradesco*

formance é inata: “Vencer não é tudo na vida. Querer vencer, é.” E o triunfo é uma busca da família de Douglas. “Somos quatro irmãos e estudamos na Unipalmare porque partilhamos dos mesmos princípios que a universidade, dentre eles a valorização da história do negro no Brasil, que foi construída de forma diferente das demais etnias do país.”

No departamento de treinamento, “a possibilidade de caminhar pelas diversas áreas do banco proporciona uma visão macro da atividade empresarial”, afirma Douglas, que se sente em família no banco e que é apoiado pela efetivação desde que chegou na instituição.

E quem aguarda para aplaudir este sucesso esperado é o superintendente executivo de Treinamento, Júlio Alves Marques, gestor de Douglas. “Neste denso programa de treinamento e estágio prático, com duração de dois anos, procuramos aliar a parte conceitual e prática, para que ao final dos dois anos os participantes, dentre eles

// A possibilidade de caminhar pelas diversas áreas do banco proporciona uma visão macro da atividade empresarial. //



Rodrigo Fernandes, RH do Santander-Banespa

o meu 'apadrinhado', tenham total capacidade de serem efetivados aqui ou em qualquer instituição financeira.”

Entre as atividades realizadas no programa, há palestras de economia e treinamentos presenciais, um deles com a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP (FEA), e outros on-line, feitos com parceiros do Bradesco.

### Na descoberta dos primeiros passos

O Santander Banespa tem 16 alunos no Programa de Estágio Unipalmarenses, desde maio de 2007. É a mais recente instituição financeira a implantar um programa em parceria com a universidade. De acordo com o superintendente de

RH, Rodrigo Fernandes, a implantação do programa, que tem duração de nove meses, podendo ser prorrogado, é um processo de aprendizado para o banco e diz que há a pretensão e o comprometimento de investir no contexto de diversidade. “Neste aspecto, esperamos trabalhar com uma frequência anual do programa”, conta.

Fernandes explica que existe uma formação específica para estagiários da Unipalmarenses. “É uma grade de formação, módulos que são ministrados por diversas instituições acadêmicas ou consultorias, que fornecem conhecimento técnico e individual.”

### Ônix em crescimento

O Projeto Ônix, do HSBC, que come-

“ Esperamos trabalhar com uma frequência anual do programa. ”

çou seu trabalho de inclusão do afro-descendente com a Unipalmarenses contratando 20 alunos como estagiários em 2006, incorporou ao programa em junho deste ano mais 20 estagiários vindos da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Universidade Federal do Paraná Universidade Tuiuti do Paraná e UniBRASIL, todas em Curitiba, onde se localiza a sede do banco. O estágio tem duração máxima de dois anos e, caso haja efetivação no decorrer do projeto, o estagiário torna-se funcionário e não mais participante do Ônix. A primeira efetivada do banco, Marina Apolinário, 22 anos, aluna do segundo ano de Administração da Unipalmarenses, no dia 2 de julho segurou-se para não pular de alegria, e de forma gratificante não hesitou em abraçar o chefe. “Eu



Marina Apolinário

// Quem faz a diferença é quem aplica na própria carreira. //

parei e pensei o porquê de ser a primeira efetivada. A conclusão a que cheguei é que meu chefe esteve sempre próximo, disposto a acompanhar meu trabalho e a ajudar no que fosse necessário”, disse ela, que acredita que com o apoio dele pôde mostrar capacidade e potencial.

E o chefe, ou treinador como ele mesmo se denomina, Ricardo Boga, do Departamento de Câmbio e Comércio Exterior, enaltece que o mérito é dela. “Quem faz a diferença é quem aplica na própria carreira. Percebi o nível de curiosidade dela, que tem a qualidade de ser impaciente e sempre busca conhecimentos novos.” O que levou Marina a Unipalmars foram os projetos de inserção do negro na sociedade. “Observava outros processos seletivos, no entanto a minha universidade era a mais interessante e comprometida. Com ela me identifiquei”, expõe.

Em Januária, ao norte de Minas Gerais, a mais de 600 quilômetros de Belo Horizonte, Edna Nogueira Araújo, 25 anos, conheceu a Unipalmars através de um primo, bolsista da Afrobras. “Vim



Ricardo Boga, Comércio Exterior da HSBC



Edna Nogueira Araújo

para São Paulo em novembro de 2004 com a idéia de estudar na Unipalmars”, diz ela, que hoje cursa o segundo ano de Administração. “O meu progresso foi mais rápido do que eu imaginava. Através de um projeto como o da Unipalmars, pude entrar no HSBC, uma empresa presente em grandes países e que me dá oportunidade de seguir uma carreira de sucesso”, afirma Edna.

Segundo o gerente de RH e Diversidade, Mauro Raphael, ainda neste segundo semestre de 2007, o Ônix ganhará mais uma turma em São Paulo e chegará ao Rio de Janeiro e Bahia.

A diretora acadêmica da Unipalmars, Cristina Jorge, explica que a universidade também apóia os estagiários das instituições financeiras com projetos específicos,

// O meu progresso foi mais rápido do que eu imaginava. Através de um projeto como o da Unipalmars, pude entrar no HSBC. //



*Maria Célia*

tais como as oficinas de Língua Portuguesa e Matemática Financeira, o curso de Inglês, em parceria com a Associação Alumni, e acrescenta: “Nos laboratórios de informática, são instruídos de modo a resolver problemas que surgem no cotidiano dos bancos. Também são incentivados ao hábito da leitura dos principais jornais e revistas, principalmente aqueles dos segmentos em que atuam”.

É imprescindível destacar o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Apoio Psicológico – NAP da Unipalmes que confere gratuitamente aos alunos psicoterapia, individual ou em grupo, fator que possibilita o crescimento profissional e pessoal, desenvolvimento e conquista. “O intuito é ensinar aos jovens como lidar com entraves emocionais: a angústia e ansiedade, dificuldade de falar em público, insegurança no mercado de trabalho etc.”, explica a coordenadora do NAP, Maria Célia Malaquias, satisfeita com os resultados que os alunos têm demonstrado.

Avança, primogênita!

Dos 30 estagiários do Programa Unipalmes do Citibank, iniciado em outubro de 2006, que tem duração de um ano, com a possibilidade de renovação para dois, Eucilene Santos foi a escolhida para atuar em Recebíveis Card pela superintendente da área, Marina

// O intuito é ensinar aos jovens como lidar com entraves emocionais: angústia e ansiedade, dificuldades de falar em público, insegurança no mercado de trabalho e etc. //

Alves. Afinidades à parte, oportunidade dada, a estagiária tornou-se funcionária efetiva em sete meses.

“Identifiquei que ela seria boa para minha área”, frisa Marina, que valorizou o comprometimento e a determinação da estagiária. Para ela, “o programa é importante porque recebe no banco



*Marina Alves, Superintendente da área de Recebíveis do Citibank*



*Eucilene Santos*

alunos de uma universidade diferente daquelas tradicionais, que sempre têm seus alunos nas grandes instituições financeiras”.

Eucilene, a primeira a ser efetivada no banco, enche o pulmão e diz: “Agora sou analista de Recebíveis.” O orgulho em destacar o novo cargo dá-se à determinação de quem quer ascender, aos 33 anos, e à responsabilidade de zelar pela criação do casal de filhos adolescentes. “Cursei até o terceiro ano de Economia, mas parei porque não estava em condições de pagar a mensalidade. Hoje, com o salário melhor, consigo colocar as dívidas em dia, passear com meus filhos, reformar a casa, comprar algo que eu tenha vontade e ainda fazer alguma economia.” As realizações



*Prof. Cristina Jorge, Diretora da Unipalmars*

não param e Eucilene, estudante do segundo ano de Administração da Unipalmars, quer concluir a faculdade e o curso de inglês, e fazer pós-graduação em Economia.

Na família da analista de Recebíveis, a universidade na qual estuda não é exclusividade dela. O marido e a cunhada também desfrutam da mesma qualidade de ensino. E o filho de 16 anos, como bom observador, também quer trilhar este caminho quando concluir o Ensino Médio e prestar vestibular para Administração, no processo seletivo da Unipalmars.

O sucesso dos projetos dos bancos excedeu às expectativas da diretora da Unipalmars, Cristina Jorge. “Os alunos-estagiários amadureceram e transformaram-se em jovens que serão disputados no mercado de trabalho”, assegura. ■

// Os alunos-estagiários amadureceram e transformaram-se em jovens que serão disputados no mercado de trabalho. //

Não é só com alimentos que a Nestlé faz do Brasil um país mais gostoso para viver.



PUBLICIS

**Investir no futuro do Brasil faz bem.**

Responsabilidade social é algo que a Nestlé sempre levou muito a sério. É por isso que ela investe em programas no campo da cultura (Viagem Nestlé Pela Literatura), educação alimentar (Programa Nutrir) e cidadania (Projeto MEC/Nestlé de Valorização). Mais que projetos, essas iniciativas proporcionam dignidade e a perspectiva de uma vida melhor a milhões de pessoas.

 **Nestlé**  
Good Food, Good Life

[www.nestle.com.br](http://www.nestle.com.br)

# Competência revelada

Formatura reúne 30 jovens executivos juniores

*Por: Zulmira Felício, Editora*

A diversidade estava presente tanto no auditório que lotou o Centro Cultural Itaú, em São Paulo, na noite de 1º de agosto de 2007, quanto pelos integrantes da mesa que conduziram os trabalhos na cerimônia de formatura da segunda turma do programa Formação de Executivo Júnior, uma parceria do Banco Itaú, Unipalmes e Unicamp. Também participam desse programa alunos da Educafro. Ocuparam a mesa dos trabalhos o prof. dr. José Tadeu Jorge, reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); José Vicente, reitor da

Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares (Unipalmes); Fernando Tadeu Perez, diretor-executivo da área de RH do Banco Itaú; frei Davi Raimundo dos Santos, fundador do Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes (Educafro) e Valéria Riccomini Veiga, gerente do Projeto do Banco Itaú.

José Vicente, reitor da Unipalmes e presidente da Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural (Afrobras) ressaltou a ousadia, coragem, disposição e determinação do Itaú, o primeiro parceiro da enti-

dade a abraçar o projeto de inclusão de afrodescendentes no mercado de trabalho e que hoje se estende por outras capitais. “Em nome dos negros – paulistas e brasileiros – eu agradeço ao Itaú por esse pioneirismo”. José Vicente aproveitou a ocasião para enaltecer o trabalho da Unicamp, a primeira universidade de São Paulo a realizar um projeto de ação afirmativa, e a responsabilidade da Educafro em contribuir para a ampliação do número de jovens em mais de 40 instituições federais de ensino que estabeleceram o sistema de cotas.

“Agradecemos à Unipalmarens pela oportunidade, juntamente com o Itaú, de participar desse projeto que deverá servir de modelo, de exemplo”, enfatizou o prof. dr. José Tadeu Jorge, reitor da Unicamp, ao mesmo tempo em que frisou os esforços desempenhados pela Faculdade de Engenharia e pelo Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Educação Continuada da Unicamp (CPDEC) na operacionalização do programa de Formação Executivo Júnior.

A cerimônia de formatura contracenou momentos de alegria dos alunos ao receberem os diplomas com os depoimentos dos integrantes da mesa. Em meio a grande emoção, frei Davi não conteve as lágrimas ao lembrar aos 30 formandos da importância de contagiar outros jovens – negros e brancos – na luta em prol de um futuro de mais oportunidades e lembrou que o sistema de cotas da UERJ está prestes a vencer, sendo necessário o

empenho de todos para a sua renovação. Por outro lado, comemorou a iniciativa do Ministério Público do Rio de Janeiro que irá reservar 20% de suas vagas (480 no total) de estágio para afrodescendentes.

O Programa de Capacitação de Afrodescendentes do Itaú se constitui de três anos, sendo que no final do primeiro ano os alunos recebem o certificado de conclusão de qualificação do curso da Unicamp, explicou Valéria Riccomini Veiga que juntamente com sua equipe e os gestores são os responsáveis por sua realização. Até agora, 21 estagiários tomaram parte da primeira turma, sendo que a terceira (que inclui mais 20 jovens) teve início em abril deste ano. “O Itaú está estendendo esse programa para Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro e Salvador”, diz Valéria de sua satisfação como profissional pelo sucesso da iniciativa, e também como pessoa. “É gratificante ver as parcerias Unipalmarens, Educafro e

Unicamp – uma vez que todos estão orientados para o sentido da inclusão.” “Nós, do Itaú, temos consciência dessa dívida para com os irmãos afrodescendentes que não se resolve com a rapidez que merece, mas se cada um fizer um pouco, somando, vai diminuir essa dívida. Entendemos que a diversidade é fundamental. Com esse trabalho estamos contribuindo para a reconstrução de um novo País”, disse Fernando Tadeu Perez. O diretor executivo de RH do banco ressaltou também a importância das ações de inclusão estabelecidas pela Unipalmarens e Educafro, visando parcerias com o meio empresarial. “Após o primeiro ano de treinamento é possível perceber o aperfeiçoamento dos estagiários tanto no conhecimento técnico quanto no comportamental. Tendo oportunidades, a competência desses meninos é revelada. A sorte combinada com a oportunidade gera competência”, sentenciou. ■



*Executivos juniores do Itaú*

no

Pódio

contra a

discriminação

Brasil, terceiro colocado no ranking de medalhas nos  
Jogos Pan-Americanos de 2007

*Por: Daniela Gomes, especial para Afirmativa Plural*



*Gabriel Mangabeira*

Os jogos Pan-americanos de 2007 foram repletos de vitórias e deram ao Brasil a terceira colocação no ranking de medalhas, mas nenhuma vitória foi tão significativa quanto a que derrubou o preconceito.

A diversidade subiu ao pódio em todas as modalidades e os jogos tiveram a cara e o nome do Brasil. Silvas, Pereiras, Clementinos e outros encheram nosso país de medalhas e nosso povo de orgulho ao ver a sua face refletida.

Conhecido por todos como o país do futebol, durante os mais de 15 dias em que ocorreram os jogos, o Brasil

passou a ser visto também como o país do taekwondo, da natação, do hipismo e de tantos outros esportes que não recebem a mesma ênfase diária dos programas esportivos.

No topo do nosso pódio está o primeiro ouro, um ouro negro conquistado pelo lutador de taekwondo Diogo Silva que transmite atitude e ativismo ao agir e ao lutar utilizando o espaço conquistado na mídia para protestar e conscientizar a população negra brasileira.

Nossa prata vem para derrubar teorias racistas sobre o negro e sua participação na natação. Gabriel Manga-

beira conquista a prata na prova dos 100 metros borboleta.

A medalha de bronze chega com pioneirismo e luta na história de Rogério Clementino, primeiro cavaleiro negro do Brasil que saiu do interior do Mato Grosso do Sul para a história do hipismo brasileiro.

A força do Pantera Negra

Década de 60, Aretha Franklin ecoa nas rádios de todo o mundo pedindo por um pouco mais de respeito no conhecido refrão “All I askin’ is for a little respect”. Longe das festas, os panteras negros norte-americanos lutavam pe-

los direitos da população negra naquele país com gestos que, mal eles sabiam, ultrapassariam gerações e fronteiras e chegaram a um jovem brasileiro em pleno novo milênio.

O primeiro ouro do Brasil teve cor e nome: aos 25 anos, Diogo Silva faz questão de aproveitar o momento de exposição que está tendo para protestar contra a falta de apoio ao esporte que pratica e contra a falta de oportunidades aos jovens negros no Brasil.

A subida emocionada no pódio traz na memória outra atitude do lutador quando, durante os jogos olímpicos de Atenas, Diogo entrou no ringue com luvas pretas, lembrando o gesto realizado pelos afro-americanos Tommy Smith e John Carlos, em 1968. “Eu senti que o Brasil precisava de um punção de orelha para olhar para as classes baixas e para os esportes amadores que estão passando por dificuldades”.

Em entrevista ao programa Negros em Foco, Diogo teve oportunidade de falar sobre conscientização, dificuldades e vitórias (leia matéria na página 63). Nascido em São Sebastião e criado em Campinas, Diogo iniciou sua história com o taekwondo quando, aos sete anos, sua mãe percebeu seu excesso de energia e seu interesse por filmes de luta e o levou a uma academia. Aos 16 anos foi medalha de bronze no campeonato internacional na Turquia e desde então busca o primeiro lugar em uma competição.

A medalha finalmente chegou, mas não sem luta e muito esforço, segundo Diogo, pois a preparação para os jogos teve início muito antes do Pan, através da participação em intercâmbios na Europa e na Ásia, e com uma preparação psicológica: “Nós sabíamos que a pressão seria grande”.

Ao destacar a importância de sua vitória nos jogos, o lutador afirma que vencer em si não foi o mais importante, mas sim servir de exemplo para o povo brasileiro. “É de extrema importância ter um representante que no seu momento de vitória saiba falar das dificuldades que o negro passa no Brasil.”

// A diversidade subiu ao pódio em todas as modalidades e os jogos tiveram a cara e o nome do Brasil. Silvas, Pereiras, Clementinos e outros encheram nosso país de medalhas. //

#### Revendo conceitos

Tentando ignorar a falta de oportunidades dada à população negra em geral, muitas teorias são criadas para justificar a ausência da imagem do negro nos mais variados setores da sociedade. Assim também ocorreu no esporte. A natação, esporte que se tornou elitizado pelo difícil acesso às piscinas e aos clubes, acabou se tornando um espor-

te praticado principalmente por pessoas brancas e a ausência de nadadores negros criou uma teoria fisiológica defendida até hoje por muitos.

Segundo a teoria, os negros teriam uma maior densidade óssea que atrapalharia seu desempenho nos esportes aquáticos. Mal sabiam os criadores que há pouco mais de vinte anos um garotinho viria para fazer essa teoria cair por terra.

Aos dois anos de idade, Gabriel Mangabeira acompanhava o avô que era professor de natação quando, enquanto ninguém esperava, acabou se jogando na piscina iniciando assim sua ligação com a água e sua participação em esportes aquáticos.

Medalha de prata nos 100m borboleta, estilo que segundo entrevistas dadas pelo atleta é o seu favorito, Mangabeira tem uma trajetória de vitórias onde coleciona medalhas e títulos nacionais e internacionais. Além de ser um dos poucos nadadores com destaque no Pan, já teve oportunidade de ser recordista sul-americano e conseguiu um sexto lugar nas Olimpíadas de Atenas em 2004.

Em 2000, decidiu viver nos Estados Unidos, passou a estudar administração na Universidade da Flórida e ali naquele país somou dois dados importantes em sua vida – conheceu a atual esposa, a nadadora alemã Marieta Uhle que também competia pela universidade, e foi treinado por um longo período por Anthony Nesty, primeiro negro a conquistar uma medalha de ouro em natação, nos jogos olímpicos de Seul em 1988.

Exemplo nas piscinas é o que não falta, já que no ano 2000 o baiano Edvaldo Valério ganhou destaque ao se tornar o primeiro negro brasileiro a nadar em uma piscina olímpica. ■

# uma história de Superação

*Por: Daniela Gomes, especial para Afirmativa Plural*

A primeira medalha de ouro do Brasil nos jogos Pan-Americanos 2007 teve cor. Foi uma medalha de ouro negra, com a cara de todos os brasileiros, representada na figura de Diogo Silva. Em entrevista ao programa Negros em Foco, Diogo fala mais sobre sua carreira, militância, decepção com a falta de apoio ao taekwondo e sobre a emoção de subir ao pódio.

**Negros em Foco - O primeiro ouro do Brasil foi um ouro negro, conquistado por um atleta negro. Que emoções isso traz para você?**

**Diogo Silva** - Foi de extrema importância, não o fato de ter sido campeão, mas sim o de ter um representante que no seu momento de vitória sabia falar das dificuldades que o negro passa no Brasil.

**Negros em Foco - O seu gesto simbolizando os panteras negras durante os jogos olímpicos de Atenas tem sido muito comentado. Como começou o seu processo de conscientização até chegar ao ato durante as olimpíadas de Atenas?**

**Diogo Silva** - Eu morei durante doze anos em Campinas e ali eu tomava parte

de alguns grupos sociais e grupos de consciência negra. A partir do momento que comecei a participar mais desses grupos, passei a frequentar lugares e conhecer pessoas que tinham uma tendência política muito grande. Para entender o que eles estavam falando, comecei a buscar mais informações em livros, porque isso a gente não aprende na escola. Com isso, eu estava nas classificatórias, próximo aos jogos olímpicos de Atenas. No momento da competição eu já tinha em mente fazer esse protesto com a luva preta, sem

saber se seria bem visto ou não, mas tinha em mente fazer isso da mesma forma, pois senti que o Brasil precisava de um puxão de orelha para olhar para as classes baixas e para os esportes amadores que estão passando por dificuldades no País.

**Negros em Foco - Você poderia citar alguns desses livros que o influenciaram?**

**Diogo Silva** - Eu tive como base o livro do Malcom X. Foi um grande começo na orientação dessa minha caminhada política; também sou grande fã de Mumia Abul Jamal – conheço todo o trajeto de vida dele – e, ainda, Nelson Mandela foram as pessoas em que eu mais foquei.

**Negros em Foco - Como foi a sua infância, você teve uma vida mais privilegiada ou teve uma vida de mais dificuldade como a maioria dos negros brasileiros?**

**Diogo Silva** - A minha história é de 70% do nosso povo; na minha família a gente teve um desequilíbrio muito grande com o envolvimento de muitos no crime organizado e sofremos bastante com isso. E toda vez que eu ganhava uma competição a família toda se animava, pois dizia: “tem um que está a salvo disso tudo”. Cada vez que eu competia mais e ganhava mais, eu conseguia tirar um da rua e hoje ninguém da minha família está envolvido com o crime. Isso é uma vitória e eu espero fazer isso também com outras famílias.

**Negros em Foco - Como o taekwondo foi parar na sua vida?**

**Diogo Silva** - Eu sempre fui fã de filmes de luta e falava que eu queria fazer algo parecido com o que eu via nos neles. Aos sete anos de idade, minha mãe me levou a um clube e ali

eu vi minha primeira aula de taekwondo, quando durante uma demonstração o professor estava quebrando telhas e eu fiquei espantado. Disse: é isso que eu quero fazer. Comecei a praticar com treze anos, e a competir. Com 16 anos fui medalha de bronze mundial na Turquia. A partir desse momento, percebi que eu tinha total condição de disputar com o resto do mundo em igualdade. Daí comecei a treinar mais, a me dedicar mais ao esporte.

**Negros em Foco - Como foi a participação do taekwondo durante o Pan?**

**Diogo Silva** - O taekwondo teve uma brilhante passagem nos jogos pan-americanos. Nós conseguimos quatro medalhas – uma de ouro, duas de prata e uma de bronze. Estamos em constante evolução e agora a gente pretende difundir um pouco mais o nosso esporte no Brasil e poder representar um pouco mais a nossa comunidade para todo povo brasileiro.

**Negros em Foco - O que você acha que falta para o taekwondo chegar mais vezes ao pódio?**

**Diogo Silva** - Primeiramente, conseguir um centro de treinamento para investir em categorias de base e criar uma renovação, e também para os atletas que já estão em um nível mais alto, como eu, poderem se preparar melhor para as competições internacionais. Nós recebemos convites de muitos países para fazer intercâmbio, mas não temos como trazê-los para o Brasil porque não se tem um centro de treinamento.

**Negros em Foco - Nesse início de carreira qual foi a sua maior dificuldade?**

**Diogo Silva** - Até hoje a maior dificuldade é a financeira. A gente até consegue superar os adversários, mas não

consegue superar a dificuldade financeira. O Brasil vem perdendo muito com isso. Grandes atletas vêm saindo do País e se naturalizando portugueses ou espanhóis, competindo por outras nações porque não suportam mais essa “burrocracia” que temos aqui. Eu mesmo já recebi inúmeras propostas para competir por outro país e estou persistindo muito. Eu quero continuar no Brasil porque, se um dia isso acontecer, eu vou me sentir muito decepcionado.

**Negros em Foco - Há muitas personalidades negras na mídia que não se assumem como negro e não aproveitam que estão em evidência para melhorar a vida de outras pessoas. Você tem mesmo essa garra de querer mudar o país e essa visão que as pessoas têm?**

**Diogo Silva** - Hoje eu tenho esse poder de estar na mídia e posso falar. Muitas pessoas gostariam de ter essa oportunidade e não têm e muitos têm e não fazem. Quando eu estava do lado de fora vendo pela TV, o que eu mais queria ver era uma pessoa como eu ganhando uma medalha. Pois você sente que era uma pessoa que pegou ônibus, pegou metrô, você vê o seu reflexo. Ao olhar os campeões do Brasil, vemos sobrenome alemão, francês, não tem um Silva, não tem um Ferreira, um Pereira. As pessoas estavam precisando de um ídolo que seja realmente igual a eles. Quando aconteceu de eu ser campeão dos jogos pan-americanos, não representou somente a medalha, mas sim alguém que eles podiam aplaudir, podiam chorar por ele e que iria demonstrar na forma de agradecimento, de protesto, de falar realmente o que anda acontecendo no nosso País. ■



*Diogo Silva*

# o cavaleiro negro

Aos 17 anos, uma mochila nas costas e o desejo de cair no mundo. Assim Rogério Clementino deixou a mãe e os irmãos na cidade de Tacuru, no Mato Grosso do Sul, para procurar o seu destino. Nessa jornada, o jovem conseguiu chegar até Paranavaí, no interior do Paraná, onde arranjou um trabalho de peão.

Vivendo de bicos nas fazendas da região, limpando baias e tratando dos cavalos, aprendeu a lidar com os animais. O tempo foi passando e a falta de notícias deixava a família preocupada, mas com a certeza de que o jovem aventureiro teria um futuro brilhante. Como qualquer outro de sua idade, entre um trabalho e outro, Rogério arranjava um pouco de tempo para a diversão como sair com os amigos ou bater uma bola. E foi exatamente em um desses bate-bolas que Rogério Clementino conheceu o atleta Leandro Silva.

Ao ver o empenho de Clementino, o atleta passou a lhe ensinar a domar os cavalos e depois a montar. Da parceria surgiu o convite, por parte de Leandro, para que Rogério Clementino fosse com ele trabalhar em um haras em Araçoiaba da Serra, interior de São Paulo.

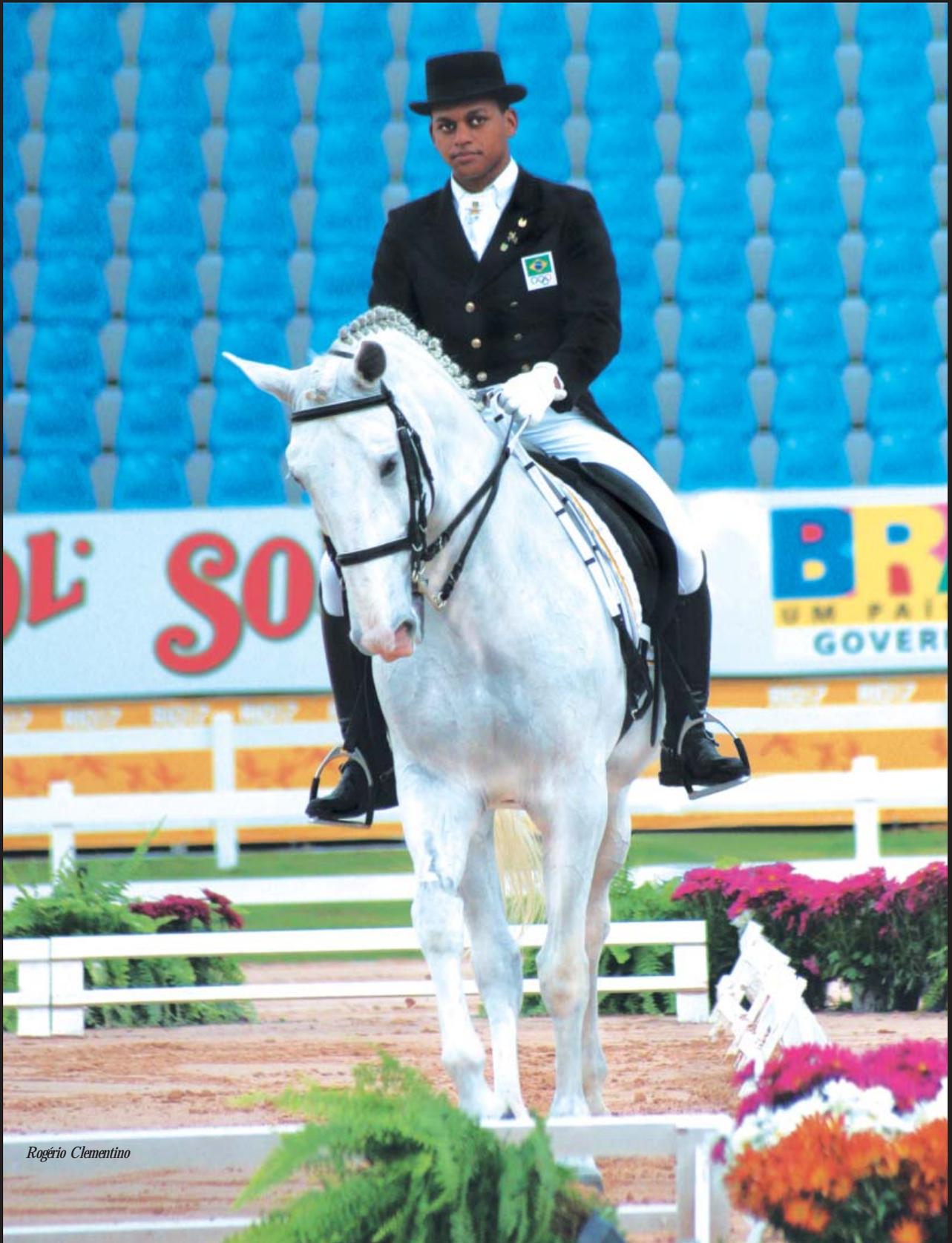
Rogério aceitou a proposta e embarcou com Leandro em mais uma jornada. Mal sabia ele que dessa vez em seu caminho estaria a sorte sorrindo em formato humano. O dono do haras em São Paulo era ninguém menos do que o empresário José Víctor Oliva, que percebeu o talento de Rogério no trato dos animais e resolveu patrociná-lo, investindo em cursos e preparos.

Força de vontade, dedicação e o apoio do empresário brasileiro trouxeram, antes mesmo do início dos jogos pan-americanos, o primeiro recorde brasileiro no Pan-Rio 2007. A batalha que

não aconteceu nas pistas, quadras ou ringues, foi vencida contra o preconceito, quando Rogério Clementino foi convocado para integrar a seleção brasileira de hipismo e marcou a história do esporte brasileiro ao se tornar o primeiro cavaleiro negro a participar dos jogos pan-americanos.

A família do cavaleiro em Tacuru só teve motivos para comemorar, já que, além de ver o filho representar o Brasil nos jogos, teve a oportunidade de mostrar aos vizinhos e amigos da cidade que falava a verdade ao dizer que Rogério havia se tornado cavaleiro.

Trilhando um caminho de vitórias, Rogério conquistou a medalha de bronze no adestramento por equipe durante os jogos e, por todas as suas conquistas, tem sido comparado ao negro inglês Lewis Hamilton, piloto revelação de Fórmula 1. ■



*Rogério Clementino*

Quando o assunto é  
**SEGURANÇA NA INTERNET,**  
como você é?

Faça o teste e descubra



Haroldo,  
o tranqüilão.

**1.**

Você costuma fazer downloads de vídeos no seu computador?

- a) Só de sites que eu conheço.
- b) O que é download?
- c) Claro! Todo mundo faz.
- d) Opa! Manda o link aí para mim.

**2.**

Você sabe o que é um Cavalo de Tróia?

- a) É um vírus que entra no computador, fica espiando os dados pessoais e derruba as proteções do equipamento.
- b) É um negócio de computador, não?
- c) Não.
- d) Sei tudo sobre ele. Estudei na aula de História.

**3.**

Você contou sua senha do Internet Banking para alguém?

- a) Nem pensar.
- b) Só para um empregado meu.
- c) Não. Eu gravei no meu computador.
- d) Só para o rapaz que trabalha no site. Ele me ligou e disse que precisava para fazer a manutenção da Internet.

**4.**

Você tem um antivírus?

- a) Sim. E faço todas as atualizações.
- b) Sim. E amanhã vou fazer as atualizações.
- c) Como assim atualizar?
- d) Como assim antivírus?

**5.**

Você recebe um e-mail de uma pessoa que não conhece com um link para um cartão virtual. O que você faz?

- a) Deleto o e-mail imediatamente.
- b) Fico na dúvida.
- c) Claro que clico no link. Vai que é um admirador secreto.
- d) Clico no link e encaminho o e-mail para que todo mundo veja que tem alguém querendo me conquistar.

**6.**

Você sabe o que é um spam?

- a) É um e-mail com propaganda não autorizado.
- b) É um e-mail chato, que entope minha caixa de entrada.
- c) Não sei, mas adorei o nome. Vou usar de nick na sala de bate-papo hoje à noite.
- d) Eu adoro spam porque adoro comprar na Internet. Entro para ver todas as ofertas que me mandam.

**7.**

Você costuma clicar em links de ofertas que recebe por e-mail?

- a) Nunca.
- b) Só quando conheço a loja.
- c) Só quando a oferta é boa.
- d) Adoro uma oferta imperdível.

Se você respondeu mais a alternativa **a)**, você sabe se proteger na Internet. Se foi mais a **b)**, você precisa tomar um pouco mais de cuidado. Se foi mais a **c)**, você corre um grande risco de cair em um golpe da Internet. E se você respondeu mais a alternativa **d)**, você é o sonho de todo hacker.

**Internet é simples: se tomar alguns cuidados, você pode acessar sossegado. Veja as dicas do Haroldo para usar a Internet e as ofertas que o HSBC tem para você no site [toaquietotranquilo.com.br](http://toaquietotranquilo.com.br)**

**HSBC** 

No Brasil e no mundo, HSBC

# a ne dos g E ritude uropeus

*Por: Dr. Drauzio Varella*

Nossos ancestrais europeus foram negros durante dezenas de milhares de anos. Essa hipótese foi formulada 30 anos atrás por um dos maiores geneticistas do século XX, Luca Cavalli-Sforza, depois de conduzir estudos genéticos em centenas de grupos étnicos ao redor do mundo.

Para enunciá-la, Cavalli-Sforza partiu de evidências genéticas e paleontológicas sugestivas de que nossos ancestrais devem ter chegado ao Norte da Europa há cerca de 40 mil anos, depois de passar 5 milhões de anos no berço africano. Esses primeiros imigrantes eram nômades, caçadores, coletores, pescadores e pastores que se alimentavam predominantemente de carne. Dessa fonte, os primeiros europeus absorviam a vitamina D, imprescindível para a absorção de cálcio no

intestino e a boa formação dos ossos. Nos últimos 6 mil anos, quando a agricultura se disseminou pelo continente, fixou o homem à terra e criou a possibilidade de estocar alimentos, a dieta europeia sofreu mudanças radicais. A adoção de uma dieta mais vegetariana trouxe vantagens nutricionais, menor dependência da imprevisibilidade da caça e da pesca, aumentou a probabilidade de sobrevivência da prole, mas reduziu o acesso às fontes naturais de vitamina D. Para garantir que o metabolismo de cálcio continuasse a suprir as exigências do esqueleto, surgiu a necessidade de produzir vitamina D por meio de um mecanismo alternativo: a síntese na pele mediada pela absorção das radiações ultravioleta da luz solar. De um lado, a pele negra incapaz de absorver os raios ultravioleta na inten-

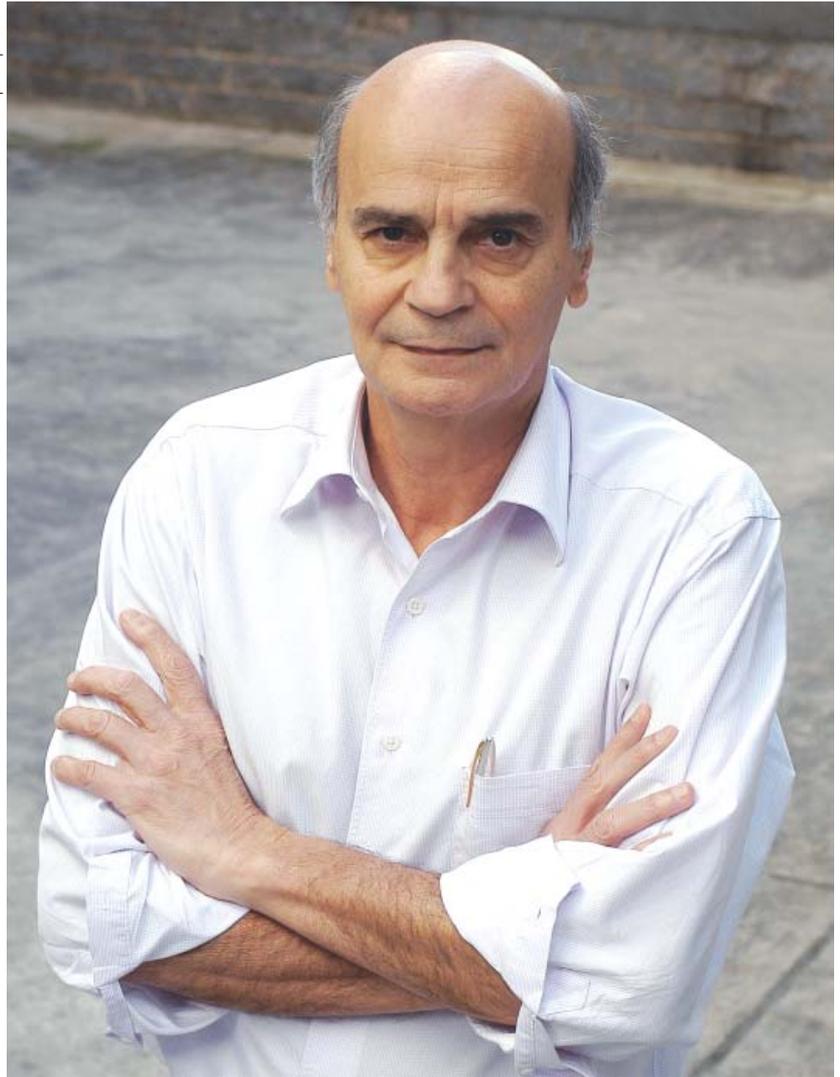
sidade que o faz a pele branca; de outro, as baixas temperaturas características do Norte da Europa, que obrigaram os recém-saídos da África tropical a usar roupas que deixavam expostas apenas as mãos e o rosto, criaram forças seletivas para privilegiar mulheres e homens de pele mais clara.

Num mundo de gente agasalhada dos pés à cabeça, iluminado por raios solares anêmicos, levaram vantagem na seleção natural os europeus portadores de genes que lhes conferiam concentrações mais baixas de melanina na pele. As previsões de Cavalli-Sforza enunciadas numa época em que a genética não dispunha das ferramentas atuais, acabam de ser confirmadas por uma série de pesquisas. No ano passado, ocorreu o maior avanço nessa área: a descoberta de que um gene, batizado de

// Num mundo de gente agasalhada dos pés à cabeça, iluminado por raios solares anêmicos, levaram vantagem na seleção natural os europeus portadores de genes que lhes conferiam concentrações mais baixas de melanina na pele. //

SLC24A5, talvez fosse o responsável pelo aparecimento da pele branca dos europeus, mas não dos asiáticos. Em outubro de 2005, o grupo de Keith Cheng, da Pennsylvania State University, publicou na revista *Science* um estudo demonstrando que existem duas variantes desse gene (dois alelos). Dos 120 europeus estudados, 98% apresentavam um dos alelos, enquanto o outro alelo estava presente em praticamente todos os africanos e asiáticos avaliados. Trabalhos posteriores procuraram elucidar em que época essa mutação genética teria emergido entre os europeus. Com emprego de técnicas de seqüenciamento de DNA, o gene SLC24A5 foi pesquisado em 41 europeus, africanos, asiáticos e indígenas americanos. Pelo cálculo do número e da periodicidade com que ocorrem as

Foto: Arquivo pessoal



Dr. Drauzio Varella

mutações, os autores determinaram que os alelos responsáveis pelo clareamento da pele foram fixados nas populações européias há 18 mil anos. No entanto, como a margem de erro nessas estimativas é grande, os autores também seqüenciaram outros genes localizados em áreas próximas do genoma. Esse refinamento da técnica permitiu estimar o aparecimento da cor branca da pele européia num período que vai de 6 mil a 12 mil anos.

Esses estudos têm duas implicações:

**1)** Demonstram que as estimativas de

que os seres humanos modernos teriam aparecido há 45 mil anos, e que não teriam mudado desde então, estão ultrapassadas. Nossa espécie está em constante evolução.

**2)** Demonstram como são ridículas as teorias que atribuem superioridade à raça branca. De 5 milhões de anos, quando os primeiros hominídeos desceram das árvores nas savanas da África, a meros 6 mil a 12 mil anos, éramos todos negros. ■

Fonte: Carta Capital

# Pesquisa genética divide opinião

Revelação da origem étnica da população causa polêmica

*Por: Daniela Gomes, especial para Afirmativa Plural*

Há alguns meses, a sociedade brasileira tem podido ver nos principais veículos de comunicação o resultado de uma pesquisa genética que determina a origem étnica de cada pessoa através de percentuais. Encomendado pela rede de comunicação BBC Brasil, o resultado permitiu, entre outras descobertas, não apenas definir a origem étnica, mas também a que região essa etnia pertence. Intitulada Raízes Afro-brasileiras, a pesquisa chamou atenção da mídia, pois foi realizada com nove personalidades conhecidas como a cantora Sandra de Sá, os cantores Djavan, Milton Nascimento e Seu Jorge, a ginasta Daiane dos Santos, o sambista Neguinho da Beija-Flor, a atriz Ildi Silva, o jogador de futebol Obina e o ativista Frei David Santos.

O trabalho desenvolvido pelo professor titular de bioquímica da UFMG – Universidade Federal de Minas Ge-

rais e proprietário do Gene Núcleo de Genética Médica dr. Sérgio Danilo Pena, avaliou o cromossomo Y e o DNA mitocondrial dos entrevistados com o objetivo de mostrar a origem de seus ancestrais. O geneticista, que desenvolve há 15 anos em seu laboratório na UFMG uma pesquisa sistemática com marcadores de DNA sobre a população brasileira teve, segundo ele, em seu laboratório particular, Gene, contratado pela BBC Brasil para realizar os testes junto aos convidados.

O processo de análise do material torna possível rastrear por meio do cromossomo Y um marcador de linhagem que revela o ancestral paterno mais antigo e através de alótipos (seqüências genéticas) do DNA mitocondrial é possível determinar a ancestral materna mais antiga, já que ambos, a menos que passem por mutações, permanecem a cada geração sem sofrer mudanças.

Outro teste, o de ancestralidade genômica revela o percentual de genes europeus, africanos e ameríndios de cada um, por meio de uma análise de determinadas regiões do genoma, que revelam traços distintos de genes associados a cada região geográfica.

Segundo Pena, as motivações declaradas pela BBC Brasil para realizar os testes seriam o bicentenário da abolição do tráfico de escravos na Inglaterra e a realização de estudo semelhante nos Estados Unidos, organizado pela apresentadora Oprah Winfrey e pelo intelectual Louis Gates Junior.

## Decifrando o passado

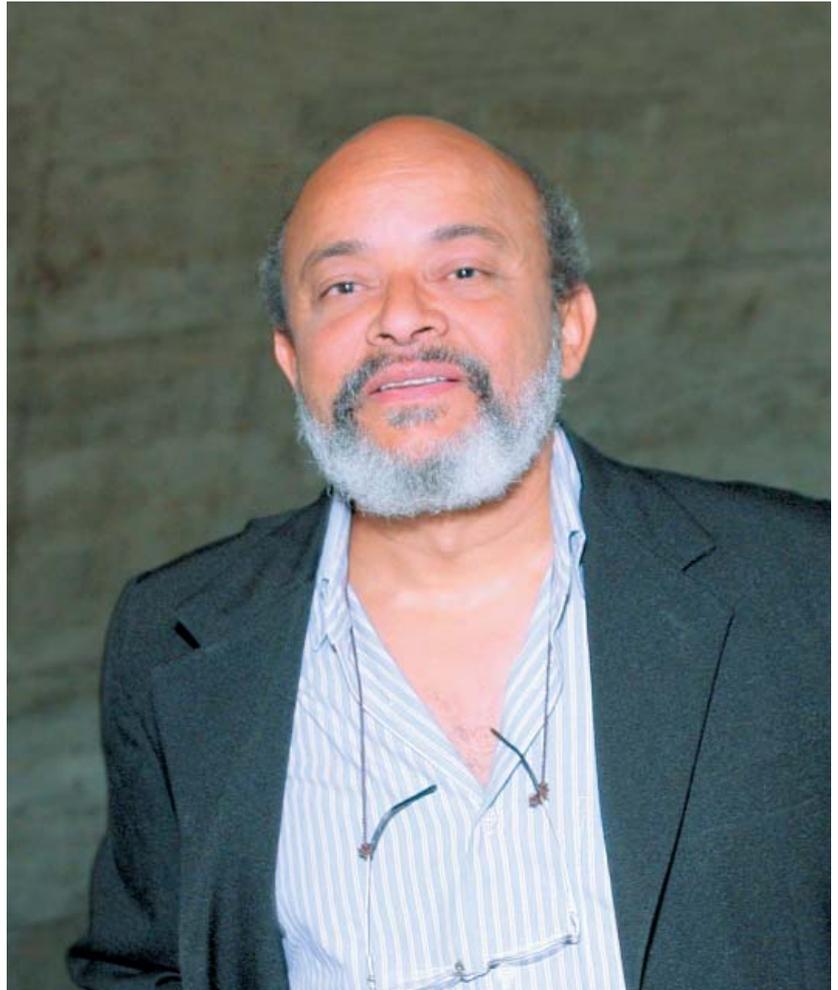
Desenvolvida há alguns anos por universidades americanas com o objetivo de criar um banco de dados para que os afro-americanos pudessem pesquisar suas origens, o teste de genealogia por DNA poderia tornar realidade o

sonho de muitos brasileiros, já que o histórico da escravidão fez com que a grande maioria dos descendentes de africanos no país desconhecesse sua região de origem e tivesse poucas informações sobre a sua ancestralidade.

De acordo com o dr. Sérgio Pena, em seu laboratório de pesquisa na UFMG, a geração do banco de dados sobre a população brasileira iniciou com a caracterização da população ameríndia e branca a partir de 1995 e em sua última etapa analisou a população negra brasileira. Segundo Pena, a pesquisa realizada com cerca de 300 indivíduos de três grandes capitais do país teve como objetivo mapear na África as origens geográficas dos afro-brasileiros. Defendendo a importância histórica de um trabalho como esse, o geneticista afirma que nos Estados Unidos pesquisas similares têm sido consideradas essenciais em fazer a conscientização da comunidade negra com relação às suas raízes históricas.

Para a cantora Sandra de Sá, uma das personalidades brasileiras que teve seu DNA testado pela BBC e que apresentou 96,8% de genes africanos, a realização da pesquisa foi importante, já que lhe permitiu ter sua ancestralidade como algo palpável. “É maravilhoso esse resultado, pois me dá a sensação de que eu tenho um caminho, uma origem”, declara Sandra.

O interesse em descobrir suas origens levou a escritora norte-americana Pearl Duncan a realizar o teste em 2000. Pearl, que foi a primeira americana a se submeter ao teste, afirma ter feito a pesquisa, pois desejava confirmar a origem de sua família, que ela suspeitava ser ganense. As revelações foram somadas a pesquisas históricas e linguísticas que resultaram em artigos publi-



*Frei David*

cados nos principais jornais americanos e no livro temporário “DNA, Courage & Ordinary Folks”, ou “DNA, Coragem e Tradições”, que está para ser lançado.

Nem todas as personalidades testadas tiveram sorte ao tentar desvendar suas origens. O ativista Frei David Santos, fundador do Educafro, ONG que busca a inclusão de afrodescendentes na sociedade e que trabalha na luta em favor das ações afirmativas, declara que uma das motivações para realizar o teste foi a promessa de que saberia a origem de seus ancestrais africanos. “A BBC foi explícita ao dizer: ‘você vai

descobrir com precisão de que região vem seus antepassados da África’ e essa resposta eu não obtive”, afirma o Frei. Segundo o dr. Sérgio Pena, em casos como o de Frei David e das outras personalidades que não obtiveram essa resposta, não foi possível determinar suas origens geográficas na África, pois a linhagem paterna ou materna do indivíduo não era africana. “Ao se estudar a população brasileira é comum encontrar linhagens maternas e paternas variadas”, declara o geneticista.

Pena afirma ainda que em casos como o de Sandra de Sá e o de outras das personalidades pesquisadas, o trabalho



Sandra de Sá

revelou ancestralidades absolutamente africanas, mas que infelizmente a imprensa preferiu focar os casos em que isso não aconteceu.

Para Frei David a nação brasileira deve à comunidade negra o direito de saber sua origem e, segundo ele, seria necessária até mesmo uma lei que garantisse a todo afro-brasileiro o direito de ir aos laboratórios das universidades públicas e pesquisar suas origens.

A cantora Sandra de Sá concorda com a amplitude da pesquisa, mas acredita que a população deveria ser pesquisada como um todo para abrir a cabeça

do brasileiro e acabar com o racismo e complexos de todos.

#### A vertente do mal

Mesmo com todo o seu significado acadêmico, a pesquisa acabou gerando controvérsias quando alguns veículos de comunicação passaram a utilizar um fator conhecido, como a miscigenação do país, para ressuscitar o mito da democracia racial brasileira.

Utilizando os dados obtidos, grupos que militam contra o sistema de cotas focaram principalmente o quanto de ancestralidade européia existe nessas

pessoas, para tornar injustificada a busca por ações afirmativas.

Para Frei David, o debate tem sido superficial e tendencioso já que em nenhum momento esses veículos ouviram militantes negros favoráveis às cotas. O ativista acredita que a pesquisa realizada pela BBC enfatizou mais as origens européias.

“Queremos inquirir na justiça a razão pela qual a maioria dos gráficos apresentados tem uma forte carga eurocêntrica, marginalizando a África e o porquê do pesquisador aceitar fazer parte de um livro contra as cotas”, declara o Frei. Em resposta às indagações sobre suas supostas declarações contra as cotas, o dr. Pena afirma nunca ter expressado publicamente, em artigos ou revistas, qualquer opinião contrária às cotas e se declara a favor das ações afirmativas. Segundo ele, o Gene já realizou dois testes de genealogia por DNA em pessoas que foram recusadas pelos programas de cotas de universidades que usam identificação fotográfica. Os candidatos eram pardos claros e no teste de genealogia revelaram ancestralidade africana.

“Isto mostra que o teste pode ajudar a manter a sanidade dos programas de cotas raciais”, defende Pena que acredita que o melhor método a se utilizar nas cotas seja o de autodeclaração.

Na opinião do geneticista, em um momento político tão importante para o país, onde aspectos relacionados com cor e raça estão sendo debatidos, o papel da genética deve ser definido. “A esfera da genética é científica e não política. Mas eu vejo que a genética tem um papel significativo de informar o público para se orientar nestes debates com elementos que podem nortear posições políticas racionais”, declara Pena. ■

# UNIP | Universidade Paulista

## Excelência em Pós-graduação

O diferencial que sua profissão merece.



### Lato Sensu

#### GERENCIAIS

- MBA em Administração de Finanças e Banking
- MBA em Administração de Recursos Humanos
- MBA em Administração Geral
- MBA em Arquivologia e Gestão Documental
- MBA em Comércio Exterior e Logística Internacional
- MBA em Controladoria de Empresas
- MBA em Gestão de Finanças ao Mercado Segurador
- MBA em Gestão da Qualidade
- MBA em Gestão de Finanças
- MBA em Gestão de Negócios de Turismo e Hospitalidade
- MBA em Gestão de Organizações do Terceiro Setor
- MBA em Gestão de Projetos
- MBA em Gestão Estratégica: Habilitação em Serviços
- MBA em Gestão Financeira Avançada
- MBA em Logística Integrada
- MBA em Marketing
- MBA em Marketing Internacional
- MBA em Mercado de Capitais
- MBA em Negócios Internacionais

#### EXATAS

- Engenharia de Redes e Sistemas de Telecomunicações
- Engenharia de Segurança do Trabalho
- Gestão de Manutenção Produtiva
- Gestão em Engenharia de Manutenção
- MBA em Gestão de Processos Produtivos

#### TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

- Administração de Infra-estrutura com Linux (CURSO)
- MBA em Gestão de Tecnologia da Informação e Internet
- Programação em Software Livre para Web (CURSO)

- Projeto e Desenvolvimento de Jogos (CURSO)
- Projeto e Desenvolvimento de Sistemas Web
- Segurança da Informação
- Sistemas em Software Livre
- Tecnologia da Informação

#### DIREITO

- Direito Administrativo (CURSO)
- Direito Civil
- Direito do Trabalho
- Direito Internacional
- Direito Penal
- Direito Processual
- Direito Tributário
- MBA em Direito Esportivo

#### COMUNICAÇÃO

- Comunicação e Mídia
- Criação e Design Gráfico (CURSO)
- Marketing e Comunicação de Mercado

#### EDUCAÇÃO

- Educação Matemática
- Língua Inglesa e Tradução
- Língua Portuguesa e Literatura
- Psicopedagogia na Educação

#### SAÚDE

- Administração Hospitalar
- Enfermagem do Trabalho
- Enfermagem em Centro Cirúrgico
- Enfermagem em UTI
- Fisioterapia Neurológica Adulta e Pediátrica
- Fisioterapia Respiratória
- Saúde da Família
- Terapias Manuais

#### ODONTOLOGIA

- Cirurgia e Traumatologia Bucal-maxilo-faciais
- Dentística
- Endodontia
- Implantodontia
- Odontopediatria
- Ortodontia
- Periodontia

#### VETERINÁRIA

- Fisioterapia e Ortopedia em Animais (CURSO)

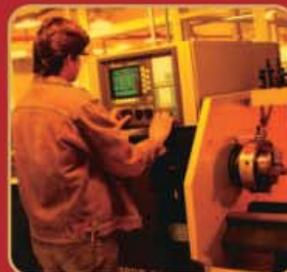
#### PSICOLOGIA

- Arte-terapia
- Psicoterapia Breve Operacionalizada

### Stricto Sensu

#### DOUTORADO

ENGENHARIA DE PRODUÇÃO



#### MESTRADO

ADMINISTRAÇÃO  
COMUNICAÇÃO  
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO  
MEDICINA VETERINÁRIA  
ODONTOLOGIA

Doutorado e Mestrados recomendados pela Capes - MEC.

### CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO PRESENCIAIS COM INTERAÇÃO ON-LINE\*

#### Sistema de Ensino Interativo (SEI)

#### Sistema de Ensino Presencial Interativo (SEPI)

- Administração de Recursos Humanos
- Administração Geral
- Administração Hospitalar
- Direito do Consumidor
- Formação de Professores para o Ensino Superior
- Marketing

\*Os cursos de Pós-graduação presenciais com interação on-line são oferecidos em todos os campi e unidades avançadas (pólos presenciais) da UNIP.

# UNIP

UNIVERSIDADE PAULISTA  
QUALIDADE COMPROVADA

Descontos diferenciados, na Pós-graduação Lato Sensu, para ex-alunos da UNIP e empresas credenciadas.

Informações pelo site [www.unip.br](http://www.unip.br) ou 0800 010 9000

# a genética e os debates das ações afirmativas

Por: Sérgio D. J. Pena, Professor Titular do Departamento de Bioquímica e Imunologia da UFMG - [spena@dcc.ufmg.br](mailto:spena@dcc.ufmg.br)

Ao longo dos anos, a crença na existência de “raças” humanas impregnou-se na trama da nossa sociedade. “Raças” têm sido usadas não só para sistematizar as populações humanas, mas também para criar um esquema classificatório que mantém o *status quo* social e justifica a dominação de alguns grupos por outros. Assim, a persistência da idéia de raça está ligada à visão atávica de que os grupos humanos existem em uma escala de valor.

Os notáveis avanços da genética molecular e o sequenciamento do genoma humano permitiram um exame detalhado da correlação entre a variação genômica humana, a ancestralidade biogeográfica e a aparência física das pessoas, mostrando que os rótulos previamente usados para distinguir “raças” não têm significado biológico. Pode parecer fácil distinguir fenotipicamente um europeu de um africano ou de um asiático, mas tal facilidade desaparece completamente quando penetramos por baixo da pele e procuramos evidências destas diferenças “raciais” nos genomas das pessoas.

Existe na sociedade brasileira uma gra-

ve desigualdade social e econômica que precisa ser combatida e corrigida. Aristóteles já alertava, em sua *Ética a Nicômaco*, que tratar igualmente os desiguais constitui injustiça. Assim, a nossa posição pessoal ecoa a de vários segmentos da sociedade brasileira: chegou

// I have a dream that my four children will one day live in a nation where they will not be judged by the color of their skin but by the content of their character. (Eu tenho o sonho de meus quatro filhos um dia viverem em uma nação onde eles não serão julgados pela cor da sua pele, mas pelo conteúdo do seu caráter).

*Martin Luther King*

// a hora e a vez de iniciar ações corretivas para sanar esta situação de desigualdade. Adotar políticas públicas de ação afirmativa é um dos caminhos possi-

veis e desejáveis. Alguns grupos têm insistido que cor ou “raça” deve ser um dos critérios de acesso a estes programas. Outros argumentam que a ênfase em grupos de cor ou “raça” seria tóxica, pois perpetuaria a discriminação, enfraquecendo a sociedade como um todo e deixando o terreno fértil para a continuidade de práticas racistas. Somos a favor de que seja feita uma ampla discussão deste tema na sociedade antes que medidas políticas irreversíveis sejam tomadas. Acreditamos que aspectos genéticos da formação e estrutura do povo brasileiro devam ser levados em conta neste debate, de uma maneira descritiva e informativa, mas não prescritiva ou normativa.

Estudos genéticos em brasileiros brancos e pretos

Nos últimos 10 anos realizamos estudos sistemáticos da ancestralidade de brancos, pardos e pretos no Brasil, usando marcadores de DNA. Isto gerou inúmeros artigos científicos que podem ser acessados na internet ([http://laboratoriogene.info/Genealogia\\_por\\_DNA/artigos.htm](http://laboratoriogene.info/Genealogia_por_DNA/artigos.htm)).



Foto: Arquivo pessoal

Sérgio Pena

Os nossos estudos demonstraram que a esmagadora maioria das linhagens paternas dos autodeclarados brancos é de origem européia mas que, surpreendentemente, as linhagens maternas no Brasil como um todo, tem uma distribuição bem equilibrada entre as três origens geográficas: 33% ameríndias, 28% africanas e 39% européias, com variações entre as diferentes regiões brasileiras. Estes dados indicam que ocorreu um fluxo gênico sexualmente assimétrico na formação dos brancos brasileiros, com a contribuição européia sendo principalmente paterna e a contribuição ameríndia e africana sendo predominantemente materna. Esta assimetria foi confirmada em estudos

de indivíduos pretos de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, que demonstraram que a grande maioria (85-90%) das linhagens maternas era africana, mas que uma proporção significativa das linhagens paternas (50-60%) era européia. Resumindo, 2/3 dos brancos brasileiros são afrodescendentes ou ameríndio-descendentes pelo lado materno, enquanto mais da metade dos pretos brasileiros são eurodescendentes pelo lado paterno.

Utilizamos, também, marcadores genéticos para pesquisar as correlações moleculares entre cor e ancestralidade. Nossos estudos revelaram que no Brasil, a cor avaliada fenotipicamente tem uma correlação fraca com o grau de

ancestralidade africana estimada geneticamente. Em outras palavras, no Brasil, a nível individual, a cor, como socialmente percebida, tem pouca relevância biológica.

Os estudos genéticos são relevantes para o debate das ações afirmativas?

Tomemos como ponto de partida uma linha de demarcação entre o conhecimento científico e outros tipos de discurso: ao decifrar e apresentar a realidade, as ciências pretendem estabelecer “o que é”. Por outro lado “o que deve ser” pertence ao domínio da filosofia moral e da religião. Isto não quer dizer que a ciência não possa contribuir, pois embora não seja o campo de origem dos mandamentos morais, ela mantém um papel importante na instrução da esfera social. Ao mostrar “o que não é”, ela liberta, ou seja, tem o poder de afastar erros e preconceitos. Daí a nossa visão da genética não como prescritiva ou normativa, mas com um relevante papel descritivo e informativo.

Sobre este ponto, argumentamos a favor da idéia de que o fato científico da inexistência das “raças” deva ser absorvido pela sociedade e incorporado às suas convicções e atitudes morais, podendo reforçar a oposição às crenças em qualquer forma de hierarquia entre povos ou grupos humanos. Argumentamos, também, que uma postura coerente e desejável, especialmente no Brasil, seria a valorização da singularidade e da dignidade de cada indivíduo. Todo brasileiro tem o direito inalienável de ser conceitualizado como um ser humano único em seu genoma e em sua história de vida e não meramente como pertencente a um sexo, religião ou grupo de cor. ■

# Identidade Cultural

*Por: Maurício Pestana, Cartunista e Publicitário  
([www.mauriciopestana.com.br](http://www.mauriciopestana.com.br))*

A personalidade e identidade de uma pessoa ou de um grupo social estão fortemente ligadas às raízes culturais e ancestrais das quais ela/ele se origina.

Tentar identificar as origens, mapeando suas raízes familiares e ancestrais tem sido uma tarefa bastante utilizada por estudiosos do assunto ao longo da história da humanidade, com o firme propósito de responder à eterna pergunta: de onde viemos e para onde iremos? A forte identificação com o grupo ou região de onde se origina é efetivamente um dos caminhos que o homem contemporâneo vem trilhando para tentar explicar traços de sua personalidade; entender suas ações com o mundo externo e compreender e ser compreendido dentro da esfera social e cultural no universo em que atua.

Nesta perspectiva, várias tentativas têm sido feitas no intuito de desvendar, no plano físico e psicológico, algo que explique e/ou reafirme os traços de sua

personalidade e identidade cultural. Podemos citar como exemplo a tendência que temos, em nossa sociedade, de caracterizarmos determinadas atitudes tipicamente do plano cultural para o plano físico e até mesmo espiritual. Caso típico é quando afirmamos que um espanhol tem o sangue quente, como se o sangue dos cidadãos de uma determinada região da Europa fosse diferente do que corre nas veias dos demais seres. Outro exemplo é quando afirmamos que os descendentes de japoneses em nosso país são mais calmos, mais zen, simplesmente porque são descendentes de orientais, não levando em consideração o viés cultural em que essas afirmações estão inseridas. Vamos encontrar nisseis que não são tão calmos assim e descendentes de espanhóis mais zen do que esperávamos. De qualquer forma, a busca pelos traços culturais que dão origem a um determinado grupo, ou a

uma determinada etnia, por si só já carrega uma forte influência cultural, mesmo que no plano inconsciente, dada a imposição de regras comportamentais a que esse grupo seja ou esteja submetido no seu meio.

No plano regional, descobriremos que determinadas regiões do país ou do planeta tiveram fortes influências de outros grupos. E mesmo que hoje a identidade se encontre diluída num universo cada vez mais globalizado, o homem moderno sempre irá procurar identificar-se com essas raízes ou com esses territórios.

Tomemos também como exemplo uma família descendente de alemães, que vive em São Paulo e vai para uma região de colonização alemã, como a Serra Catarinense. Certamente que coisas em comum se dêem neste encontro. O mesmo ocorrerá se trouxermos uma família de descendentes de alemães para São Paulo; é claro que iremos iden-

tificar várias influências dessa família na cidade de São Paulo. É comum vermos nas festas típicas paulistanas as manifestações das diversas colônias que formaram o povo paulistano. Comum também é a identificação de seus descendentes com essa cultura para assim se fortalecerem como grupo étnico-cultural dentro do território paulistano. Seguindo esse raciocínio, o que dizer do povo afro-brasileiro? Quais as suas origens étnicas, culturais, ancestrais e regionais dentro deste país e deste planeta? A quais artifícios recorrer para suscitar uma forte identificação como grupo étnico, cultural e até racial? Em que território ampararíamos, já que somos tão amplos e estamos espalhados por tantos lugares? Como resgatar nossas identidades, uma vez que foi justamente a primeira coisa que nos tiraram quando aqui chegamos, como cargas, como objetos? A que lugar poderíamos chegar e identificá-lo como sendo o nosso lugar, um espaço de encontro com nossos iguais, nossos irmãos, nossas origens, de onde viemos e de onde sairemos para projetarmos nosso futuro? Que lugar é esse que poderíamos chamar de nossa casa, nossa mãe? Há muito tempo, vários militantes do movimento negro, na tentativa de responder a essas perguntas, apontam a mãe África como o local deste planeta que responde a essas nossas indagações. Eu ousaria dizer que, além desse, há um outro lugar que está aqui bem perto.

Um lugar que é o resumo de toda a nossa história de sofrimento e luta, ontem e hoje! Lugar em cujos templos, casas, casarões, ruas e vielas estão estampados os séculos de sofrimento do povo negro; onde a religiosidade ancestral africana se materializa em cada

pessoa, em cada olhar, em cada coração; onde o exemplo da tolerância é colocado à prova a todo instante; onde o desafio da convivência perante a violência, a desigualdade e o racismo se faz continuamente; onde a sabedoria ancestral do espírito africano é confrontada ininterruptamente pela ignorância, a intolerância e a violência física e mental do racismo brasileiro; onde a alegria esconde e conforta a dor; onde o sofrido passado dá lugar a um presente não menos pior, mas que aponta também para dias melhores no futuro. Salvador é tudo isso e um pouco mais, pois é a cidade que melhor representa a presença negra neste país. É também a cidade onde essa pacífica presença é

mais desafiada continuamente. Alguém já disse e costumo repetir: é a Meca do povo negro no mundo, um lugar onde todos devem ir pelo menos uma vez na vida, não só para rezar, orar ou energizar-se, mas também para indignar-se, fortalecer-se, solidarizar-se e iniciar uma verdadeira mudança nas relações raciais deste país.

Cantado em verso e prosa pela sua alegria contagiante, pelo seu vigor cultural, é a cidade, sem dúvida, com o melhor espírito de brasilidade e não coincidentemente a cidade mais negra desta nação, com cerca de 80% de afro-descendentes, uma referência cultural a ser desvendada a cada dia, a cada viagem por gente de todas as cores. ■



Maurício Pestana

# a população negra e seu acesso à educação

*Por: Maria Célia Malaquias, Mestre em Psicologia Social,  
Coordenadora do NAP – Núcleo de Apoio Psicológico da Unipalmares  
mcmalaquias@uol.com.br*

Na atualidade temos assistido a multiplicidade do debate sobre o acesso da população negra à educação em todos os níveis da formação acadêmica, em especial à universidade.

A partir de diferentes perspectivas, que convergem na constatação inegável das visíveis barreiras que dificultam e na maioria das vezes impossibilitam o adentrar, permanecer e concluir os ciclos de escolaridade. Esta teia de relações e interesses tem provocado inúmeros desdobramentos. Ressaltamos que nossa sociedade vive um momento ímpar de tentativas de diálogos, muitas vezes calorosos, agressivos, mas que nos parece menos nocivos do que o investimento na manutenção costumeira da invisibilidade. Não há espaço para neutralidade. A cena protagônica atinge a todos negros e não-negros. No Brasil de hoje torna-se desconcertante a afirmação do mito da democracia racial que acompanhou diversas gerações. As seqüelas da escravidão, ainda presentes no século XXI, são os principais argumentos para se pensar numa política de acesso e permanência dos brasileiros que histórica e sistematicamente continuam à margem.

A Educação é um valor envolvido em significados relacionados à sobrevivência e à vida. Para milhares de famílias negras a relação estudo-trabalho-qua-

lidade-de-vida, se coloca como possibilidade de libertação. Ao apontarmos o protagonismo do acesso da população negra, deparamos sentimentos contraditórios expressões de angústia e medo, que entendemos fazerem parte da transição para o novo. Mudar paradigmas exige disponibilidade para desfazer-se de crenças enraizadas, de um legado recebido como natural. Nos acostumamos com a não-existência de negros nas universidades públicas, ou a contar nos dedos das mãos quantos existiram ou existem, principalmente nos cursos mais disputados. Achamos tão natural quem nem havíamos percebido que tal problemática, hoje, nos parece ser incabível tanta alienação. O debate das Ações Afirmativas, visando a promoção de igualdade, faz parte das mais diversas agendas, quer para aqueles que são a favor, quer para os que são contrários. É fato que não há espaço para indiferença, que atinge a todos nós, pois todos fazemos parte do mesmo grande grupo.

Esta constatação nos leva a apresentar nossas reflexões visando contribuir na construção de um diálogo pautado pela empatia no sentido de que quando eu me coloco no lugar do outro, tenho mais possibilidades para compreendê-lo e, mesmo não concordando, posso ser capaz de respeitá-lo. Precisamos de



*Maria Célia Malaquias*

parceiros interessados no bem comum, para pensarmos, propormos e agirmos na tentativa de ações inclusivas, não apenas no discurso, mas principalmente nas ações cotidianas. As cotas na educação fazem parte de um conjunto de medidas assertivas para inserção e permanência digna e justa da população negra, em especial na universidade. Reconhecemos a academia como um espaço de produção de conhecimento e entendemos que esta produção será mais eficaz se contar com a participação inclusiva e efetiva do povo negro. Temos muito a contribuir, nesse novo momento da história do Brasil. Queremos nos ver e sermos reconhecidos nas nossas diferenças e semelhanças. Somos, sim, os principais protagonistas do novo paradigma. ■

# MaxGov, a solução para relacionamento com o setor público

O MaxGov é o melhor meio para o seu relacionamento com o Governo. A ferramenta torna o envio das suas informações para as entidades governamentais do Brasil muito mais dinâmico e produtivo.

Os recursos oferecidos pelo sistema permitem, entre outras funções, rápidas consultas e criação de mailings baseados no filtro avançado de informações do IBGE.

Ideal para: cerimonial, chefia de gabinete, relações governamentais, agenda de secretárias, entidades de classe, entre outros.

**Aumente os resultados das suas ações com a mais completa solução em relacionamento com o Governo.**



[www.maxgov.com.br](http://www.maxgov.com.br)

3341-2800 / 3346-2266





Foto: Arquivo pessoal

# Agenda Cultural

O melhor da programação em artes e cultura

Por: *Rodrigo Massi, [agendacultural@afrobras.org.br](mailto:agendacultural@afrobras.org.br)*

## Artes Visuais

“Aleijadinho e Seu Tempo – Fé, Engenho e Arte”. Com curadoria de Fabio Magalhães, a exposição apresenta rico panorama sobre as diversas facetas do barroco mineiro por meio de duzentas peças de valor histórico e artístico. As obras de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1738-1814), personagem central da mostra, são os destaques da exposição. Há também trabalhos de artistas como Francisco Xavier de Brito, Mestre Piranga e Mestre Athayde. **Onde:** Centro Cultural Banco do Brasil. Rua Álvares Penteado, 112. **Quando:** de terça a domingo, das 10h às 20h. De 28 de julho a 14 de outubro de 2007. Entrada gratuita. Telefone: (11) 3113-3651 e (11) 3113-3652.



“Cadernos de Literatura Brasileira – 10 anos”. Trata-se de exposição comemorativa dos dez anos dos Cadernos de Literatura Brasileira. Fotos de Edu Simões. **Onde:** Galeria do Instituto Moreira Salles. Rua Piauí, 844. **Quando:** de terça a sexta, das 13h às 19h, sábado e domingo, das 13h às 18h. De 19 de julho a 16 de setembro de 2007. Entrada gratuita. Telefone: (11) 3825-2560.

“Mais do que os olhos captam – arte fotográfica da coleção Deutsche Bank”. A exposição, que tem como temática principal a série e o grande formato, é composta por quase duzentas obras de fotógrafos alemães que marcaram a arte fotográfica após 1945. Curadoria: Friedhelm Hütte, diretor da Deutsche Bank Art. **Onde:** Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). Parque do Ibirapuera, portão 3. **Quando:** de terça a domingo e feriados, das 10h às 18h. Ingressos: R\$ 5,50. Entrada gratuita aos domingos. Telefone: (11) 5085-1300.

## Música

Orquestra Barroca de Veneza. Sob regência do cravista Andrea Marcon, o prestigiado conjunto interpretará obras de Vivaldi e Tartini. **Onde:** Teatro Cultura Artística. Rua Nestor Pestana, 196. **Quando:** dias 24 e 25 de setembro, às 21h. Telefone: (11) 3256-0223. **Mais informações:** [www.culturaartistica.com.br](http://www.culturaartistica.com.br)

## FILE 2007

Maior festival de arte e tecnologia do Brasil, a 8ª edição do Festival Internacional de Linguagem Eletrônica apresenta o trabalho de cerca de 200 artistas com trabalhos nas áreas de net art, web art, animação interativa, hipertexto, web filme interativo, cinema interativo, VRML, games, software art, generative art, inteligência artificial, robótica, música eletrônica, performance, instalações interativas e instalações eletrônicas. **Onde:** Galeria de Arte do Sesi. Avenida Paulista, 1313. **Quando:** segunda, das 11h às 20h; terça a sábado, das 10h às 20h e domingo das 10h às 19h. De 14 de agosto a 9 de setembro de 2007. Entrada gratuita. Telefone: (11) 3146-7405. **Mais informações:** [www.sesisp.org.br](http://www.sesisp.org.br)

# NEGROS EM FOCO

Apresentação: José Vicente  
e Francisca Rodrigues

## Negros em Foco na tevê aberta. Essa conquista é sua.

O programa Negros em Foco acaba de conquistar um importante espaço na tevê aberta: **todos os domingos, às 13 horas, na Rede Gazeta**, você assiste ao programa que fala com você. Entrevistas, política, emprego, saúde e todos os assuntos que fazem parte de nossas vidas. Não perca. Essa conquista é sua.

Assista também aos sábados, às 21 horas, na Boa Vontade TV e na Rede Mundial de Televisão, e aos domingos, às 21h30, na Rede Brasileira de Integração RBI, canal 14 UHF.

Realização: Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural e Unipalmars - Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares.



# O Brasil no High-Level Segment 2007, da ONU

Por: José de Paiva Netto, Escritor, Jornalista e Radialista. É Diretor-Presidente da Legião da Boa Vontade (LBV) - paivanetto@uol.com.br

De Genebra/Suíça, Danilo Parmegiani, representante da Legião da Boa Vontade (LBV) na ONU, relata que — “Acostumados, infelizmente, a ver o nosso querido País ser por tantas vezes destaque na mídia internacional pelo lado negativo, geralmente pela violência que choca, é muito salutar quando os brasileiros ganham repercussão pelo que temos de melhor. E isso se deu entre os dias 2 e 5 de julho, quando a LBV representou — como Organização com *status* consultivo no Conselho Econômico e Social (Ecosoc) das Nações Unidas desde 1999 — a América Latina na mais importante reunião desse órgão: o *High-Level Segment 2007*, no *Palais des Nations*, escritório central da ONU em Genebra.”

“A LBV apresentou, a convite das Nações Unidas, sua experiência de um trabalho socioeducacional realizado há quase 60 anos, a partir do Brasil, e tam-

bém o resultado da 1ª Feira de Inovações Rede Sociedade Solidária, organizada pela LBV e a ONU, ocorrida em março, no Brasil e na América Latina, com a participação de 1.124 entidades dessas regiões. A feira abordou o tema ‘Parcerias globais para o desenvolvimento — Fortalecendo esforços para a erradicação da pobreza e da fome’, com apoio do UN/Desa e do Centro de Informação das Nações Unidas no Brasil (UNIC-Rio)”.

“O encontro de Genebra teve a nobre incumbência de propagar ações que colaborem para o desenvolvimento sustentável e para a melhoria da qualidade de vida do planeta, compartilhando com a sociedade civil, os chefes de Estado, conselheiros ministeriais e alto comissariado da ONU as boas práticas que possam ser multiplicadas, as novas tecnologias sociais e as estratégias intersetoriais para que os oito

Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs) se tornem realidade, especialmente no que se refere à erradicação da fome e da pobreza.”

“A cerimônia de abertura, conduzida pelo secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, contou com representantes dos 192 países membros do Ecosoc. Após esse ato, o secretário visitou a mostra de trabalhos das instituições presentes. No estande da LBV, observou atentamente os painéis com fotografias e histórias de sucesso da organização brasileira, apreciou as pinturas temáticas e recebeu a revista *Globalização do Amor Fraternal* (inicialmente editada em português, inglês e francês), que traz a mensagem de Paiva Netto, alvo de especial atenção dos participantes. Ban Ki-moon registrou seu encontro com a LBV e assinou a capa da publicação, ratificando seu apoio às ações empreendidas pela Legião da Boa Vontade.

A dra. Hanifa Mezoui, chefe do departamento de ONGs do UN/Desa, acompanhou o secretário na visita.”

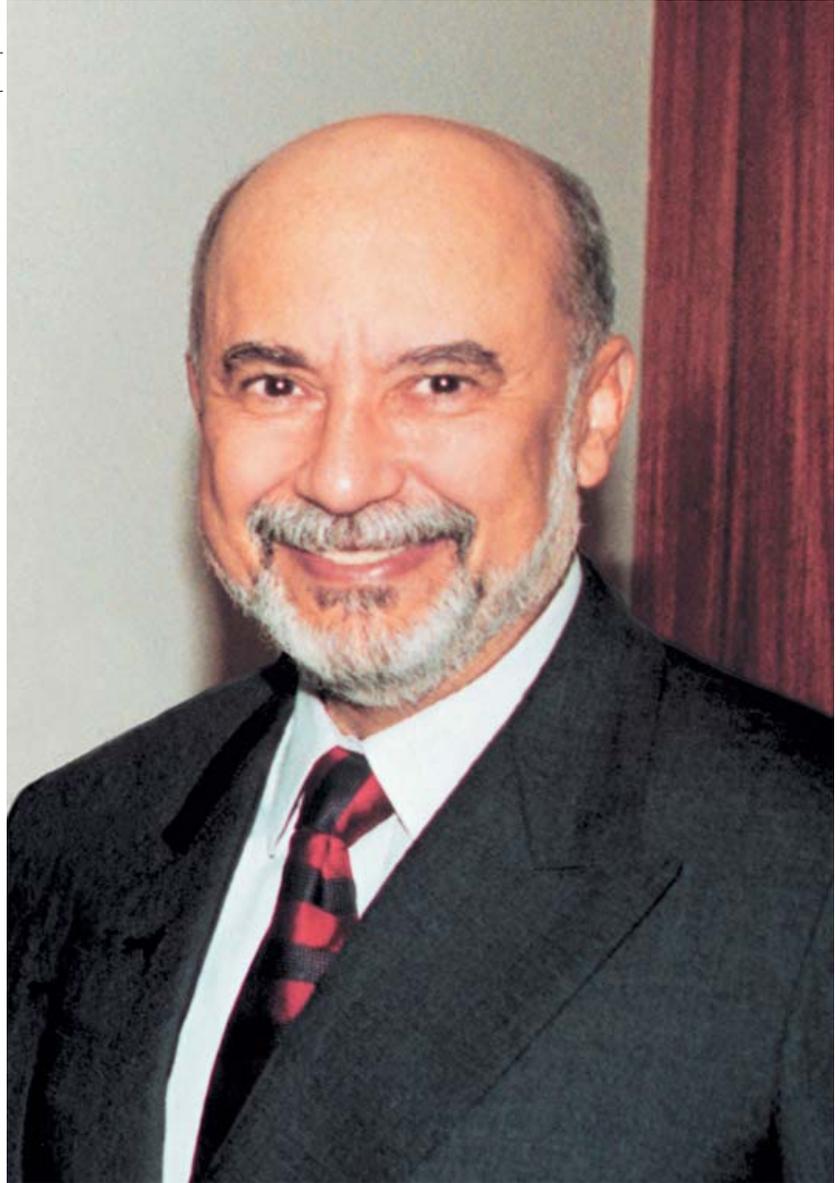
“No dia 4 de julho, em nome da LBV, a doutoranda em educação Maria de Albuquerque discursou na Assembléia do *High-Level Segment*, dirigida pelo vice-presidente do Conselho Econômico e Social, sr. Hilario Davide. A apresentação aos chefes de Estado resumiu o relatório da LBV, cujas recomendações foram traduzidas pela própria ONU para os seus seis idiomas oficiais. (A íntegra pode ser obtida no site [www.redesociedadesolidaria.org.br](http://www.redesociedadesolidaria.org.br)).”

“Depois da palavra da educadora, recebida com entusiasmo pelo público, o dr. Hilario comentou: ‘É poderosa a mensagem da LBV. Somente com a globalização do Amor em todo o seu sentido teremos paz, progresso e prosperidade para toda a humanidade’.

“A dra. Michelle Billant-Fedoroff, chefe adjunta da Seção de ONGs do Ecosoc, enviou um recado especial ao líder da instituição: ‘Senhor Paiva Netto, vim por vocês a Genebra para apresentá-los ao secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, que soube dos trabalhos extraordinários que fazem no Brasil. Ele conhece o senhor e a sua grande organização e os encorajou a continuar nessa ação, agora bem conhecida no mundo.’”

“Nos primeiros dias do evento, importantes autoridades compareceram ao estande da LBV, a exemplo do embaixador da Índia na Suíça e no Estado do Vaticano, sr. Amitava Tripathi, que veio especialmente da cidade onde reside, Berna, para encontrar-se com integrantes da LBV, oportunidade em que expressou seu entusiasmo acerca da revista *Globalização do Amor Fraterno*. ‘O trabalho da LBV é muito impor-

Foto: Arquivo pessoal



*José de Paiva Netto*

tante no cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, porque não é só relevante para o Brasil, mas para toda a humanidade. A pobreza, a fome, a falta de educação básica, são problemas sérios que afetam a todos. Para evitar ou preveni-los, eles precisam ser abordados apropriadamente, discutidos em âmbito mundial, e é por isso que parablenizo a LBV”. Os desdobramentos desses fatos me-

recerão de nossa parte uma série de considerações, tendo em vista sua relevância. Afinal, há muito que se caminhar para alcançar a desejada Sociedade Solidária Altruística Ecumênica, na qual *“todos os seres humanos possam nascer livres e iguais em dignidade de direitos”*, conforme postula a Declaração Universal dos Direitos Humanos. ■

# A

# alfabetização

# no canteiro de

# obra

*Por: Ana Luiza Biazeto, especial para a Afirmativa Plural*

Os instrumentos da construção civil não são apenas trenas, martelos, furadeiras ou tijolos. Encontram-se também lápis, borracha, caneta e boa vontade.

O livro mais completo e importante de um dos maiores educadores do Brasil, Paulo Freire, denominada Pedagogia do Oprimido, de 1968, traduzido em mais de 20 idiomas, tornou-se referência para o entendimento da prática de uma pedagogia libertadora e progressista. Nela foi dito: “(...) Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar”. A imoralidade da discriminação e a maneira de se lutar contra ela são ex-

perimentadas na cotidianidade dos negros brasileiros. Cada qual ao seu modo leva na cor da pele o dever da superação e a força do enfrentamento. A maneira que Ana Luiza Franciscone, diretora da Rhumo Educacional Assessoria Pedagógica, visualizou para livrar uma parte da população da condição de subalternidade foi a educação, por meio da alfabetização de operários da construção civil no próprio canteiro de obras. “O projeto nasceu dentro de uma construtora de grande porte em 1986, onde eu trabalhava na sua idealização e coordenação. Fizemos um levantamento sobre o tempo de duração de uma obra, incluindo os diversos profissionais que entravam em cada fase da construção. Com base nesses

dados, procuramos montar um conteúdo equivalente aos quatro primeiros anos do ensino básico”, conta.

Ao deixar a empresa, a arrojada Ana Luiza investiu na Rhumo para levar essa prestação de serviço ao mercado, de forma independente. “O negócio começou a andar em 1999, quando firmamos uma parceria com o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), por intermédio do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil (Sintracon - SP). Com a liberação de uma verba de R\$ 63 mil escolhemos algumas construtoras e formamos 220 operários em oito meses. Todos saíram alfabetizados, com o certificado da quarta série”, diz. O trabalho da Rhumo, explica ela, não funciona como escola, mas como uma

assessoria educacional. “Depois do curso, levamos os alunos à Secretaria da Educação para terem o estudo reconhecido legalmente, com direito à admissão na quinta série. Com o sucesso dessa primeira experiência, partimos para o treinamento de professores e para a criação de um método próprio apostilado.”

A construtora que adquire o serviço da Rhumo, geralmente através de seu departamento de Responsabilidade Social, segundo Ana Luiza, “quer tirar o operário da cegueira, pois a capacidade dele não está só na força bruta, mas está também no que ele pode aprender”. A empresária relata que a construção civil é um ramo de alta rotatividade, portanto, é preciso que os funcionários saiam melhores do que entraram, para que as empresas possam cumprir a sua função social. “Estima-se que 60% da população da construção civil presente em uma obra seja completamente analfabeta. A iniciativa de colocar 25 cadeiras em uma sala ao lado pode solucionar isso em pouco tempo e a um custo baixo. Para se ter uma idéia, gasta-se em torno de R\$ 26 mil para formar cerca de 25 a 50 alunos durante o período do curso, oito meses.” Trata-se de um nicho de mercado interessante para os educadores, alerta Ana Luiza, “que podem aplicar essa metodologia em outros segmentos que utilizam mão-de-obra carente de alfabetização”. O aprendizado da leitura e da escrita, para estes trabalhadores, pode significar a ruptura do analfabetismo histórico de gerações. A diretora da Rhumo explica que “na maioria das vezes os operários são negros - cerca de 70% -, do Norte ou Nordeste do país, que precisavam trabalhar e não tinham a oportunidade de estudar e, quando iniciam

a alfabetização proporcionada pela construtora, pensam em dar a mesma chance de estudo para filho”.

Segundo Ana Luiza, estudar entre amigos agrega valores ao desempenho do aprendizado. “Com os colegas de trabalho eles interagem. Às vezes vão sentar no canteiro para rever, em dois ou três, o estudo do dia anterior. Diferente do que poderia acontecer na escola pública próxima de suas casas, onde, na maioria das vezes, seriam os mais velhos da sala e isto poderia servir de desestímulo.”

Aos 52 anos, formada em Economia, Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia e Educação Ambiental, a mestrandia em Educação Ana Luiza alfabetizou com seu grupo de professores da Rhumo – que hoje são oito – cerca de dez mil homens. E parece mesmo que a educação nunca faltará.

Há 17 anos, também é dona de uma escola de Ensino Infantil, de período integral, que oferece os serviços de alimentação completa, fonoaudiologia, odontologia, ortopedia e nutricionista. “O intuito é que a escola seja o quintal da casa dos pais. Trabalhamos numa tríade escola, criança e família.”

Quando requisita professores para os empreendimentos educacionais, Ana Luiza procura dar a oportunidade para o profissional negro que se apresenta



Ana Luiza Franciscone

tão preparado quanto outro que não seja da mesma etnia. “Se preciso escolher entre um educador negro e outro que não seja negro, ambos qualificados e competentes, opto pelo primeiro, pois sei que o segundo terá outra chance mais facilmente”, afirma.

Oportunidade a ela faltou uma vez, aos 23 anos. “Fui participar de uma seleção e aguardei na recepção da empresa por um bom tempo, até que uma moça me informou que lá não admitiam negros.” De lá pra cá, os ventos sopram a favor, uma vez que Ana Luiza tracejou um empreendimento focado no desenvolvimento de trabalhadores da construção civil que prova – pelas palavras de Paulo Freire, em Pedagogia do Oprimido – que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. ■

# M Instituto Avon em favor da Mulher brasileira

Entidade pratica a saúde, a cidadania e o bem-estar



Foto: Arquivo Avon

*Campanha Beijo pela Vida*

Mundialmente dirigida por mulher, com a maior parte do quadro de funcionários composta por mulheres e com público consumidor predominantemente feminino, a Avon se orgulha de ter “um universo criado para a mulher”. Por esse DNA, é natural que o Instituto Avon, um dos braços de responsabilidade social da empresa, se una à luta pela afirmação da cidadania feminina. “Os pilares que norteiam as políticas socioculturais da Avon são coexistência, cooperação e co-inspiração, valores que as próprias revendedoras aplicam

em seu dia-a-dia. É por isso que estes preceitos são tão importantes e nos guiam em nosso objetivo de cuidar da vida e da saúde das mulheres”, diz Luís Felipe Miranda, presidente da Avon Brasil. O objetivo do Instituto Avon vai além de promover o desenvolvimento, a auto-estima e o bem-estar de milhares de mulheres Brasil a fora. Seu intuito é conectar pessoas - na busca de uma convivência mais rica e consciente, potencializando a energia feminina que existe em cada mulher e, também, em cada homem. Assim, mobi-

lizando comunidades e parceiros, o Instituto acredita ser possível colocar em prática o propósito de saúde, cidadania e bem-estar.

Atualmente, esse trabalho se dá em três frentes: a Campanha Um Beijo pela Vida, que promove a disseminação de informação sobre a importância da detecção precoce do câncer de mama, apoio e capacitação a projetos com o mesmo fim; o Programa Saúde Integral da Mulher, que capacita profissionais de saúde e pessoas interessadas na promoção da saúde, e a causa da Violência Doméstica.

Até este ano de 2007, o Instituto Avon – que tem apenas quatro anos – já apoiou 59 projetos, aplicando na causa cerca de 10,5 milhões de reais e sensibilizando mais de 750 mil mulheres em todo o país. Além disso, doou até agora 14 mamógrafos, entre outros equipamentos como ultra-sons, para centros de atendimento público, colaborou na montagem de centros cirúrgicos e realizou campanhas informativas maciças. Isso sem contar os outros cinco mamógrafos e demais aparelhos que serão doados aos projetos apoiados agora em 2007.



Foto: Arquivo Avon

*Evento reúne milhares de pessoas em todo o país*

## Campanhas

As campanhas promovidas pelo Instituto Avon extrapolam os limites físicos da empresa, formando uma rede interligada de funcionários, mulheres, profissionais e líderes pela causa contra o câncer de mama. Com a missão de promover a saúde e a qualidade de vida da mulher, durante todo o ano, o instituto, funcionários, revendedoras e parceiros da Campanha Um Beijo pela Vida promovem ações ligadas à detecção precoce do câncer de mama por todo o país. Mas existe um dia especial, em que todos os envolvidos com a causa saem às ruas, vestindo a camisa da campanha. Trata-se de 29 de setembro, quando Um Beijo pela Vida é marcado

por diversos eventos por todo o Brasil, no espírito de união e parceria.

“As grandes líderes desses eventos são as gerentes de setor e as mais de um milhão de revendedoras espalhadas por todo o país, que, voluntariamente, se mobilizam nesse dia. Elas recebem do instituto as orientações necessárias para montar seu evento, em parcerias locais com organizações públicas e privadas”, explica Lírío Cipriani, diretor-executivo do Instituto Avon.

### Um Beijo pela Vida

O nome carinhoso da campanha coordenada pelo Instituto Avon desde 2003 traduz exatamente o que se espera dela: que gestos carregados de amor

possam salvar vidas. Na concepção do instituto, esses gestos só podem ser conseqüências do empenho e da mobilização constante da sociedade para levar todas as mulheres a se submeter periodicamente aos exames de detecção precoce do câncer de mama.

Todos os anos, o Instituto Avon recebe apoio financeiro da Avon Brasil para realizar e financiar as ações ligadas à Campanha Um Beijo pela Vida. A verba é arrecadada a partir de 7% do valor da venda de alguns produtos Avon que estão nos folhetos. Os produtos que apóiam a causa são sempre alterados para que o consumidor possa contribuir constantemente. ■

# é possível crescer mais

Por: *Marcos Cintra, Doutor em Economia pela Universidade Harvard (EUA) - mcintra@marcoscintra.org*

Uma nota técnica publicada no boletim de conjuntura do (IPEA) Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada de junho de 2007 atualiza a estimativa de crescimento potencial do PIB brasileiro com base na revisão das contas nacionais pelo IBGE. O trabalho revela que a capacidade de expansão da economia nacional, sem que haja pressão inflacionária, aumentou para 3,8% ao ano. O número representa quase um ponto percentual a mais do que vinha sendo considerado antes da mudança da metodologia promovida pelo IBGE.

O estudo revela que o aumento do produto potencial da economia brasileira deve-se fundamentalmente ao crescimento da produtividade. Ou seja, mesmo com a redução da taxa de investimento a capacidade produtiva do país cresceu.

Outro aspecto importante levantado na nota do Ipea, e que serve de alerta, refere-se à evolução do hiato do produto nos últimos trimestres. A diferença entre o PIB potencial e o PIB efetivo está variando em torno de zero. Isso indica que não há capacidade ociosa suficiente para sustentar um crescimento a taxas mais elevadas que os 3,8% ao ano. Porém, isso não significa que o país não possa crescer 5% ou 6% em um ou outro ano, mas não

será possível um crescimento sustentável por vários anos a taxas maiores que a do PIB potencial sem que haja descontrolado inflacionário ou desequilíbrio nas contas externas.

Nossa perspectiva de crescimento econômico continua medíocre. A ONU publicou recentemente um relatório mostrando a expectativa de crescimento para as 25 maiores economias emergentes em 2007 e o Brasil ficou na penúltima posição. A projeção para a economia brasileira é de 3,5%, enquanto que na Rússia, Paquistão, Índia, China, Argentina e Chile o PIB deve se expandir entre 6% e 9%. Cabe lembrar que nos últimos 10 anos o crescimento médio do PIB brasileiro ficou na casa dos 2,5% ao ano, enquanto que os principais emergentes cresceram em média na casa dos 7% ao ano.

Ano após ano a economia brasileira registra desempenho sofrível. Mesmo com a recente revisão das contas nacionais pelo IBGE as taxas de expansão do PIB ficaram abaixo da média mundial, e muito aquém da registrada em outras economias emergentes.

Muitos críticos enfatizam a necessidade de reduzir os juros para fazer o país a taxas mais elevadas. É indiscutível que o custo do crédito é um dos entraves à expansão do PIB, mas é pre-

ciso mais para colocar a economia brasileira numa trajetória de expansão próxima a das economias emergentes. O Brasil pode aumentar sua taxa de crescimento de longo prazo. Ações que estimulem o aumento da produtividade e a expansão da taxa de investimentos são imprescindíveis. Além disso, é preciso ainda uma revolução qualitativa na péssima educação do país e que as reformas estruturais, como a política, a tributária e a previdenciária, sejam implementadas. Porém, é desalentador ver que os governantes por aqui não assumem suas responsabilidades. A esculhambação tomou conta da política nacional e toda a sociedade está pagando um custo altíssimo por conta disso. ■



Foto: Arquivo pessoal

Marcos Cintra

# Rodízio e o Engarrafamento

Por: *Rosenildo Gomes Ferreira,*  
*Repórter da revista IstoÉ Dinheiro*

Foto: Arquivo pessoal



*Rosenildo Gomes Ferreira*

Quem não mora na capital paulista talvez não saiba que, por aqui, os carros têm dia e hora para circular pela região conhecida como Centro Expandido. Trata-se de uma área de exclusão para veículos de passeio (os carros ditos oficiais não estão sujeitos à regra), de acordo com o número final da placa. Funciona assim: segunda-feira não podem rodar no horário de pico da manhã e da tarde carros com placas final 1 e 2, e assim sucessivamente. Quem desrespeitar leva multa de R\$ 85,13 e tem anotados quatro pontos na carteira.

O rodízio nasceu em meados da década de 90 como solução bolada pelo governo do Estado para “resolver” o problema da poluição que afeta a cidade. O desgaste político e o malogro, já que os efeitos na saúde do paulistano foram zero, fez o governo abandonar a idéia. Os áulicos da prefeitura, no entanto, viram aí uma chance de engordar os cofres públicos com as multas. A desculpa, nesse caso, era a garantia de usar os recursos para melhorar o trânsito, especialmente, o transporte público de massa: trem e metrô.

Desnecessário dizer que decorridos 10 anos nada mudou. As passagens de ônibus, trem e metrô de São Paulo continuam as mais caras do País. A promessa de expansão das linhas ficou no papel e, “como vingança”, boa parte da classe média incorporou um segundo

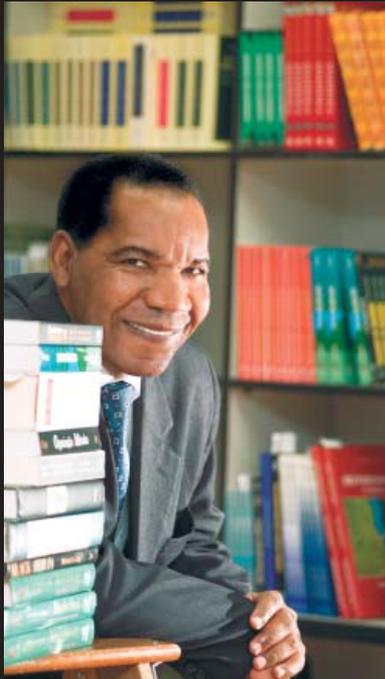
ou terceiro carro à sua frota, para rodar nos dias proibidos. Resultado: mais poluição e mais trânsito.

Gerenciar o trânsito em uma megalópole como São Paulo é, de fato, difícil. Especialmente quando o discurso bem-intencionado não passa de manobra para esconder artimanhas arrecadatórias. Algum de vocês, caros leitores, já ouviram falar em “indústria da multa?”. Pois é. Apesar da montanha arrecadada com o rodízio e outras infrações cometidas pelos motoristas, o trânsito paulista continua caótico. A poluição continua em níveis inaceitáveis. O transporte público continua com qualidade de quinto mundo e as tarifas seguem no padrão sueco.

Segundo o jornal o Estado de S. Paulo, a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET-SP) ameealhou R\$ 3,2 bilhões no período 1997-2006. A pergunta que fica é: Quanto disso foi alocado na melhoria do trânsito e na qualidade e na universalização dos transportes públicos? Pouco, muito pouco. Na quarta maior metrópole do mundo, o acesso ao transporte continua sendo um privilégio. Não faltam trabalhadores que têm de cumprir jornadas diárias de até 10 quilômetros a pé. Vale-transporte? Bem, dependendo da empresa é colocada a seguinte questão ao candidato a funcionário: O emprego ou o vale-transporte, você decide!

Quando falam em soluções para o caos do trânsito urbano, os “especialistas de plantão” sacam os surrados argumentos, muitas vezes acondicionados em novas embalagens: Extensão do rodízio! Pedágio urbano! Construção de avenidas expressas pedagiadas! Todos têm algo em comum: “assaltar” o bolso da classe média. Mas nada, absolutamente nada, é dito sobre a engenharia de trânsito. É notório que pistas bem sinalizadas e semáforos (ou sinais como gostam os cariocas) inteligentes ajudam na fluidez do tráfego. Campanhas educativas regulares ajudam a melhorar a qualidade do motorista e, por extensão, do trânsito. Transporte público de qualidade, ônibus com ar-condicionado (e rotas inteligentes) e abundância de linhas de metrô ajudam a estimular o uso do transporte público, independentemente do status social. É isso que ocorre em Londres, Nova York e até no Rio de Janeiro.

Ao invés disso, assistimos à sanha arrecadatória de sempre. Sem que ninguém seja obrigado a prestar contas do uso desse dinheiro que, não é fácil imaginar, é diluído na máquina que alimenta a burocracia. Enquanto isso, quem depende de trem, ônibus ou mesmo do carro para ganhar o pão de cada dia segue rezando por tempos melhores. Até quando? ■



José Vicente

# educação para a liberdade

*Por: José Vicente, Presidente da Afrobras e Reitor da Unipalmars*

É lugar comum entre os mais e menos conceituados analistas que, sob qualquer análise, os dados comunicados sobre os mais variados aspectos da educação de massa brasileira são totalmente irrepreensíveis no sentido de indicar a exata distância que estamos do sentido de promover o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, definido no texto constitucional. O efetivo desenvolvimento das aptidões, das potencialidades e da personalidade da pessoa humana apresenta-se como contradição insuperável diante do quadro desenhado e somente os mais destacados ufanistas conseguem enxergar luz ao fim desse tenebroso túnel. Mas, se a educação de primeira linha e que permite o acesso seletivo aos poucos que apresentam disponibilidade financeira tem como resultado jovens que agridem empregada doméstica em ponto de ônibus, quando imaginavam que

fosse prostituta, aí, então, deveremos haver chegado à beira do precipício. Deveria ser suficiente para desistirmos. Todavia, é justamente essa informação absurda que nos leva a compreender que não há caminho de volta, que a solução não está em outro lugar, que não é possível pular etapas ou fingir que não temos nada com isso. Será justamente pela fresta que poderemos desvendar o caminho final para devolver à educação o verdadeiro sentido objetivo dos seus fundamentos. O mundo é nosso, o país é nosso, a cidade é nossa e os filhos também são nossos. E, para mantê-los fortes, vivos e libertos não existe outro caminho mais destacado que não aquele que privilegia a educação como matéria de primeira necessidade, e não há sentimento mais nobre, que cada vez mais se reforça na consciência coletiva do que aquele da verdade final de todas as coisas: sem educação não há liberdade.

Pobreza, miséria e falta de oportunidades são ingredientes terríveis para expulsar os jovens da escola. Corrupção, incompetência e escolhas equivocadas são combustíveis inseparáveis para provocar a destruição da educação, mas ignorância e desinformação escravizam homens e mulheres e colocam de joelhos qualquer nação. Não nos cansaremos nunca de procurar em todos os cantos uma resolução definitiva para a tão judiada e combalida educação da maioria dos brasileiros, pois, como muito bem sintetiza nosso manifesto: “é este o princípio que norteia nossas iniciativas, que sustenta nossas certezas e nos move em direção ao futuro”. Nação de joelhos é presa fácil para as mais variadas aventuras e os mais variados aventureiros. Sem educação não haverá libertos, nem a segurança da liberdade, ou seja, em alto e bom som, sem educação não há liberdade. ■

# UNIPALMARES, CAMPUS BARRA FUNDA. MAIS OPORTUNIDADE PARA VOCÊ.

A Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares acaba de inaugurar seu novo campus, o campus Barra Funda, um espaço de 15 mil m<sup>2</sup>, com instalações amplas, modernas e confortáveis, que aumenta a capacidade de 2.000 para 5.000 alunos. A Unipalmares é a primeira instituição de ensino superior, na América Latina, voltada para a inclusão do negro. Uma universidade completa, diferente de todas as outras, a Unipalmares reserva 50% das suas vagas para negros, promovendo a integração, o diálogo e a diversidade. Com o novo campus, a Unipalmares se afirma como um projeto vitorioso, uma prova de que, com trabalho e dedicação, é possível colocar a Educação ao alcance de todos os cidadãos, principalmente daqueles historicamente excluídos.



Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares  
Rua Padre Luís Alves de Siqueira, 640 - Barra Funda  
11 3392-6005 [www.unipalmares.org.br](http://www.unipalmares.org.br)

Realização: Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural



A COLOMBO  
MOSTRA O  
SEU RESPEITO  
NA PRÁTICA.

Foi a primeira empresa brasileira  
a assinar o acordo de cotas  
para afrodescendentes com  
o Sindicato dos Empregados  
do Comércio de São Paulo.  
Não é por acaso que é a maior  
rede de moda masculina do país.

TUDO EM ATÉ  
**12X**  
SEM JUROS\*

São mais de 100 lojas em todo o Brasil.

  
**Colombo**  
o modo inteligente

[www.camisariacolombo.com.br](http://www.camisariacolombo.com.br)

Le Pera

\* No cartão Colombo Aura. Parcela mínima de R\$ 25,00. Crédito sujeito a aprovação.